



PARLAMENTO LATINO-AMERICANO

# Meio ambiente e segurança estão na pauta do encontro

Pela primeira vez, a Paraíba irá sediar a reunião do Parlatino, com a participação de 23 países. **Página 13**



Foto: Arquivo pessoal

**Fake news:** prevenir ainda é melhor que apenas remover

Especialista em direito digital, advogada Fernanda Carvalho orienta como identificar as notícias falsas.

**Página 4**

Estado é o 3º maior produtor de palma forrageira do país

Produção da planta, que protege rebanhos na seca, representa 12,39% do volume colhido no Brasil.

**Página 18**

Canudos de plástico passam a ser proibidos na Paraíba

Lei estadual entra em vigor no dia 8 de setembro. Material pode demorar 400 anos para se decompor.

**Página 20**



**Correio das Artes**

A vida e a arte da atriz, professora e presidente da Academia Paraibana de Cinema é o tema da reportagem de capa da edição que circula hoje.

Foto: Milton Michida/Estadão Conteúdo



**Há 30 anos, Legião Urbana fazia show histórico em JP**

Fã recorda a primeira - e única - passagem da banda pela Paraíba com a formação original e como conseguiu ter um momento privado com o vocalista Renato Russo (foto).

**Página 9**



Ilustração: Tônio

**Quem são os verdadeiros heróis da história do país?**

Narrativa tradicional exclui os indígenas e só enxerga os portugueses quando se fala em colonização e nas batalhas ocorridas no NE. **Página 25**

■ “A psicanálise freudiana fundamenta que o conteúdo do sonho faz parte do ser humano, que tem que se suportar e se responsabilizar em seus impulsos, sejam bons ou maus, segundo as normas sociais”.

Klebber Maux Dias

**Página 10**

■ “Vicente Celestino, por exemplo, nos legou a gravação de uma das mais retumbantes composições dentro dessa perspectiva dita ufanista: ‘Terra Virgem’, parceria dele com Mário Rossi (gravação de 1942)”.

Professor Francelino Soares

**Página 27**



Foto: Roberto Guedes

**Uma praça símbolo da Independência**

Construída em um período de expansão da capital paraibana, no início do século 20, a Praça da Independência completa, este mês, seu primeiro centenário.

**Página 5**

# Editorial

## Pautas sérias

Os homens e mulheres que já disputam - ou irão disputar, no futuro próximo, de acordo com os respectivos calendários eleitorais - a liderança político-administrativa de países localizados na América Latina e no Caribe, precisam contornar querelas de menor importância e canalizar energias para as pautas sociais de maior urgência. Uma delas, sem dúvida, é a necessidade de geração de emprego e renda nessas regiões.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) avalia que até houve recuperação do emprego, na América Latina e no Caribe, após a pandemia de Covid-19 (a instituição demonstra já considerar extinto o surto da doença), mas alerta para um “futuro complexo e incerto”. A tendência, tomando-se como referência 2022, é aumentar ainda mais a desocupação, a informalidade e o número de trabalhadores (as) pobres.

Os fatores que contribuem para deteriorar o quadro econômico, na América Latina e no Caribe, seriam o “baixo crescimento econômico, a alta inflação e uma crise global agravada pela agressão da Rússia à Ucrânia”. Esse coquetel venenoso teria enorme poder de corrosão, tanto na quantidade quanto na qualidade dos empregos, além de estender o duro impacto da crise gerada pela pandemia na região sobre o trabalho.

Uma das soluções para este problema, apontada pela diretora regional interina da OIT para a América Latina e o Caribe, Claudia Coenjaerts, seria a criação de emprego formal, que ela considera de fundamental importância “para enfrentar um cenário de menor dinamismo econômico e de perda de poder aquisitivo”. A preço de hoje, os empregos são instáveis, geralmente com baixa renda, sem proteção nem direitos trabalhistas.

A dirigente da OIT destaca a alta da inflação como fator preocupante, vez que, segundo sua análise, “tem impactos significativos nos mercados de trabalho. Para Coenjaerts, “a perda do poder aquisitivo da renda do trabalho é o que dá origem ao chamado ‘fenômeno do trabalhador pobre’. Significa dizer “que as pessoas podem viver em situação de pobreza mesmo tendo um emprego, até mesmo um emprego formal”, conclui.

Há um apelo implícito nesse diagnóstico, que vale, evidentemente, para o Brasil. É preciso investir “na criação de mais empregos formais, com uma articulação com políticas ativas, formação profissional e políticas setoriais”, além de “reforçar as instituições laborais, em particular, o salário mínimo e a negociação coletiva, em um quadro de diálogo social”. Descuidar disso é chover no molhado, para dizer o mínimo.

## Artigo

Luiz Carlos Sousa  
luizcarlosjp@gmail.com | Colaborador

### Excelência, archive o feito, por favor

Nos corredores da Justiça há muitas histórias surpreendentes sobre alguém reivindicando algum direito, se explicando, contando versões ou à espera de uma sentença, de um alvará, de um recurso. Mas, muitas dessas histórias são frutos de uma grande batalha, especialmente as que envolvem mães requerendo de pais que deixaram o lar, seja qual for motivo, e não querem sequer garantir a pensão alimentícia para os filhos.

Uma delas me chamou a atenção tal a crueldade do pai. Me foi narrada por uma advogada militante, que conseguiu, com audácia, astúcia e uma espezteza singular, reverter uma situação que não seria resolvida por acordo e acabaria dependendo de julgamento, que geralmente demora por causa do acúmulo de processos em cada Vara, o que sobrecarrega os juizes.

Vamos à história: um pai separa-se da mãe e fica com a guarda dos filhos ainda pequenos, com dois e três anos. A mãe vai embora só e deixa com ele a responsabilidade de cuidar da saúde, de alimentar, dar carinho, enfim substituí-la em todas as situações, o que muitos chamam de “pãe”.

Cuidou dos filhos durante dois anos até encontrar outra companhia, com quem casou-se. Levou com ele, obviamente, os filhos menores. A nova esposa aceitou cuidar das crianças como se fossem dela dedicando amor, carinho, ensinando, enfim assumiu o papel de mãe em toda a plenitude, que a tarefa materna exige.

Mas, tempos depois, o pai encara nova separação. E dessa vez, deixa os filhos sob os cuidados da mãe que os criara. O pai foi quem deixou a casa e as crianças. A mulher não fugiu ao desafio e manteve os cuidados com os dois, dando-lhes amor e se mantendo atenta às necessidades, quer em relação à escola ou à saúde. Orientando, ensinando,

educando.

O pai foi embora e não assumiu nenhuma responsabilidade. Nem sequer a de garantir o alimento das crianças. Agia como se não fossem dele. Nada de escola, remédios, roupa, transportes, diversão.

À mãe não restou a alternativa senão recorrer à Justiça para pedir pensão alimentícia. E não pediu muito, pois queria apenas o necessário para comprar a comida das crianças, embora por ter se dedicado a elas não tivesse condições de trabalhar ou de se reciclar para tentar uma colocação. Pediu R\$ 100 para cada criança.

Diante do juiz o pai apresentou todo tipo de argumentos para justificar que não poderia assumir tal compromisso, pois ganhava “X” e se desse essa “fortuna” não teria como sobreviver. O juiz se esforçou buscando uma conciliação, mostrou que a quantia era irrisória e que a lei estabelecia a pensão, portanto, não havia como ele se furtar do que determinava a legislação.

O pai estava irredutível: aquela quantia não seria possível.

Foi aí que a advogada da mãe pediu a palavra e surpreendeu:

-Excelência, diante da impossibilidade do pai aquiescer e concordar com o valor pleiteado, solicito a vossa excelência o arquivamento do feito.

Foi um alvoroço. Nenhum dos presentes entendeu o que a advogada queria. O juiz interveio:

-Doutora, é isso mesmo, o arquivamento do feito?

Sim Excelência. Já que o pai não quer pagar R\$ 100 por criança a título de alimentos, o senhor arquiva aqui e eu imediatamente entro na Justiça do Trabalho pedindo um salário mínimo por cada filho para que ela seja remunerada pelo trabalho de cuidar dos filhos dele.

Em dois minutos, o acordo foi feito e o pai assumiu a responsabilidade de pagar os R\$ 200 por mês a título de alimentos.

## Foto Legenda

Evandro Pereira



O pão de cada dia nas ruas

## Artigo

Rui Leitão  
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

### O Repórter Esso

Quando não existia TV, nossa referência como programa noticioso era o Repórter Esso. Foi o primeiro noticiário do rádio-jornalismo brasileiro. Era patrocinado por uma empresa norte-americana chamada Standard Oil Company of Brazil, conhecida como Esso. Seu slogan era: “O primeiro a dar as últimas notícias e testemunha ocular da História”. Sua primeira transmissão aconteceu pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em agosto de 1941, fazendo a cobertura da Segunda Guerra Mundial. As matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias dos Estados Unidos, a United Press. A proposta era exatamente fazer a propaganda daquele conflito bélico em favor dos Estados Unidos para nós brasileiros.

Sem dúvida, apesar do direcionamento político alinhado ao governo norte-americano, foi a escola do rádio-jornalismo nacional. Tinha a duração de cinco minutos, em quatro edições diárias, sempre abrindo com uma “notícia urgente”. A estrutura sintética do noticiário do Repórter Esso, ainda é observada até hoje pelos veículos de comunicação nos seus programas jornalísticos. Suas características eram a pontualidade, texto vibrante e sucinto, tentando aparentar neutralidade na informação. O fato é que o Repórter Esso pairou absoluto durante vinte e sete anos no rádio brasileiro.

A posição ideológica era notada nas suas primeiras edições, durante a guerra, pelas expressões relacionadas aos norte-americanos, tais como: “poderosas forças”, “vigorosas lutas” e “histórica resistência”. Enquanto depreciava os adversários chamando-os de “tragicômico Duce”, “sanguinário fascismo” e “vermelhos” quando se referiam aos russos, chineses e norte-vietnamitas. Seus apresentadores mais conhecidos foram: Romeu Fernandes, Rubens Amaral, Celso Guimarães e Heron Domingues, este último o mais consagrado dentre eles.

Apesar da sua vinculação com o governo ianque, não escapou à censura da

ditadura militar. Em primeiro de abril de 1964, logo após o golpe, o apresentador Fábio Perez, da rádio Tupi, foi barrado por um oficial do Exército, sob a justificativa de que a revolução tinha se consumado e que, a partir de então, tudo tinha que passar pela análise prévia dos censores.

Ainda hoje guardo na memória a entonação vibrante de Heron Rodrigues nas suas apresentações. Era impecável na postura e no ritmo da leitura do que noticiava, adotando um padrão narrativo que serviu de parâmetro para os programas jornalísticos que o sucederam. Quando ouvíamos de longe a vinheta de abertura, corríamos para aumentar o volume do rádio na intenção de tomar conhecimento do que se passava pelo mundo e pelo Brasil.

Foi, portanto, através do Repórter Esso que acompanhamos os principais fatos políticos, sociais e econômicos, que construíram parte da história do país e do mundo. Várias gerações, inclusive a minha enquanto pré-adolescente, cresceram ouvindo e acreditando no que noticiava o Repórter Esso. Ficava fácil para os americanos fazerem a nossa cabeça, usando o rádio como instrumento político. Havia uma nítida intenção de influenciar a opinião pública. O rádio era o único veículo utilizado como meio de massa. Nos anos quarenta a Rádio Nacional monopolizava o noticiário nacional. O monopólio midiático já atuava como manipulador da consciência popular. Foi nesse programa que o deputado Rubens Paiva fez o famoso discurso contra o golpe, no dia 1º de abril de 1964. Por sua posição contrária à ditadura militar, foi preso e torturado em 1971, até ser dado oficialmente como desaparecido.

Sua última edição ocorreu na noite de 31 de dezembro de 1968, pela Rádio Globo, sendo conduzido pelo jornalista Roberto Figueiredo. O locutor não conteve a emoção e chorou ao apresentar aquele que seria o derradeiro Repórter Esso, sendo substituído, por alguns instantes, por Heron Domingues.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Foto: Pixabay

Conteúdo específico para a internet e novas linguagens são utilizados para atingir diversos públicos na Paraíba

## CAMPANHA POLÍTICA

# Marqueteiros focam nas redes sociais sem esquecer tradições

88% da população paraibana acessam a internet por quatro horas diárias

Ana Flávia Nóbrega  
 ana8flavianobrega@gmail.com

■ No interior, as antigas práticas de comícios, corpo a corpo e passeatas ainda estão valendo, junto com a internet

As eleições de 2022 possuem um aspecto diferente de outras anteriores. Com a força dos aplicativos de vídeos nas redes sociais, as campanhas, que já haviam saído do corpo a corpo nas ruas, se consolidaram ainda mais na internet. No Brasil, como um todo, 159 milhões de pessoas acessam as redes sociais diariamente

com uma média de 5h diárias, sendo o terceiro em todo o mundo com mais usuários nas plataformas.

Na Paraíba, dos 4.059.905 da população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 3,9 milhões acessam as redes sociais diariamente, atingindo aproximadamente 88% da população com acesso de 4h diárias. O número é, inclusive, superior ao total de eleitores, que somam 3.091.684 aptos.

Com uma movimentação alta, as coordenações das campanhas políticas centram as energias nas plataformas digitais na tentativa de converter os seguidores e visualizadores em possíveis votantes. De acordo com o professor Rodolpho Raphael de Oliveira Santos, que é mestre em Comunicação e especialista em Mídias Digitais, Comunicação e Mercado, as campanhas buscam se adequar cada vez mais à nova realidade.

“Hoje as coordenações de campanha passaram por um processo de reconfiguração muito forte. E, dentro desse processo, elas precisaram se adequar à nova forma que o eleitor pensa e produz a partir do conteúdo produzido”, declarou.

Com a transição da sociedade off-line para on-line, existem novas possibilidades a serem exploradas. Apesar de produzirem, por exemplo, vídeos curtos para novas plataformas resumidos em poucos segundos, por trás estão grandes produções e inúmeros profissionais envolvidos. A aposta e o investimento não são em vão. Isto porque, também inseridos em uma sociedade de consumo, os eleitores são como consumidores, prestes a escolher um produto para comprar e defender.

“Quando a gente fala em marketing digital, nós levamos em consideração dois pontos importantes: o primei-

ro deles é a humanização do processo e, depois, os advogados de marca. O político hoje é uma marca, um produto que está sendo vendido, e o eleitor ‘compra’ o político através do voto, do discurso que é formado, através de todas as estratégias de marketing político. Todas essas ferramentas fazem com que o eleitor possa ter o processo decisório muito mais aguçado”, afirmou o especialista.

Através das redes sociais, o professor mapeia estratégias e o público paraibano nas redes sociais, com foco no marketing político, onde apontou as redes mais acessadas pela população do estado: 3,4 milhões no YouTube; 3,3 milhões no WhatsApp; 3,1 milhões no Facebook; 2,9 milhões no Instagram; 1,4 milhão no Twitter; e 1,2 milhão no TikTok, com dados extraídos do relatório digital da colaboração entre a We Are Social e a Hootsuite.

## Linguagem jovem para atrair novo “nicho”

Redes sociais são, majoritariamente, sobre relacionamentos. Estar presente onde o seu público-alvo está é um pressuposto para que haja conexão. Por isso, todos os candidatos ao Governo do Estado, por exemplo, estão nas redes sociais. Essa aproximação contribui, inclusive, para a reestruturação da confiança do eleitor e da população no geral na política, que vem perdendo forças e sendo atacada há alguns anos.

Em especial, para as eleições deste ano, a ênfase é a aproximação com o público jovem. De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a faixa etária de 16 a 17 anos, que possuem voto facultativo, teve um crescimento de 51,13%, saindo de 1,8 milhão em 2018 para 2,1 milhões. A Justiça Eleitoral informou que o crescimento é resultado de campanhas promovidas para conscientizar os jovens sobre a importância do voto, que ocorreram principalmente nas redes sociais e liderados por artistas de grande expressão, como a cantora Anitta, um dos principais destaques no incentivo à emissão do título de eleitor para os jovens durante os quatro primeiros meses do ano.

**Equilíbrio**  
**Campanha para governador da Paraíba faz uma combinação das ruas e das redes. O público mais jovem - de 16 e 17 anos - merece atenção especial**

“Se faz necessário entender a forma como o público jovem se comunica; ter conhecimento sobre seus principais anseios, estar presente nas redes sociais onde eles se concentram e produzir com linguagem adequada um conteúdo voltado para cada uma dessas redes”, lembra o especialista Rodolpho Raphael.

Mesmo com a força das redes sociais, as mídias analógicas não devem ser colocadas de lado, já que é ela quem poderá atingir mais pessoas diante de um contexto de déficit da democratização do acesso à internet em todo o país.

“Dentro dessa estrutura que é montada para uma campanha, com uma linguagem

e dinâmicas que são próprias para o eleitor, com o intuito e o objetivo de fazer com que ele, de fato, vote naquele candidato, a presença midiática vai ser preponderante para que isso aconteça. Por mais que estejamos vivendo o processo de mídia digital, as mídias analógicas exercem um poder muito forte, que é o de massificação. Rádio e TV são extremamente importantes para a tomada de decisão do eleitor no voto”, explicou o professor.

Em contato com as coordenações de campanhas dos candidatos ao Governo do Estado, representantes dos candidatos Pedro Cunha Lima (PSDB), Nilvan Ferreira (PL) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB) não retornaram até o fechamento da matéria. As campanhas de Adjany Simplicio (Psol) e do atual governador João Azevêdo informaram que utilizam e centram as atenções em todas as relações: pé no chão, mídias analógicas e redes digitais sociais.

“O Psol constrói uma campanha junto com a militância, com o pé no chão, a partir das demandas da população, a campanha é uma combinação dos dois. O Psol reconhece a importância

das redes sociais, mas, sobretudo, destacamos e reconhecemos a importância de fazer esse diálogo corpo a corpo com as pessoas nas praças, nas feiras e nos diversos espaços. Estamos ocupando os espaços das ruas e das redes e tendo uma ótima receptividade das população com as nossas candidaturas”, afirmou Áurea Augusta, coordenadora da campanha majoritária do Psol.

“A campanha está forte nas ruas e nas redes, com adesão altíssima nas atividades de rua e grande engajamento nas redes sociais do governador. As ações de mobilização são combinadas para que a militância colabore e participe nessas duas frentes. Cada evento possui uma característica distinta, mas todos funcionam: adesivagem, caminhada, mobilização digital, caravana”, informou a coordenação geral de campanha do PSB.

Cada região do estado possui as suas particularidades, com estratégias distintas para cada um. No interior, a maior força são as manifestações de mobilização com caminhadas, comícios e similares, apesar de também estarem presentes no meio digital.

## UN Informe

Ricco Farias  
 papiroeletronico@hotmail.com

### EM 1919, PARAIBANO FOI ELEITO PRESIDENTE SEM SEQUER FAZER CAMPANHA: ESTAVA NA EUROPA

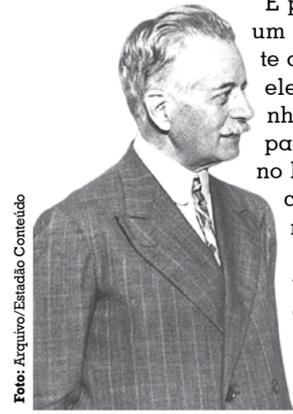


Foto: Arquivo/Esadão Conteúdo

É possível imaginar que um candidato a presidente da República possa ser eleito sem fazer campanha, por estar ausente do país? Pois isso já ocorreu no Brasil, em 1919. O vencedor? Foi o senador paraibano Epitácio Pessoa (foto). “Os brasileiros votaram na eleição presidencial mais esdrúxula da sua história. Num caso sem paralelo, os eleitores que foram às urnas em 13 de abril

de 1919 deram vitória a um candidato que havia passado todo o período eleitoral em Paris. Foi Epitácio Pessoa, que não voltou ao Brasil nem sequer para fazer campanha ou votar”, registra Ricardo Westin, na série “Arquivo S”, do Senado Federal. O senador paraibano só retornou ao país em julho, já eleito presidente, faltando uma semana para ser empossado – ele estava na Europa como chefe da delegação brasileira na Conferência da Paz. Foi uma eleição fora de época, após a morte do presidente Rodrigues Alves, por gripe espanhola. “Quando a inesperada sucessão foi aberta”, relata Westin, “Epitácio já estava fora do Brasil. Uma carta dos caciques políticos logo chegou ao Hotel Plaza, onde o brasileiro estava hospedado em Paris, avisando que ele se preparasse, pois seria o candidato do establishment”. Ele disputou com o senador Ruy Barbosa.

### AINDA SEM FUNDO PARTIDÁRIO

A menos de 30 dias para o término do primeiro turno, boa parte dos candidatos a senador da Paraíba não recebeu dinheiro do fundo partidário para as suas campanhas. Nessa lista estão Bruno Roberto (PL), Sérgio Queiroz (PRTB), Manoel Messias (PCO) e Ricardo Coutinho (PT) – o petista não recebeu ainda por proibição da Justiça Eleitoral, porque a sua candidatura está sub judice.

### COM OS REPASSES REGULARES

Quem não está tendo problema com o repasse dos recursos do fundo partidário são os demais candidatos que disputam a única vaga para o Senado: Pollyanna Dutra (PSB), que recebeu a maior fatia, R\$ 3,7 milhões; Efraim Filho (União Brasil), com R\$ 762.377,41; André Ribeiro (PDT), com R\$ 250 mil, e Alexandre Soares, com R\$ 139.422,93.

### A CABINE É INDEVASSÁVEL

É difícil entender a lógica do pensamento do presidente Bolsonaro (PL). Durante agenda no Rio Grande do Sul, ele declarou que a proibição da entrada de celulares nas cabines de votação, pelo TSE, prejudica a sua candidatura. “No meu entender é mais um abuso do TSE. Estão tomando mais medidas que prejudicam sempre o nosso lado”. Há décadas que a regra é clara: a cabine é indevassável.

### DE OLHO NO 7 DE SETEMBRO

As manifestações na próxima quarta-feira, no feriado do 7 de setembro, estarão sendo monitoradas pelas forças de segurança da Paraíba, confirmou o secretário de Segurança, Jean Nunes: “As agências de Inteligência estão alinhadas, assim como policiais militares, policiais civis e bombeiros militares, para garantir a tranquilidade em todos os eventos”, disse.

### JULGAMENTO NO DIA 12

Relator do processo que trata do registro da candidatura de Ricardo Coutinho ao Senado, do ponto de vista da elegibilidade, o juiz José Ramos Junior, do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba, afirma que a Corte deverá apreciar o caso até o dia 12 de setembro, após a manifestação da defesa do petista, que envolve a apresentação das certidões pertinentes.

### MAIS DUAS PESQUISAS NA PB DEVERÃO SER DIVULGADAS DIA 7

No próximo 7 de setembro, estão previstas a divulgação de duas novas pesquisas sobre a campanha eleitoral na Paraíba, sendo uma contratada por uma empresa de consultoria e outra pelo diretório estadual do PT – os institutos responsáveis pelas consultas são o Múltipla e o Vox do Brasil, respectivamente. Até agora, foram registradas nove pesquisas eleitorais no estado.

Foto: Arquivo pessoal



# Fernanda Carvalho

## Advogada

# “Prevenção ainda é melhor que remoção de notícias falsas”

**Fake news são uma chaga nas eleições e confundem eleitores, prejudicam candidatos e ameaçam a democracia no país**

Lucilene Meireles  
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O período eleitoral é, por natureza, um momento efervescente para os paraibanos. Candidatos apresentam propostas, fazem promessas. Matérias são veiculadas com notícias sobre debates, promessas de campanha, agenda de cada postulante aos cargos de presidente da República, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. As redes sociais abrem um leque de informações. Muitas delas, porém, sejam reportagens veiculadas em sites ou aquelas que movimentam as redes sociais, podem não ser confiáveis. São as famosas *fake news* cada vez mais presentes nas mídias. E o que fazer para não ser enganado com uma falsa notícia? A advogada Fernanda Carvalho, especialista em direito digital, além de explicar o que são *fake news* e de que forma se espalham, dá dicas de como identificá-las e denunciar, evitando que essas informações sejam passadas adiante, o que pode prejudicar candidatos, eleitores e a própria democracia.

## Entrevista

■ **O que são consideradas fake news durante o período eleitoral?**

São notícias que são veiculadas com a intenção de angariar eleitores ou até mesmo fazer com que as pessoas não votem em um determinado candidato ou partido político. As *fake news* vêm para dizer que um determinado candidato é bom, aquela conduta foi verdadeira quando, na verdade, é falsa, ou também, o que acontece na maioria das vezes, para caluniar, difamar ou ridicularizar um candidato ou partido político. O combate às *fake news* é importante para que seja uma eleição ílesa, onde o eleitorado possa entender e compreender quais foram as práticas adotadas pelo candidato ou partido político e ter a certeza de seu voto, de votar realmente na pessoa correta.

■ **Existem penalidades de uma forma geral para quem propaga fake news e específica para o período eleitoral. Quais são essas punições?**

Pode ocorrer a remoção do conteúdo em qualquer momento. Nessa época, em que os ânimos estão exacerbados, principalmente do candidato e do partido, existem diversas notícias falsas que são veiculadas em redes sociais, principalmente em grupos de WhatsApp. Além da remoção do conteúdo, se extraem elementos que podem identificar o usuário que propagou determinada notícia e, ao mesmo tempo, existem leis que, quando se é comprovada a conduta, há tipificação penal, com pena de dois a oito anos de reclusão para a pessoa que divulgou *fake news* durante o período eleitoral. É importante destacar que existem leis que são aplicadas apenas durante o período eleitoral para evitar a propagação e difusão das *fake news*.

■ **Como é possível identificar uma notícia que é, na verdade, falsa?**

Primeiro, existem diversas fontes que precisamos olhar. É preciso consultar o site para ver se é legal. Veja o domínio para saber se realmente existe. Também é necessário ver os órgãos oficiais, procurar o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), o Tribunal Superior Eleitoral (TSE),

procure fontes fidedignas para que realmente atestem a veracidade daquela notícia, daquela informação. Além disso, a data em que foi divulgada a notícia e, principalmente, se ela condiz com aquele candidato. É preciso conferir se aquela postura está de acordo com o que ele fala, com a mensagem dele e de seu partido político para o seu eleitorado.

■ **O que são as deep fakes?**

São os vídeos que trazem mensagens, anúncios de falsas notícias, ou seja, existe uma inversão. Um caso bem famoso e recente foi sobre uma pesquisa para presidente que mostrava que determinado candidato estava na frente quando, na verdade, era o contrário. Essa foi caracterizada como a primeira *deep fake* no período eleitoral. Existem elementos em que você pode olhar para o vídeo, observar se realmente ele foi adulterado ou não, que é pelos olhos da pessoa, se realmente está natural, pelo movimento da boca, se a fala condiz com a mensagem que está sendo transmitida, e a luz por trás. Quando existe uma alteração do vídeo, se percebe que ele não está igual, tem um detalhe diferente, e é possível perceber. Então, deve-se olhar as fontes oficiais, consultar o site que está divulgando aquela matéria, se existe de verdade.

■ **As redes sociais são hoje o principal meio de veiculação das notícias falsas, mas também existem reportagens que são fake news. O que fazer para não ser enganado?**

Isso é muito importante. É por isso que eu sempre oriento a olhar os sites. Muitas vezes, nessa época, de uma hora para outra surge um site, surge uma notícia que pode também ser um vírus. Traz uma informação sobre tal candidato, e quem gosta de política vai lá clicar. Além de ser um vírus e puxar dados, ter esse problema de segurança da informação, com aplicação de golpes que podem acontecer, também pode existir a questão de, quando clicar, ser uma notícia falsa, um vídeo falso e isso não condizer com a realidade. Para que não seja propagado, a Justiça Eleitoral está

## Medidas

**Prejudicados podem reportar conteúdos com informações falsas aos provedores ou recorrer à Justiça para que as fake news sejam removidas de site ou redes sociais**

trabalhando no combate às *fake news*. A orientação é que o eleitor, o cidadão que for votar confie na fonte, só olhe para aquelas que sejam tradicionais, que todo mundo confia no trabalho, no repórter, na pessoa que está por trás da notícia.

■ **Quando o eleitor vê fake news que trazem pesquisa contrária à sua intenção de voto isso - já está provado - pode influenciar na hora da escolha. Quais os outros riscos?**

Eu acredito que seja a propagação da falsa notícia. Existe realmente o risco de se deixar levar por aquela notícia, os ânimos se alterarem propagando notícia falsa, mas o que mais pesa é a informação em si. É preciso que nós, enquanto cidadãos, tenhamos as informações sérias para que, quando formos votar, o voto ser consciente, porque acreditamos que estamos votando e escolhendo o candidato que será melhor para nosso estado e nosso país. Quando nos deparamos com uma *fake news*, uma *deep fake*, seja lá o que for, percebemos que isso leva à propagação de notícias falsas. Ou você acaba tendo um ranço do candidato ou até mesmo não conseguindo observar quais são as propostas que ele tem, que podem

realmente ser as melhores e estarem camufladas por uma falta notícia.

■ **Em que meios as fake news ocorrem com maior frequência?**

Com certeza, nas redes sociais. É tanto que hoje em dia existem políticas de privacidade no Instagram, Facebook, Twitter, utilizam-se algoritmos e assim tentam evitar as *fake news*. Hoje em dia, todo mundo está nas redes sociais. É muito difícil ver uma notícia falsa num jornal, é mais fácil num Instagram, Twitter, um site. É por lá que a encontramos e é por isso que as redes sociais trabalham em conjunto com a Justiça Eleitoral. Em diversos outros países, se tenta evitar que sejam propagadas essas notícias. Quando ocorrem os debates, sempre vem uma reportagem questionando se é fato ou *fake*. Isso é uma forma de ajudar até as mensagens que são veiculadas pelos nossos candidatos, se realmente aquilo é verdade, porque também pode vir uma informação falsa por ali.

■ **A população pode contribuir para denunciar. De que forma isso pode ser feito?**

No âmbito das redes sociais mais utilizadas podemos denunciar, reportar ao provedor que existe uma determinada notícia falsa. Nesse caso, pede-se a remoção do conteúdo. No âmbito judicial, o advogado ou defensor público pode atuar pedindo a remoção do conteúdo e a identificação da pessoa que propagou aquela informação. Além disso, deve denunciar, pedir que seja removida a notícia, entrar com ações judiciais. É com essas medidas que conseguimos remover aquele conteúdo. Mas, mais importante do que remover é que esse conteúdo não exista, que possamos, enquanto cidadãos, quando lermos uma notícia, ter a certeza de que é verdade, que condiz com o cenário municipal, estadual, nacional, com a segurança de que pode transmitir a

mensagem. As *fake news* também podem ser reportadas ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE), mas nesse caso o mais comum é que os candidatos ou partidos políticos peçam para que sejam tomadas as providências.

■ **Que avaliação pode ser feita da situação atual e qual a projeção em relação às fake news ao longo do processo eleitoral? Os órgãos de combate estão mais atentos para coibir essa prática nefasta?**

Desde o início do processo eleitoral vemos um condicionamento do presidente do TSE, do Supremo, visando coibi-la. O Poder Judiciário vem batendo muito forte nessa questão do combate às *fake news*. Eu acredito que o Poder Judiciário, como um todo, não só a Justiça Eleitoral, vem tentando combater as *fake news* que estão até prejudicando alguns candidatos ou partidos políticos. Quando um sobe por conta de uma notícia falsa, outro naturalmente cai. E isso nós temos que combater, porque quando formos para a urna, teremos que ir com a mensagem de que aquela notícia que nós lemos, as propostas que acolhemos como sendo o melhor para nós, foram fidedignas. Eu acompanho candidatos nas redes sociais e vejo candidatos alertando que alguma notícia é *fake news* e que já entrou com processo no Judiciário para remoção de conteúdo. As *fake news* prejudicam porque ali existe um profissional, um político que está tentando angariar votos para realizar seu sonho da vida, que é se tornar um governador, um presidente, um deputado, um senador. Temos que combater essa prática, que possamos ir para as urnas com a mensagem correta. Quando temos uma educação digital, facilita para que possamos identificar essas notícias falsas. Internet não é terra de ninguém, as *fake news* podem prejudicar alguém de forma muito séria e, para isso, há penalidades.

Foto: Pixabay

## HISTÓRIA DA CIDADE

# A secular Praça da Independência

Construída em 1922, com 38 mil metros quadrados, o local surgiu durante uma fase de importantes obras em JP

Alexandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

O ano era 1922, época em que a capital paraibana crescia rumo ao Litoral e vivia sob influências estrangeiras, sendo governada por Sólon de Lucena. Um dos símbolos dessa expansão foi a construção da Praça da Independência, encomendada pelo gestor municipal Walfredo Guedes Pereira (1920-1924), que deixou o projeto sob os cuidados do arquiteto Hermenegildo di Lascio. Situada no bairro de Tambiá e rodeada, ainda hoje, por prédios históricos, a praça foi inaugurada no mesmo ano de sua idealização como um marco comemorativo do Centenário da Independência do Brasil. Nesse mês de setembro, a obra completa um século de existência.

O terreno para a execução do projeto pertencia a um sítio de propriedade da família de Walfredo Guedes Pereira, que doou a área para o município construir a obra.

O livro “Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil” conta que na ocasião foi firmada uma cláusula na escritura, dizendo que se o terreno não tivesse a destinação planejada, a área seria devolvida aos legítimos herdeiros.

De acordo com o escritor, jornalista e historiador José Octávio de Arruda Mello, o período da construção da praça foi de grande desenvolvimento urbano para a capital do Estado, época em que surgiram obras importantes na cidade como o prédio da Escola de Comércio Epitácio Pessoa, do Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica) e do Parque Solón de Lucena, antes chamada Lagoas dos Irerês. Tais projetos, ora eram iniciativas do prefeito, ora do governador do Estado.

“Estávamos saindo da influência francesa e chegando a forte interferência inglesa. Basta dizer que as ferrovias e as companhias de navios do país eram dos ingleses. Na Paraíba, os homens vestiam roupas de tecidos pesados, como camisa de casimira e tropical, típicos de países frios. Por causa dessa influência, o formato da Praça da Independência, visto de cima, é da bandeira da Inglaterra”, explicou.

Esse formato da insígnia inglesa só pode ser visto de uma perspectiva do alto, uma vez que é constituída pelos vários caminhos de terra que entrecortam a praça, permeada pelas plantas cultivadas na área de quase 38 mil metros quadrados, segundo dados do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Paraíba (Crea-PB). José Octávio recordou que os reflexos dos ingleses no cotidiano dos brasileiros e paraibanos vão se dividir com os costumes italianos, representados, sobretudo, pelos arquitetos da época como Paschoal Fiorillo.

A efervescência urbanística rumo ao Litoral paraibano e a estreita relação com o projeto de di Lascio é comprovada pelas vias públicas que circundam a obra. É a partir da praça que sai a avenida Epitácio Pessoa, principal via de acesso às praias urbanas de João Pessoa, que atualmente são verdadeiros cartões-postais da cidade: como Tambá e Cabo Branco. No entorno desse espaço público também estão outras vias relevantes como as avenidas Maximiano Figueiredo e a Dom Pedro I, que interligam bairros como Cruz das Armas, Jaguaribe e Tambiá em direção à orla.

“

**Por causa dessa influência (inglesa), o formato da Praça da Independência, visto de cima, é da bandeira da Inglaterra**

— José Octávio de Arruda Mello



Praça da Independência possui muitas árvores, flores e um extenso gramado, uma área propícia para piqueniques

## Obelisco, coreto e palco dos desfiles cívicos

Na Praça da Independência tem um obelisco no centro e um coreto, na parte lateral. Um dos diferenciais deste coreto é que ele não tinha a função de lazer que era comum na época. Enquanto os demais serviam de palco para as apresentações de bandas musicais e ponto de encontro de amigos e, sobretudo, dos jovens enamorados, o coreto da Praça da Independência,

como ainda ocorre hoje em dia, funcionava como uma floricultura. “As autoridades também costumavam ficar nesse coreto no desfile em comemoração ao Dia 7 de Setembro, que ocorria ali”, afirmou o escritor e historiador José Octávio de Arruda Mello.

Já o obelisco, em pedra granítica, representa a Independência do Brasil. “Ele foi estabelecido por

ocasião do centenário da Independência”, acrescentou o historiador.

Vale citar ainda a presença do busto de um dos políticos paraibanos, Otacílio de Albuquerque, que foi prefeito de Areia e de João Pessoa no início do século 20, além de senador pela Paraíba na década e deputado federal. “Ele também foi professor do Liceu Paraibano e líder do Partido

Democrático, que impulsionou a Revolução de 30”, contou Mello. O monumento foi colocado na praça na gestão de Damásio Franca, ex-prefeito da capital.

Pelo valor histórico e patrimonial, a praça foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphaep) em 26 de agosto de 1980, conforme Decreto de Tombamento número 8.641.



Coreto na lateral da praça abriga, desde a sua construção, uma floricultura; obelisco central em pedra granítica representa a Independência do Brasil



## Área tem vegetação rica e diversificada

■ Em 1950, foi encomendado um projeto paisagístico de Burle Marx, mas que acabou não sendo implementado

Ao longo dos anos, a Praça da Independência passou por algumas intervenções. Em 2015, foram realizados trabalhos de manutenção e reparos no mobiliário urbano, passeios públicos, obelisco, busto, coreto e a renovação do paisagismo. Na ocasião, o processo de revitalização foi orçado pela prefeitura da cidade em R\$ 1,3 milhão.

Um dos profissionais que participou do projeto de paisagismo de 2015 foi o arquiteto e paisagista Saulo Leal Ernesto de Melo Filho. Integrante da equipe de paisagismo da Prefeitura de João Pessoa,

Saulo Leal contou que na ocasião chefou os trabalhos de paisagismo. “A gente fez um novo projeto paisagístico, registrando novas especificações com extratos vegetais arbustivos, com cores e contrastes, dando uma nova cara à praça, porém, sem mexer no traçado original, porque a praça é tombada”, declarou.

Segundo ele, a vegetação dialoga com o traçado original, que mantém o formato dado pelo arquiteto Hermenegildo di Lascio.

Bem antes dessa intervenção, ainda na década de 1950, o então prefeito da capital paraibana, Luís de Oliveira Lima (1952-1955), chegou a solicitar ao artista plástico Burle Marx, autor de milhares de projetos paisagísticos no Brasil e no exterior, que fizesse um trabalho de melhoramento paisagístico nessa área. Mas nada saiu do papel.

O livro “Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil”, mostra que o paisagista chegou a fazer o projeto e sugeriu uma melhor ordenação geométrica dos conjuntos vegetais ali plantados, além da construção de um lago e a inser-

ção de plantas como a palmeira-imperial, pés de açaí e pau d’arco. Mas, segundo o arquiteto Saulo Leal, o projeto nunca foi executado. No entanto, algumas sugestões de Burle Marx foram incorporadas ao projeto original, como o cultivo de plantas a exemplo do abricó de macaco, que até hoje pode ser admirado pelos visitantes.

### Piqueniques e natureza

Lugar repleto de árvores, flores e extenso gramado que forma um tapete verde no entorno do terreno, a Praça da Independência é um dos locais propícios de João Pessoa para se fazer piqueniques e contemplar a beleza da natureza.

Segundo a bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas, o largo é um patrimônio natural e histórico-cultural devido aos monumentos e vegetação que resguarda, pois tem representantes da flora de diferentes biomas brasileiros. Entre as espécies cultivadas na praça estão o pau-brasil, ipê amarelo, ipê branco (da Mata Atlântica e Cerrado), pau-rei, samambai, abricó de macaco (comuns na Amazônia) e angico (da Caatinga).

“A importância desses espaços verdes em áreas urbanas é grande, pois esses espaços desempenham inúmeras funções. Dentre elas, estão a diminuição das temperaturas e aumento da umidade advinda da evapotranspiração das plantas e a proteção contra os raios solares, por meio do sombreamento proporcionado pelas copas das espécies arbóreas”, frisou Anne.

A ecóloga acrescentou que o local ainda permite melhor circulação dos ventos, serve como refúgio e abrigo para a fauna, contribui para o balanço hídrico, a melhoria na qualidade do ar, tem função paisagística e traz benefício à saúde física e mental da população.

Segundo ela, a Praça da Independência é um ambiente propício para a convivência e lazer, pois as pessoas podem ficar diretamente em contato com as espécies da fauna e da flora, aproveitando também o visual arquitetônico centenário. “Sendo frequentemente utilizado pela população para prática de esporte, passeios e aulas ao ar livre”.

## VIVÊNCIA COLETIVA

## Boa vizinhança colocada em prática

Respeito ao próximo e saber viver em coletividade são práticas fundamentais para evitar conflitos em condomínios

Mayra Santos  
mayraalvessantos@hotmail.com

Quem nunca teve um vizinho “encrenqueiro” ou “sem noção”, não é mesmo? Se nunca teve, com certeza já ouviu falar de alguma história de vizinhos que não se dão bem. Pode ser por causa de um som alto, do cachorro que late muito ou qualquer situação corriqueira que acaba causando um episódio embaraçoso. Dessa maneira, a política da boa vizinhança é uma prática fundamental para manter a harmonia num condomínio. Por vezes, essa política pode ir além e se transformar em uma grande amizade.

É o caso de Jomar e Valderlan que moram no mesmo condomínio há anos e conseguiram criar um vínculo forte, formando uma amizade bonita de se ver. Os dois construíram uma relação que vai além de uma boa convivência, são verdadeiros amigos. Eles moram num prédio localizado nos Bancários, em João Pessoa, e possuem um ponto em comum que fez nascer esse laço: são sertanejos que vieram morar na capital.

Valderlan Lopes, 52, é conhecido

como “Deinha”. Ele é bibliotecário e mora no mesmo prédio de Jomar. De acordo com Valderlan, a amizade entre eles nasceu de forma espontânea, mas também pelo fato de serem sertanejos do Vale do Piancó. “Sou nascido e criado na mesma rua da tia de Jomar, em Itaporanga. Jomar é uma pessoa extremamente prestativa e amiga. É um vizinho generoso que gosta demais de ajudar as pessoas”, frisou.

Além disso, ele contou que o ambiente no prédio é muito familiar. “Estou aqui há sete anos e a convivência é bem harmoniosa”. Embora morem em blocos diferentes, os laços de amizade só se fortalecem ao ponto de se considerarem irmãos.

Jomar e Valter são os amigos mais próximos de Valderlan, tanto que quando um precisa do outro, eles não hesitam em se ajudar. “Meu filho estuda aqui próximo, às vezes, por causa do trabalho, não tenho tempo para pegá-lo, por isso quando acontece algum imprevisto, ligo para Jomar buscar meu filho. Seu Walther também já fez isso por mim”. Ele ressaltou que para uma amizade como essa a base é a união, o respeito e a confiança.

Deinha contou ainda sobre a existência do Clube do Bolinha – expressão usual para um grupo onde predominam integrantes do gênero masculino. Nesse caso, trata-se de um grupo de amigos que se reúne quase todos os dias para botar o papo em dia. A amizade existe há muito tempo, mas quem batizou o nome do grupo foi Sara – uma nova moradora do condomínio.

“Nós abrimos uma exceção para Sara”, brincou. “Ela faz parte desse ciclo de amizade. Uma pessoa bacana que soma com conversas saudáveis e que nos faz muito bem”, complementou.

Durante a pandemia da Covid-19, nesse momento tão delicado, o espírito colaborativo só foi enaltecido entre eles e se estendeu aos demais com os quais não têm tanta intimidade. Deinha, por exemplo, ajudou os vizinhos indo ao supermercado para fazer compras na pandemia. “O medo de sair de casa era muito grande. Pensar no próximo, nos ajuda e nos engrandece”.

O funcionário público Jomar Mendonça Júnior, 54, mora no mesmo condomínio há oito anos. Ele disse que a vizinhança do bloco onde mora é

muito acolhedora e prestativa. Seu Jomar também tem outro grande amigo no prédio, “Seu Walther”. “Ele também é um irmão para mim. Apesar de pouco tempo de convivência, aproximadamente um ano, é o meu melhor amigo no prédio. É aquele amigo para todas as horas, é uma pessoa da qual já precisei na doença e me ajudou muito”, contou.

Esse espírito colaborativo é muito presente entre eles e existe uma reciprocidade que ajuda a levar a vida de forma mais leve. “Como todo condomínio existem outras pessoas que não são tão acolhedoras, mas a amizade deles faz com que o ambiente se torne agradável de se conviver. Nunca tive nenhum atrito com ninguém no prédio, graças a Deus. Há apenas pessoas que não tenho intimidade”, ressaltou Jomar.

Segundo Jomar, os porteiros também são prestativos. Um bom exemplo é Adilson Viana, que sempre ajuda os moradores. “O porteiro sempre me convida para almoçar na casa dele, até já fez almoço para mim. Seu Zé também é outra pessoa com quem eu sempre posso contar”, concluiu.

“

**Ele também é um irmão para mim. Apesar de pouco tempo de convivência, aproximadamente um ano, é o meu melhor amigo no prédio. É aquele amigo para todas as horas**

Jomar Mendonça

Foto: Free Pick



Especialista em administração de condomínios diz que a maioria dos moradores sabe dialogar e poucos causam conflitos

## Dicas para o bom convívio

A psicóloga pontuou algumas dicas de como manter a política da boa vizinhança e como lidar com algumas situações que podem causar conflitos. Segundo Luana, a dica principal é ter uma vivência pautada na comunicação não violenta que pode ser realizada por meio de algumas atitudes.

- **Fale o que incomoda:** quando você fala sobre o que incomoda, essa atitude abre porta para uma escuta das duas partes e, assim, podem chegar a uma solução que se adapte para as duas realidades que estão em desacordo e construir uma boa relação;
- **Seja educado:** busque ser cordial e empático, agir ou falar de forma grosseira pode deixar o problema ainda maior ou crie algum bloqueio onde uma das partes vai ser negar a mudar seus hábitos. Busque ser diplomático e compreenda as dores do seu vizinho e ajude-o a visualizar uma forma de resolver a situação conflituosa;
- **Seja empático:** seja compreensivo, veja o que essa atitude do seu vizinho que te incomoda significa para ele e mostre outras formas de lidar com a situação.

De acordo com a psicóloga Luana Antero, “dessa forma você não vai insinuar que a pessoa é má por inteiro, mas são apenas algumas atitudes que estão trazendo esse conflito e que por meio do diálogo ambos podem ceder um pouco, ver formas de lidar com a situação e construir boa relação pautada na flexibilidade e compreensão”.

## Ter bom senso é a palavra de ordem para manter a harmonia

Inaldo Dantas, é advogado, e é responsável por uma empresa que administra condomínios desde 1984. São 150 condomínios sob a administração de sua empresa. Ele contou um pouco da realidade dos condomínios, como os conflitos surgem e surpreendentemente afirmou que “a maioria sabe dialogar” e que são poucos que geram situações conflituosas. Segundo ele, quando isso ocorre, é sempre a mesma pessoa, é uma minoria barulhenta. Além disso, ele informou que “hoje em dia com a facilidade de informação, as pessoas buscam se informar como atuar em situações de conflito e resolvem o problema”.

## Bom senso é palavra-chave

Para ele, em situações conflituosas, “bom senso é a palavra-chave”. Inaldo Dantas afirmou que os moradores devem sempre colocar a obrigação antes do direito, que tudo aquilo que o incomoda, com certeza incomoda o vizinho. Geralmente, os conflitos acontecem por contextos corriqueiros, aparentemente pequenos, mas incomodam seja o tamanho da garagem, cachorro que não para de latir ou a criança que faz barulho em horário inadequado.

“O morador tem que saber que ele não é dono, não é proprietário;

mas que nós somos donos, nós somos proprietários, por isso se chama condomínio, o que quer dizer ‘domínio comum’. Num condomínio, você não é proprietário, você é coproprietário”, frisou.

## Síndico

A figura do síndico, para o administrador, é imprescindível para conter certos episódios e contribuir para essa política da boa vizinhança. “O síndico é aquele que tem que saber a arte de administrar conflitos sem, portanto, abrir mão da aplicação da lei”, ressaltou. Assim como, ressaltou que “ele não é mais que ninguém, é a pessoa que faz cumprir o regimento interno e as decisões da assembleia. Os moradores têm que cumprir as regras, se não cumprirem a regra e o diálogo não resolver, vai sobrar para o síndico aplicar a lei”.

Além disso, Inaldo Dantas alertou que aquele morador que desobedece constantemente, que descumpra as normas, pode ser punido com multas de até 10 vezes do valor do condomínio, isso está no Art 1.337, do Código Civil. Já em casos extremos, pode até ser obrigado a deixar o imóvel, mesmo que seja proprietário. “Ele não perde a propriedade, mas perde o direito de uso”, explicou.

## Respeito

Segundo a psicóloga Luana Antero, quando se fala em relação com vizinhos sempre se tem aquela lembrança de algum desentendimento, seja com você ou com alguém próximo e os motivos são os mais diversos, dentre eles: a invasão de privacidade e discordância de valores e regras que geram conflitos e interferem numa boa convivência. Entretanto, a especialista afirma que é possível ter uma vivência saudável com os vizinhos desde que seus valores e limites sejam respeitados.

“Ainda se vive resquícios da

pandemia, seja a saudade de quem já partiu ou a distância na convivência por medidas de segurança. O isolamento social somado a dor e saudade de quem não resistiu à Covid-19 gerou em algumas pessoas incertezas e sofrimento com ansiedade, emoções negativas, o medo de morrer sem ter realizado aquele sonho, insônia, irritabilidade, alterações de humor, entre outros. Muitas pessoas se viram sem rede de apoio e sem ter com quem contar nos momentos de solidão, é aí que a política da boa convivência pode amenizar essa circunstância”, destacou.

Ela destacou ainda que em meio a esse cenário de distância e perdas, abriu-se uma brecha para aproximação entre vizinhos, possibilitando momentos de conversas, de trocas por meio de atitudes de gentilezas e a criação de novos vínculos afetivos. “Estes momentos de interações interpessoais são necessários para o bem-estar e qualidade de vida, independente da idade, e prova que a relação entre vizinhos contribui com a volta da sensação de segurança, acolhimento, esperança, alegria e de que existem pessoas boas e gentis”, frisou.

Foto: Sara Gomes



Os vizinhos e amigos Adilson Viana, Jomar Mendonça, Valderlan Lopes (Deinha) e Maria Eduarda

## CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA

# Principal acervo arquitetônico da PB

*Edificações retratam as diversas fases da história local e um dos mais importantes sítios históricos do Brasil*

Mayra Santos  
 mayraalvessantos@hotmail.com

O Centro Histórico de João Pessoa é constituído por um conjunto de edificações que perpassa por diversas épocas e aproxima as mais diversas gerações. Muito mais que um patrimônio histórico, ou um conjunto de prédios antigos, trata-se de memória “viva” de João Pessoa e da Paraíba que difunde-se e se perpetua ao longo do tempo. Conhecer um pouco de história de capital paraibana é uma forma de homenagear a terceira cidade mais antiga e a mais oriental do Brasil.

Às margens do Rio Sanhauá, o Centro Histórico fomenta o turismo e a economia, sendo ainda opção de lazer para adultos e crianças. Por ser uma mina da cultura local, é também símbolo que consolida a identidade dos pessoenses e fortalece o sentimento de pertencimento para quem vive e visita a capital. Assim sendo, quem vai visitar o Centro Histórico de João Pessoa passa pela Rua Maciel Pinheiro, que leva à Praça Dom Antenor Navarro e, à esquerda, passa pela Rua Padre Antônio Pereira, que dá acesso à Igreja São Frei Pedro Gonçalves; e mais alguns metros, é possível chegar ao Hotel Globo, que hoje é uma galeria de artes.

Para fazer o resgate histórico, o historiador Diego Novaes, que é mestre em história pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ajudou a contar um pouco sobre a memória registrada desse trecho tão importante de capital.

Ele conta que a Praça Dom Antenor Navarro e a Rua Maciel Pinheiro não existiam do jeito que a gente conhece hoje. “Antes das décadas de 1920 e 1930, quando não existia governador do estado, mas existia o presidente da província, que começou a fazer uma série de transformações naquela área, a exemplo do alargamento da Maciel Pinheiro e a construção da Praça Antenor Navarro. As mudanças foram feitas pensando na viabilidade, a fim de facilitar a passagem do transporte público de veículos, tornando mais rápida e dinâmica”, narrou.

O historiador Diego Novaes revelou que aqueles sobrados de dois andares que têm ao redor da Antenor Navarro também não existiam, pelo menos não com aquela estrutura. A arquitetura desses prédios pertence à Art Decó - trata-se de uma corrente de arquitetura de origem francesa - e foi aplicada às construções para embelezar a região, sendo um canal criado direto para o largo da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves. Ele informou ainda que Antenor Navarro foi um político e jornalista muito atuante nessa época, além de intervir na Paraíba, na época de Getúlio Vargas, o que justifica a praça ter recebido o nome dele.

Novaes contou que a iluminação elétrica começou a ser implantada na cidade, em 1912, mas antes existia a iluminação de candeeiro. “Nessa mesma época, o governo - Henrique de Bearepaire Rohan era o presidente da Província - começou a proibir as pessoas de andar sem camisa na rua ou com a camisa sem estar ensacada, proibiu também banho nas fontes públicas.



Foto: Evandro Pereira

Para historiador Diego Novaes, igrejas dos franciscanos, beneditinos, carmelitas e jesuítas são marco de fundação de JP

“

**É interessante como a nossa cultura está ligada à religião, por meio de quatro irmandades católicas que vão gerenciar a cidade**

Diego Novaes

## Igreja foi erguida graças à devoção popular

No dia 5 de junho de 1843, foi lançada a primeira pedra da igreja São Frei Pedro Gonçalves. O templo foi construído graças aos navegantes e comerciantes. A princípio, também ficou conhecida como Igreja dos navegantes, dado que São Frei Pedro Gonçalves é o padroeiro dos marinheiros. A Igreja fica nas imediações do antigo Porto do Capim.

De acordo com o historiador Felipe Matheus, “São Pedro Gonçalves (1190-1246) era um frade da ordem dominicana, cujo patrono é São Domingos. Foi capelão do rei Fernando III de Leão e Castela antes de ser nomeado prior do Convento de São Domingos de Guimarães. É o santo padroeiro dos homens do mar e dos barqueiros, tendo sido desfrutado de grande devoção popular”. Felipe informou ainda que o Papa Bento XIV confirmou o seu culto em 1714. É o santo padroeiro da cidade de Tui e da diocese de Tui-Vigo, onde se celebra a sua festa na segunda-feira da segunda semana da Páscoa.

“A Igreja de São Frei Pedro

Gonçalves é uma das mais bonitas da capital paraibana, erguida graças à devoção popular. Ela é o nosso passado, que permanece firme no presente e traz à baila as memórias da população paraibana nas imediações do Porto do Capim”, ressaltou.

Felipe informou também que o primeiro nome da cidade foi Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, depois foi mudado para Filipea de Nossa Senhora das Neves; em seguida, mudou para Frederica; logo mais foi chamada de Paraíba do Norte e, por fim, João Pessoa. “Só por essa configuração simbólica, do primeiro nome dedicado à Nossa Senhora das Neves, percebe-se que a religião católica era muito relevante na sociedade paraibana de então”.

### Marco da fundação da cidade

Diego Novaes mencionou que há quatro grandes igrejas no Centro Histórico de João Pessoa que são a dos franciscanos, beneditinos, carmelitas e jesuítas. “Essas igrejas são o marco de fundação da cidade, visto que as tropas por-

tuguesas firmaram acordo de ajuda mútua com os tabajaras, para se ajudarem a viver ali e a combater a etnia que era inimiga deles, os potiguaras”.

Segundo ele, esta foi uma conquista territorial bem difícil para os portugueses, embora tenham utilizado navios e milhares de soldados. Desse modo, ele concluiu que “o catolicismo é a base da cidade, como Nossa Senhora das Neves que é uma santa católica”. E acrescentou “é interessante como a nossa cultura está ligada à religião, por meio de quatro irmandades católicas que vão gerenciar a cidade, visto que, na época, não havia separação entre Estado e Igreja, a Igreja ajudava a administrar a cidade. Todas essas igrejas são tombadas e formam, por coincidência, quase uma cruz entre elas”.

### Hotel Globo

O Hotel Globo foi um dos primeiros hotéis da cidade e atualmente fomenta a cultura de João Pessoa e da Paraíba. William Macedo, diretor do Hotel Globo, disse que “estamos sempre traba-

lhando com exposição de artes novas, assim como na próxima sexta-feira (5), às 16h, aniversário da cidade, vamos iniciar uma nova exposição com 11 artistas femininas e em sua maioria expõem seus trabalhos pela primeira vez”. Haverá desenhos digitais, esculturas de grande porte, aquarelas, e a exposição prosseguirá até o dia 12 de setembro.

William disse ainda que haverá o projeto Solo maior, a cada 15 dias. “É um projeto musical com música ao vivo, além disso também temos, uma vez no mês, eventos literários como feiras de livros e sarau poético”, pontuou.

Os eventos no Hotel Globo são gratuitos, com funcionamento das 8h às 17h30, podendo ficar um pouco mais tarde, porque toda beleza do Hotel Globo está no pôr do sol, sendo conhecido como o pôr do sol mais lindo da cidade. Portanto, assim que escurece, o hotel é fechado. Os visitantes podem vir até as 17h ou 17h30, podendo visitar normalmente, de domingo a domingo, e não fecha nos fins de semana nem feriados.

## Hotel Globo: primeiro hotel de luxo da capital

De acordo com William Macedo, o Hotel Globo foi fundado na década de 20, precisamente em 1929 e tem uma grande importância para a história. Na época, a cidade em todo esse centro histórico era conhecida como Varadouro, era uma grande potência econômica. Ele contou que “o Hotel Globo foi o primeiro hotel de luxo na cidade por dois motivos: um, foi por ter telefone, na cidade só existiam 70 aparelhos de telefone, e ele foi o número 70. E também por ter banheiros, porque antigamente todos os banheiros eram longe da residência e aqui já havia banheiros próprios. Além disso, havia uma grande diversidade de louças de prata”.

O foco do Hotel Globo de hoje é trabalhar como galeria de arte e como museu. Ele possui um acervo com a história do próprio hotel e com exposição dos móveis antigos.

### Moradores e empreendedores

Duília Cavini, descendente de italianos, é dona de um restaurante há 10 anos, localizado quase em frente ao Hotel Globo que oferece comida típica da região, sendo muito frequentado no período de

férias. Ela conta que durante a pandemia foi um período muito difícil, “a gente nem sabia se ia conseguir passar, mas agora sentimos uma melhora no movimento”.

A loja de artesanato que foi aberta no ano passado e também sentiu os prejuízos com a pandemia, agora, é aberta todos os dias. “Faz mais ou menos um mês que o movimento está intenso, principalmente nessa época de férias da escola e da faculdade”, afirmou Caroline Marques, funcionária da loja.

Adriano, 35, trabalha em frente ao Hotel Globo há 15 anos e sustenta a família vendendo água e bebida. “Sempre vem muita gente, principalmente sexta, sábado e domingo à noite, trabalho há 15 anos por aqui e eu amo o que faço”, enfatizou.

Maria das Graças, 59, mora há 20 anos nas proximidades da Praça Dom Adauto. “Ao redor da minha casa não havia nada disso aqui antes. Aqui tem mais casas que vendem móvel, borracharia, é o que tem hoje, mas antes não tinha nada disso. Essas casas eram todas pinturas velhas, depois foi reformado. Era bem menos movimentado,

hoje aumentou bastante o movimento com os turistas”, relatou.

Ana Maia é proprietária de uma loja que comercializa produtos confeccionados com algodão natural. “Há 16 anos vendo produtos de origem de algodão natural, colorido e orgânico como roupas e acessórios em geral. Dependemos muito dos guias receptivos, porque são eles que trazem o turista e fazem o turismo acontecer na cidade. Entretanto, acho que falta a ocupação dos demais prédios com comércio para melhorar a logística do turista”, pontuou.

Vanessa Senna, 37, é de Manaus e veio visitar o Centro Histórico. “Achei tranquilo para andar, dá para fazer os passeios tranquilamente. Deu pra ver pela internet os horários de funcionamento, o que facilitou bastante. Tive a oportunidade de conhecer um pouco da história da cidade, além disso, João Pessoa é uma cidade que eu voltaria pelas atrações turísticas”, destacou.

De frente ao Hotel Globo, o único morador que existe na localidade é Jalisson Calixto. Ele é monitor dos guias turísticos e expôs

um pouco da sua história que se mistura com a história do Centro Histórico da cidade. “Nós temos na frente da igreja o Largo de São Pedro, quem tiver acesso ao Hotel Globo vai ver o primeiro porto. Em 1910, o material era descarregado, a exemplo do algodão (chamado ouro branco), saía dos navios e subia a ladeira, de frente ao hotel, e era comercializado no Largo de São Pedro, ao lado da igreja na Praça Antenor Navarro.

Jalisson contou também que, na praça, os prédios que são de primeiro andar, na época, em baixo funcionavam lojas e, em cima, eram residências. Hoje, restaurada a partir dos anos 2000, viraram casas de eventos que, no momento, tiveram que fechar por causa da pandemia. Os casarios do Largo, na época, as casas dos comerciantes, hoje são escritórios, e residência só existe uma, a dele, que fica de frente ao Hotel Globo.

Jalisson lembrou que os seus vizinhos, há 10 anos, eram os filhos do proprietário do hotel, que foi o primeiro hotel de luxo da cidade, edificado em 1928 e funcionou até 1950”, recordou.

## SANTANA DOS GARROTES

# Maior produtor de arroz vermelho

*Produto apresenta grande importância cultural e econômica para o município e toda região do Vale do Piancó*

Juliana Cavalcanti  
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Conhecida como a Terra do Arroz Vermelho, o município de Santana dos Garrotes está localizada na mesorregião do Sertão paraibano e na microrregião de Piancó (Região Metropolitana do Vale do Piancó), onde se concentra a maior produção deste alimento já reconhecido na gastronomia paraibana e que é fundamental para a sobrevivência da agricultura familiar.

De acordo com o prefeito, José Paulo Filho, o arroz vermelho, também conhecido como arroz da terra, apresenta grande importância cultural e econômica tanto para a cidade e todo o Vale do Piancó.

Atualmente, o arroz vermelho é produzido em 17 municípios polarizados pelo Vale do Piancó com destaque para Santana dos Garrotes, Pedra Branca, Nova Olinda, Itaporanga, Diamante e Ibiara, responsáveis por cerca de 60% da área cultivada, beneficiando centenas de famílias agricultoras a partir da geração de postos de trabalho, renda, além de segurança alimentar e nutricional.

Tanto o arroz vermelho como o branco são variedades diferentes da mesma espécie e seus grãos são parecidos e antes do beneficiamento quase não dá para distingui-los. A cor vermelha aparece com a retirada da casca, ou seja, está na película que envolve o grão.

A maioria dos santana-garrotesenses vive da agricultura e pecuária de subsistência. A produção de arroz vermelho sustenta diversos agricultores familiares da cidade que, assim como os outros municípios, integrantes da região do Vale do Piancó realizam o plantio na segunda quinzena do mês de dezembro, e a colheita acontece em maio.

Por envolver todo o Vale do



Foto: Reprodução

O arroz produzido em 17 municípios polarizados pelo Vale do Piancó beneficia centenas de famílias agricultoras

Piancó e diante de todo o seu destaque econômico e cultural, o gestor afirma que a chamada “cultura do arroz vermelho” já se tornou reconhecida em vários veículos de imprensa e em todo o Brasil. Ele reforça que o arroz vermelho constitui um dos principais ingredientes da culinária regional da Paraíba.

No entanto, de acordo com a Empresa Paraibana de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Empaer), apesar de sua importância para a segurança alimentar e geração de renda local, a cultura do arroz vermelho, tem perdido espaço em suas áreas de cultivo, substituídas por pastagens para bovinocultura de leite e corte.

Além disso, a irregularidade de chuvas dos últimos anos nesta localidade também tem colaborado para a redução de áreas plantadas. Conforme estimativas da Empaer,

diferentemente dos anos anteriores, a produção do arroz vermelho foi reduzida em mais de 70% neste ano, já que a previsão de colheita é de aproximadamente 360 toneladas porque as áreas estão sendo ocupadas pela pecuária. Em 2018, a área total plantada com a cultura foi de 872 hectares. Já neste ano, foi de 305, o que significa uma redução de 75%.

Neste sentido, o prefeito observa que apesar da maior parte da população ser da zona rural e viver da agricultura e pecuária direcionadas a subsistência, o prefeito ressalta que já existe um processo de desenvolvimento da zona urbana a partir do comércio (com foco nos supermercados e outros estabelecimentos menores para venda de alimentos) e serviços bancários. “Na cidade, já se destacam o comércio e os serviços, princi-

palmente os serviços bancários. A maior parte da população é composta por trabalhadores rurais, aposentados, funcionários públicos da prefeitura e Estado e comerciantes”, descreveu.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Santana dos Garrotes tinha em 2021, uma população estimada em 6.942 pessoas e uma área territorial de 361,484 km². Os municípios vizinhos da cidade são: Nova Olinda; Logradouro; Piancó; Itaporanga; Juru; São José de Princesa; Boa Ventura; Mato Grosso; Tavares; Curral Velho; Igaracy; Olho d’Água; Diamante; São Francisco; Pedra Branca; Quixaba; Princesa Isabel; Água Branca; Aguiar; São José de Caiana e Manaíra.

Distante 413Km, da capital João Pessoa (via BR-230), em uma viagem de aproximadamente seis

horas, Santana dos Garrotes conta com os distritos Pitombeira de Dentro, Palestina e Serra Branca. A cidade do Sertão tem 316 metros de altitude e se situa a 22km a sul-leste de Itaporanga a maior cidade dos arredores.

Além disso, ela faz parte da área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Tal delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca. Seu bioma é a Caatinga.

Segundo o Departamento de Ciências Atmosféricas, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Santana dos Garrotes apresenta um clima com média pluviométrica anual de 749,7 mm e temperatura média anual de 26,1 °C.

-70%

Apesar de seu papel na segurança alimentar e geração de renda, a cultura do arroz vermelho tem perdido espaço em áreas de cultivo, substituídas por pastagens

## Festa de Santa Ana é a maior e mais tradicional da cidade



Foto: Prefeitura de Santana dos Garrotes/Arquivo

Além da gastronomia, agricultura familiar e artesanato, a cidade também se destaca pelos seus eventos culturais. Um dos principais é a Festa de Nossa Senhora de Santana em homenagem à Padroeira do município e realizada entre os dias 17 e 26 de julho, na praça da Igreja Matriz Nossa Senhora de Santana.

A Festa de Santa Ana é a maior e mais tradicional comemoração da cidade e atrai várias pessoas do Sertão do Estado e principalmente do Vale do Piancó. Já são mais de 101 edições da celebração do dia da santa.

Nesse período, Santana recebe ainda diversos fiéis de várias partes do Brasil. A imagem de Senhora Santana visita cada comunidade que permanece nas capelas por 24 horas. Nas novenas, ocorrem testemunhos de graças alcançadas, e a vida da Santa é refletida junto aos temas que a Igreja divulga para o momento pastoral.

São nove noites de novenário e quermesses, encerrando no dia 26 com missa solene, procissão, descida da bandeira e coroação das imagens de Santana e de Nossa Senhora.

### Sobre a padroeira

Santa Ana ou Sant’Ana é a mãe de Nossa Senhora (Maria) e avó de Jesus Cristo. As referências sobre o nascimento de Maria fazem parte

do Proto-Evangelho de Tiago. Também conhecido como Evangelho de Tiago e Evangelho da Infância de Tiago, ele foi escrito no primeiro século e não faz parte dos Evangelhos Canônicos, ou seja, aqueles reconhecidos pela Igreja como oficiais.

O nome “Ana” vem do hebraico “Hanna” e significa “graça”. Santa Ana era descendente do sacerdote Aarão e esposa de um santo: São Joaquim que, por sua vez, era descendente da família real de Davi.

Nesse casamento estaria formada a descendência de Maria e consequentemente de Jesus Cristo.

Outro evento reconhecido é a festa de aniversário da cidade (emancipação política), no dia 22 de dezembro. Em 2022, o município completa 60 anos de emancipação política (ela era um distrito de Piancó e se emancipou em 1961).

Segundo o prefeito, assim como todas as edições da festa, a expectativa para esse ano é realizar vários shows voltados aos moradores e visitantes. “Santana dos Garrotes está no mapa do turismo da Paraíba, no chamado Vale dos Sertões. Ao chegar na cidade, os visitantes também podem conhecer a nossa feira que no sábado atraem pessoas inclusive da zona rural e de outras regiões vizinhas”, comentou José Paulo Filho.

### História

Santana dos Garrotes teve ori-

Festa em homenagem à padroeira é realizada entre os dias 17 e 26 de julho



Foto: Tasso Marcelo/Estadão Conteúdo

Grupo de Brasília era formado pelo guitarrista Dado Villa-Lobos (E), o vocalista, compositor e multi-instrumentista Renato Russo (C) e o baterista Marcelo Bonfá (D)

## MEMÓRIA

# Legião Urbana: 30 anos de um show

Antológica apresentação do grupo de rock aconteceu na Praça do Povo do Espaço Cultural, em João Pessoa

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

Foi ouvindo uma entrevista de Renato Russo na rádio, em 1992, que a fã Ana Luiza Palmeira ficou sabendo que a agenda de shows da banda Legião Urbana incluiria, pela primeira vez na história, a cidade de João Pessoa. “A Legião vem para cá!”, gritava ela dentro de casa, que na época tinha 21 anos e era fã do grupo desde os 17. A apresentação, que completa exatos 30 anos amanhã, tornou-se lendária e foi a penúltima daquela turnê, precisando ser interrompida três dias depois, de forma precoce e abrupta, devido ao agravamento do quadro de saúde de Renato Russo, que sofria com o alcoolismo e com a descoberta um ano e meio antes de que era soropositivo.

Era uma noite de sábado. Segundo consta em nota divulgada no Jornal *A União* naquele 5 de setembro, os ingressos da banda “de letras longas e discurso poético”, como fora noticiado, custavam Cr\$ 30 mil, que em cotação de hoje e atualizada com os índices de inflação, correspondem a cerca de R\$ 75. Nos cinemas, os filmes em cartaz eram a animação da Disney *A Bela e a Fera* e *Tomate verdes*

fritos. Na política, a crise da vez era causada pelo confisco da poupança dos brasileiros pelo então Governo Collor. E esse contexto econômico e social foi determinante na construção do álbum *V*, considerado um dos mais melancólicos da Legião Urbana, em um momento em que Renato Russo enfrentava ainda problemas no relacionamento com seu namorado, Robert Scott Hickman.

A primeira faixa do quinto álbum foi também a que abriu o show: ‘Love song’, uma cantiga de amor em português arcaico, composta no século 13. *V* é considerado um trabalho de rock progressivo e tem um ritmo mais lento para representar o tédio e o marasmo pretendidos pelo líder da banda. Renato Russo vestia calça de jeans clara e uma camisa branca, que ele rasga teatralmente com as próprias mãos ainda no início do show, apresentando-se durante quase todo o tempo com parte do peito à mostra. Do palco, ele faz um apelo ao público pessoense: “Vou precisar da ajuda de vocês hoje à noite. Estou muito confuso da cabeça. Essas coisas todas que estão acontecendo no Brasil e a gente realmente não esperava um público tão bonito. Então, se vocês quiserem me ajudar, a gente pode cantar o Hino Nacional

brasileiro”, diz ele antes de começar a cantar ‘Carinhoso’, de Pixinguinha. A voz grave e impecável de Renato Russo falha três vezes durante a execução feita à capela.

No repertório escolhido para o show constam canções mais politizadas do álbum *V*, como ‘Metal contra as nuvens’ – a canção mais longa do grupo –, e ‘O teatro dos vampiros’. Eles tocaram também ‘Vento no Litoral’ e ‘O mundo anda tão complicado’, do mesmo disco. As vendas de *V* foram muito fracas, não atingindo nem a 500 mil cópias, cinco vezes menos do que o disco anterior, *As quatro estações*. Mas o *sellist* em João Pessoa incluiu sucessos como ‘Quase sem querer’, ‘Meninos e meninas’, ‘Há tempos’, ‘Pais e filhos’ e ‘Por enquanto’, entre outros. Já a espera de uma década para trazer o show para a Paraíba foi justificada no palco por Renato Russo. “Lá, no eixo Rio-São Paulo, eles não querem saber de João Pessoa. Não querem mesmo. Eles nem conhecem. Eu não conhecia. A gente veio para cá porque, de repente, dessa vez, pintou de a gente vir. A gente não tinha vindo antes porque a gente é meio preguiçoso e porque sempre pintava outras coisas para fazer. Essa é uma das cidades mais lindas que já vi na minha vida”, discursou.

Quem não percebia nada das dificuldades na apresentação era a jovem Ana Luiza Palmeira, agarrada à grade na primeira fileira, de onde passou o show entre o choro de emoção e discussões com os seguranças que mantinham a distância do público para o palco. Ela havia chegado à Praça do Povo às 14h, escondendo-se sob uma das marquises do Espaço Cultural para acompanhar a passagem de som. Antes de ser retirada do local, conseguiu se encontrar com o guitarrista Dado Villa-Lobos, com quem tirou fotos e pegou autógrafos. Mas para ela aquilo não era o suficiente. Assim que o show terminou, um grupo de cerca de 10 pessoas decidiu ir até o Hotel Tambaú, onde todos os integrantes da banda estavam hospedados.

“Ele estava visivelmente doído”, lembra a professora Ana Luiza, que chegou a ter acesso à área da piscina naquela madrugada, às 2h, infiltrada por amigas com funcionários. “Renato Russo estava fazendo um barraco na boate do hotel. Foi bem complicado”, acrescenta a fã, que foi mais uma vez recebida cordialmente por Dado, mas sem contato direto com Renato Russo e Marcelo Bonfá. E por isso mesmo, ela não desistiu do seu plano. Todos foram para casa e no dia se-

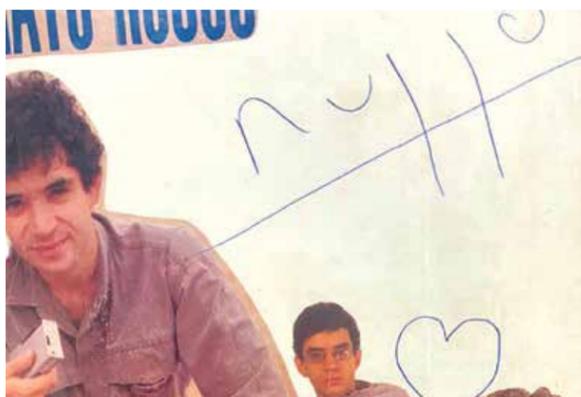
guinte, ainda pela manhã, retornaram ao local, para de imediato ver o seu alvo preferencial. A presença dos fãs causou incômodo e os funcionários tentaram retirá-los de lá. Foi quando Renato Russo interveio para evitar a expulsão. “Ele mandou parar aquilo e disse que ficaria com a gente. Renato Russo estava protegendo a gente porque nós não estávamos agindo como fãs loucos. Ele percebeu na gente uma pureza”, acredita Ana Luiza.

Com o aumento do número de pessoas no local, Renato Russo leva Ana Luiza para o lado e passa a puxar papo com ela. “Ele começou a conversar comigo sobre árvores, sobre flores. Perguntou qual era a árvore que eu mais gostava”. Nesse momento, ele deixa um autógrafo para Ana Luiza, escrevendo o nome ‘Russo’ e desenhando junto um coração. “Eu fiquei conhecida como a ‘Ana do Renato’, por ter sido a única pessoa a falar reservadamente com ele nesse dia”. Além dessas memórias, a fã guarda consigo ainda o ingresso do show, pôsteres e um cigarro Marlboro assinado por Dado Villa-Lobos. “Eu via Renato Russo como um homem perfeito, com as ideias parecidas com as minhas e criava letras criando

com a minha história. Era um Deus para mim”, considera ela, que criou nessa mesma data, em conjunto com o grupo que compareceu ao show, o fã clube Legião Jovem, e está promovendo o show com a banda Metal Contra as Nuvens, às 22h, no After Pub, em João Pessoa. Os ingressos para o tributo custam R\$ 25.

Depois do show em João Pessoa, foram apenas mais 11 realizados pela banda pelo Brasil nos anos seguintes, até a morte de Renato Russo, em 11 de outubro de 1996. A banda voltaria com outro vocalista para o mesmo palco do Espaço Cultural, há quatro anos, em 2018. Mas é a antológica apresentação em 1982 que está permanentemente na memória de todo o público ali presente no show, e se insere na história da Legião Urbana como um dos momentos em que Renato Russo procurava se desintoxicar, ser um exemplo para o filho Giuliano, nascido em 1989, e manter o nível criativo do compositor que melhor traduziu os anseios de uma geração jovem e que hoje resiste como memória. Ou como diz a canção escolhida na capital para encerrar o show: “o pra sempre, sempre acaba. Mas nada vai conseguir mudar o que ficou”.

Fotos: Ana Luiza Palmeira/Arquivo Pessoal



Memorabilia de uma fã: autógrafo do Renato Russo (E); cigarro fumado e autografado por Dado Villa-Lobos e chamada do show no jornal (C); no Hotel Tambaú, o líder da Legião ao lado da paraibana Ana Luiza Palmeira (D)

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | colaborador

## Giddens, Ariès e o amor

O amor é um sentimento universal? É provável que sim, no que podemos pensar em abstrato. Culturalmente o amor não é o mesmo. Por isso devemos falar de amores no plural. Os antigos egípcios diziam que o amor é um esmagamento do eu e os sicilianos se referem ao amor como um raio.

O amor pode assumir formas diferentes. O sociólogo Anthony Giddens fala do amor apaixonado que tem um forte componente sexual. O amor apaixonado exerce sobre quem ama um efeito desestabilizador, uma perturbação do eu. Segundo Giddens, ele destoa do amor romântico que apareceu no século 18.

O amor romântico, por outro lado, implica em liberdade, assim como valoriza a dimensão sublime em relação ao fervor sexual. Alguns críticos veem no amor romântico um engodo criado pelos homens para enganar as mulheres e submetê-las aos seus domínios. Giddens acha um fato curioso muitos livros de literatura romântica terem sido escritos por mulheres. Elas foram muito

importantes na criação e consolidação desse gênero literário.

A modernidade produziu algumas mudanças sociais que afetaram nossas concepções de amor. Com a separação do lugar de trabalho e da casa o lar foi inventado, bem como sua vinculação com a maternidade. Isso levou as mulheres a exercerem maior influência na educação dos filhos. Tudo isso acompanhado pelo enfraquecimento do poder patriarcal.

É nesse contexto histórico que se começa a construir a ideia da esposa mãe. Da maternidade ligada à feminilidade. Vemos assim nascer uma subjetividade que faz da maternidade uma vocação feminina, a construção ideológica do amor incondicional da mãe pelos filhos. Falamos de um cenário no qual a infância também está sendo inventada.

O historiador medievalista Philippe Ariès mostrou na sua obra mais famosa, *A História Social da Infância e da Família*, como a infância é uma invenção moderna. Antes disso, as crianças são vistas como pessoas

que precisariam de “treinamento emocional a longo prazo”, ou vistas como frágeis. A alteração na maneira como vemos as crianças faz parte desse mesmo processo amplo, que levou à criação da família moderna, do lar, associou à feminilidade à maternidade e estabeleceu o amor romântico como padrão.

## Formas

Segundo o sociólogo Anthony Giddens, o amor apaixonado exerce sobre quem ama um efeito desestabilizador, uma perturbação do eu, destoando do amor romântico no século 18

Klebber Maux Dias

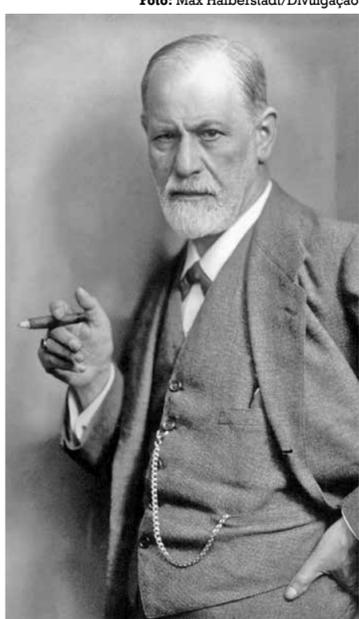
klebmaux@gmail.com | colaborador

## Estética e Existência

## Responsabilidade e transtorno mental

Os conceitos de Responsabilidade e Inconsciente geralmente constituem ações espontâneas e comportamentos duradouros. O médico, eurologista e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) escreveu este artigo: “Responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos” (1925). Nesse escrito, através de uma análise, ele inclui a percepção que o ego faz ao reconhecer uma responsabilidade comunicável, moral e jurídica, porém, também a excede ao alcançar o que é “estranho” ao ego, isto é, seu “acaso”. O excesso observado pela responsabilidade analítica, conduzia Freud a uma crítica da “responsabilidade moral”, considerando-a demasiado restrita por causa das descobertas psicanalíticas e, justamente por seus limites, uma responsabilidade operadora de sofrimento. Diante disso, não se torna prioridade examinar o conteúdo imoral dos sonhos, deve-se analisar com mais atenção os impulsos maus dos sonhos. A psicanálise freudiana fundamenta que o conteúdo do sonho faz parte do ser humano, que tem que se suportar e se responsabilizar em seus impulsos, sejam bons ou maus, segundo as normas sociais. Se um indivíduo se defende, dizendo que o que lhe é estranho, recalca e inconsciente, tudo isso não se dá no próprio ego, e geralmente ele não se justificará a partir das conclusões da psicanálise.

A psicanálise é um método de investigação da “mente humana” e dos seus processos, que expande um entendimento psíquico que está relacionado com suas emoções, impulsos, pensamentos e sentimentos, que determinam os indivíduos, também se considera suas relações biológicas e fisiológicas. Um dos pioneiros desses estudos era Freud, que construiu sua teoria e deu legitimidade a uma nova ciência. Uma de suas teses justifica a existência do Inconsciente como a parte mais significativa dos processos mentais, que influencia todo o modo de viver dos seres humanos. Também afirmava que o Inconsciente é constituído de desejos e pulsões, quando são reprimidos geram efeitos prejudiciais à saúde psíquica do indivíduo, tornando-o neurótico. Sua contribuição desenvolvia a “técnica de análise” como um método de cura ou de conviver de forma digna com as próprias neuroses. Esse processo usava a “fala dissociativa” do paciente, a fim de dá acesso a origem das perturbações psíquicas em uma relação de confiança entre o indivíduo que se submete à aná-

Foto: Max Halberstadt/Divulgação  
Neurologista e psicanalista Sigmund Freud

lise e seu psicanalista. Essa metodologia expõe os traumas psíquicos e as desordens mentais que estão no Inconsciente.

O ser humano em Freud é constituído por dois componentes, são estes: id e superego; outro, um ego. O id representa o lugar das pulsões, que são impulsos orgânicos e desejos inconscientes, que visam ao prazer e a satisfação imediata do indivíduo, e está relacionado com o prazer sexual, que é a libido. O Ego, conhecido por “eu”, é a consciência. Desenvolve-se após o id e realiza uma mediação entre as pulsões do id e sua adaptação com a realidade. Geralmente é o ego que procura encontrar um equilíbrio entre o id e o superego. Este está arquivado no Inconsciente e se correlaciona com a censura das pulsões quando são realizadas pela sociedade através da moral, da educação recebida pelos pais e com os ensinamentos de como se comportar ou agir. Essa estrutura cria uma representação do “eu ideal”, isto é, um superego, que é um “super eu”, impõe suas repressões ao id.

A psicanálise freudiana apresenta uma relação do “eu consciente” e do “eu inconsciente”. E os transtornos mentais quando ocorrem estão relacionados ao Inconsciente. Em uma mente equilibrada o ego recalca os impulsos do id, ao mesmo tempo que impõe limites ao poder do superego. O desequilíbrio dessa função é a origem das desordens psíquicas. Dentre eles, a neurose e a psicose. Uma neurose é uma forma que o Inconsciente encontra para lidar com traumas e

conflitos. E a partir da impossibilidade de lidar com esses sintomas neuróticos, uma “saúde mental” produz sintomas observáveis que influenciam as falhas existenciais de um indivíduo. Uma psicose distingue-se de uma neurose pela incapacidade de um indivíduo perceber o que é e o que não é real. Desse modo, a psicanálise busca ativar, por meio da fala, as causas desses traumas e conflitos inconscientes através de uma interpretação. Segundo Freud, um Inconsciente jamais se tornará consciente, mas algumas de suas pulsões podem ser interpretadas através das técnicas da psicanálise. Por exemplo: a interpretação dos sonhos e a livre associação de palavras.

Freud esclarece que não está se referindo ao sentido metapsicológico, no qual esse conteúdo recalca e mau não pertence ao ego. Ele lembra que assim como a deformação no sonho e a existência de sonho de ansiedade e de punição atestam sua natureza moral, a interpretação do sonho fornece prova de sua natureza má. Freud atribui a força do engessamento de uma norma jurídica brutal, também a um governante tirano e a uma perversa cultura de exclusão... a construção de um falso comportamento que está relacionado a uma adoçada responsabilização... que limita um ego metapsicológico. A construção desse transtorno mental se dá entre os sentimentos amputados com a eliminação de toda dignidade humana. Portanto, considera-se que muitos seres humanos são constituídos de perversidade. Diante disso, faz-se necessário, através de uma sensibilidade, evitar se embrutecer com a finalidade de incluir e responsabilizar um “acaso humano”, isto é, um Inconsciente. E que se obtenha um resultado analítico ou psicanalítico que permita limitar toda loucura da imutabilidade do mau.

Sinta-se convidado à audição do 384º Domingo Sinfônico, deste dia 4, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Apresentarei a vida e comentarei duas peças do compositor e pianista russo Sergei Vasilievich Rachmaninoff (1873-1943). Rachmaninoff se aproximava do romantismo russo, também transmitia uma intensa nostalgia e densa expressividade com temas tempestivos e confusos e difíceis de serem decifrados, que apresentavam uma dor psíquica indizível. Isso o afastou da revolução do pensamento musical que surgia no início do século 20.

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Gato amarelo

O gato amarelo é lindo. Chegou num abril menos despedaçado. Já está castrado e é muito exigente. O nome dele é Nito, uma corruptela de Bonito, mas ele não é bonito, não, muito embora desperte sensações solares, dono de uma amorosidade que nunca vi em nenhum gato. O olho é da cor da pele.

O leitor e o leiteiro de Drummond hão de dizer que eu ainda estou na Arca de Noé, mas a embarcação é outra, o mar é meu e o navio peguei emprestado com Castro Alves.

Quando o trouxe para casa, ele ainda era um bebê, morava com a mãe nos escombros do Casarão da Justiça e sua reação ao chegar ao mar, foi a mais primitiva. Nos primeiros dias, Nito se escondeu entre a mobília. O tempo resolveu tudo.

O desenroscar em novas aparições essenciais, ainda antigas, afastadas de razão ou metafísica ou qualquer coisa de seu mundo, o gato amarelo, logo apareceu, com sua postura selvagem e faminta.

Tomou leite e entrou para a gastronomia das rações.

Escrever sobre gatos, cachorros, numa época em que eles têm suas redes sociais, não é fácil. Sim, os animais hoje têm uma posição elevada, leis que os protegem. Ok, mas não é preciso fazer de seu animal um objeto de luxo, com coleira da Louis Vuitton – isso é outro latifúndio.

Grandes escritores escreveram sobre seus gatos, T. S. Eliot, Rubem Braga e Ferreira Gullar, este último tinha uma gatinha vira-lata que ele adorava. Em várias fotografias, Guimarães Rosa aparece com seus gatos, mas isso não é nenhuma justificativa para escrever sobre Nito. Ele merece.

O delirante Truman Capote, Lewis Carroll, Jorge Luis Borges, Ezra Pound e o paraibano Walter Galvão também viveram cercados por esses animais queridos. A exemplo de Ernest Hemingway, que chegou a ter 50 em sua propriedade na Ilha de Key West, nos EUA.

Por essas bandas, a professora Jacqueline Raimundô chegou a ter 300 gatos em sua casa na Praia do Cabo Branco – eram tantos filhos, netos e bisnetos, que os vizinhos chamaram o síndico. Eu disse o síndico? Sim. Do prédio vizinho, que dizem, era um gato.

Resolvi escrever sobre o gato amarelo, porque nunca tivemos um assim, essa cor que não azuleja o dia, é um amarelo-ouro, dobrando seu prazer de existir e interpretar (divagar sobre) os significados dele na nossa vida.

Os livros espalhados pela casa. Nito fica olhando e pedindo atenção, coloca as mãos no livro, fala pelos cotovelos, reclama e passa a mão no rosto da gente, como se quisesse mostrar a velha e boa amizade.

O toque milenar, os pulos do gato, sua permanência em nossas vidas, além da liberdade demarcada em seu território. Meu pai tinha um gato do mato, que um amigo também do mato, o presenteou: minha mãe bateu o pé e disse: ou eu ou o gato. O sexo falou mais alto.

As gralhas rasuradas à mão pelo desenho do gato, a beleza do andar, o cólôfon a informar: este texto é pra dizer que reza a lenda que os gatos são cósmicos, jamais tóxicos, doença que chegou ao coração de muitos homens.

Gatos e clarões, pretos, amarelos, mouriscos, persas, siameses, vira-lata, gatos são diferentes dos cachorros, eles mandam na casa, na rua fazem uma ópera por um pouco de prazer.

## Kapetadas

1 - O melhor cachorro pra encontrar coisas é o da raça Akita. Akita a chave, akita o celular, akita a carteira...

2 - O entreguismo brasileiro se superou: já virou delivery.

3 - Som na caixa: “Nós, gatos, já nascemos pobres; porém, já nascemos livres”, Chico B.

4 - Dica de leitura: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado, publicado em 1976. Tá vendo, os animais também se apaixonam por seres ou não seres.

Foto: Arquivo Pessoal  
Nito, uma corruptela de Bonito, o mascote do colunista

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## Ontem ele teria completado 80 anos

A história do cinema paraibano é rica de episódios marcantes e de seus atores. Seu *script*, pelo que se sabe, daria realmente um belo longa-metragem. Exaltando, inclusive, uma narrativa rica de interjeições visuais sobre uma cidade que sempre nos tem dado uma cenografia natural e cinematográfica. Um universo urbano deveras fascinante, que nos faz criar sequências, planos e ângulos, representando – o em sua natureza cenográfica, com a virtualidade audiovisual das nossas criações.

O mês de setembro, sobretudo, faz lembrar-se de um singular cinema que me aflora indelével, pelas razões seguintes: o raro nascimento de dois astros cinematográficos, por mim deveras queridos – o meu pai, Severino Alexandre dos Santos, estoico reconstrutor das “coisas de cinema”; e o amigo Jureny Machado Bittencourt, com quem muito trabalhei e a quem sempre nomeiei de “Cigano do cinema paraibano”. Valorosos confrades da Academia Paraibana de Cinema, respectivamente patronos das Cadeiras 5 (a qual hoje ocupo) e a 28, cujo ocupante é o professor Pedro Nunes Filho.

Em especial no dia de ontem, sábado, 3 de setembro, não só nos fez pensar sobre a urbe em que vivemos, suas belezas e transformações; mas, lembrar de um personagem igualmente importante, que intensamente aqui viveu e “bebeu” das muitas ilusões que tem sido o nosso verdadeiro cinema.



Pioneiros do cinema paraibano: Machado Bittencourt (E) e Severino Alexandre (D)

Jureny Machado Bittencourt, natural do Piauí, portanto, não paraibano, mas que se tornaria em alma e coração, como ele próprio me confirmou um dia, foi um personagem da nossa cena cultural de valor simbólico, sobretudo, pelo seu trabalho por detrás das câmeras.

Fixando-se em Campina Grande na Paraíba, onde se destacou no cenário das atividades artísticas como jornalista, fotógrafo e publicitário, o primeiro trabalho cinematográfico de Bittencourt foi *A Feira*, um documentário. Foi em agosto de 1974 que ele fundou a Cinética Filmes Ltda., com a finalidade de produzir filmes publicitários para a televisão e para o cinema. Embora de forma quase artesanal, a Cinética Filmes tinha um estúdio com moviola e até serviços de revelação de negativos, para atender rapidamente à demanda dos filmes que produzia. Fato que relatamos em entrevista, eu



Fotos: Reprodução

e o prof. João de Lima (disponível em [www.youtube.com/watch?v=UuFT-GZA\\_Myg&t=898s](http://www.youtube.com/watch?v=UuFT-GZA_Myg&t=898s)).

Mas foi trabalhando com os alunos de jornalismo cinematográfico, quando do início da Universidade Regional do Nordeste, que ele realizou, além de inúmeros documentos e publicidades, dois filmes de ficção que se destacaram: *Maria Coragem* e *O Caso de Carlota*. E com patrocínio do Governo do Estado, numa parceria comigo Bittencourt produziu, roteirizou e dirigiu o premiado documentário *Paralyba* (1985) para celebrar o Quarto Centenário da fundação da Paraíba.

O que é mais insólito, Machado Bittencourt faleceu em João Pessoa, onde residia desde os anos 1980, em setembro de 1999. No mesmo mês em que nasceu... – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: [www.alex-santos.com.br](http://www.alex-santos.com.br).

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Já leram Gil Messias?

Autor de dois livros de poemas: *Olhares: poemas bissextos* (2008); *A medida do possível e outros poemas da aldeia* (2011), e de um de artigos e crônicas, *Um dedo de prosa: escritos da aldeia* (2014), Francisco Gil Messias já ocupa espaço merecido na cena literária e intelectual da Paraíba.

Não faz vida literária, não se deixa seduzir pelo barulho de grupos nem pelo aconchego, nem sempre confortável e pacífico de certas instituições, assim como se porta absolutamente avesso a proselitismos, autopromoção e merchandising artísticos, tão ao gosto de muitos escritores e pseudoescritores da província.

Seu compromisso parece ser o cultivo da palavra. Quer seja a palavra sensível, tocada pela memória e pela fantasia peculiares aos diâmetros do poema, quer seja a palavra intelectual, voltada para a investigação das propriedades dos objetos e dos fenômenos, em sua incontida ressonância pelo movimento da vida. Lá, o poeta de lirismo meditativo, atento aos detalhes de temas e de situações da esfera subjetiva, no tantâmen, recorrente, de revelar e compreender os enigmas da criação humano; aqui, o ensaísta de pensamento livre, voltado para o fato singular, captado, não obstante, em sua irradiação particular e universal.

Se esse percurso, concernente à sua prosa reflexiva, já se desenhara nos pequenos textos de *Um dedo de prosa*, formula-se, em voo mais abrangente e vertical, em *O redator de obituários* (João Pessoa: Ideia, 2022), na medida em que seu ensaísmo e alarga e se aprofunda.

Pessoas, fatos, eventos, coisas, lugares, livros, casos, episódios e certas sutilezas do cotidiano atraem o olhar desse leitor de minudências. E esse olhar, nutrido por infundas e variadas leituras, convoca o leitor para a participação da descoberta, para o convívio com a informação e o conhecimento, sobretudo o conhecimento e a informação pautados pelo interesse e pela novidade.

Com ele, visitemos a casa de Joaquim Nabuco; vejamos as torpezas de Heidegger; compartilhemos as reminiscências de Orris Soares; verifiquemos a atualidade de um Tom Wolfe; conheçamos os escritores de Juscelino; avaliemos o encontro de Zweig e Bermanos; constatemos que somos todos Ivan Ilitch; leiamos a última carta de Machado de Assis; observemos Gilberto Freyre na Paraíba; deparemos com uma descortesia de Zé Lins, e vejamos os caminhos opostos de Caetano e Vandré.

É desse universo, fértil e plural, que trata Francisco Gil Messias no conjunto de artigos e ensaios que reúne nesse obituário das letras e dos autores.

Em alguns textos, de cunho mais informativo, a abordagem se mantém no nível de leveza e sobriedade, porém, sempre apegada ao traço curioso e, na mais das vezes, imperceptível ao leitor apressado. Destaco, entre eles, “Oswald de Andrade e a Academia”, “Gilberto Freyre e Ariano”, “Drummond e Alceu”, “Epitácio e Machado”, “Uma noite histórica”, “Edson Nery da Fonseca” e “Cem anos sem Augusto”.

Já em outras peças, essas de viés mais ensaístico, naquilo que o ensaio possui do livre pensar e do bem escrever, vejo um alcance maior no procedimento analítico e exegético, a descortinar elementos eloquentes para um entendimento mais completo e mais complexo da configuração intrínseca dos objetos de estudo selecionados. Quer pela solicitação estética, quer pelo desafio existencial, que os textos, os autores, os lugares, os acontecimentos preservam em sua materialidade ontológica, em seu vir a ser incontornável e imprevisível. Sublinho, nesta chave, os ensaios: “Ledo Ivo dá adeus”, “A morte e a morte de Machado de Assis”; “Calado no divã de Freud”, “Sobre os ‘Diários’ de Celso Furtado”, “Francisco Pereira Nóbrega e a opção pelo perdão”, e “Quero mais é mistério”.

Por isto, insisto: se ainda não leram Francisco Gil Messias, não percam essa oportunidade. Ele mesmo, Francisco Gil Messias, é um leitor genuíno. Meio à Montaigne, meio à Borges, meio à Villaça, vive dentro da aventura dos livros, respirando o melhor oxigênio da tradição cultural. Leitor-escritor, escritor-leitor. Como um Ezra Pound, como um T. S. Eliot, como um Ítalo Calvino. E esse leitor, na sua paixão pelos livros e na sua generosidade cognitiva, quer que nós, seus pares, leiamos com ele, para com ele, tecermos as letras de um obituário. Mas de um obituário vivo!

## APC felicita a sua presidente

Academia Paraibana de Cinema, representada por todos os associados, homenageia a sua presidente, a atriz Zezita Matos, pela passagem de mais um natalício, ocorrido no dia 28 de agosto passado. Sua contribuição tem sido notória e honrosa, não só como titular da APC, mas como ocupante da Cadeira 6, cujo patrono é o pioneiro do cinema paraibano Einar Svendsen.

Numa das entrevistas, falando de sua participação no teatro, TV e cinema, e como a boa atriz que é, sobre os personagens que interpreta, Zezita afirma: “... Eu acho que me presto mais eles do que eles a mim. Quando acaba, acaba.” Na opinião de seus parceiros acadêmicos – “Quicá, Zezita, seja esse um de seus grandes atributos como a excelente atriz que é...”



## EM cartaz

**ERA UMA VEZ UM GÊNIO** (Three Thousand Years of Longing. EUA. Dir. George Miller. Fantasia. 14 anos). Dra. Althea Binnie (Tilda Swinton) encontra um “djinn” (Idris Elba). CINÉPOLIS MANÁIRA 3: 13h20 (dub., sáb., dom. e qua.) - 16h30 (leg.) - 19h30 (dub., exceto qua.) - 22h30 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h (exceto seg.) - 20h15 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h40 (exceto qua.) - 20h50 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h40 (exceto qua.) - 20h50 (exceto qua.).

**UM LUGAR BEM LONGE DAQUI** (Where the Crawdads Sing. EUA. Dir. Olivia Newman. Suspense. 14 anos). Uma mulher é suspeita do assassinato de um homem. CENTERPLEX MAG 1: 18h15 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANÁIRA 6: 14h15 (dub.) - 17h (leg.) - 19h45 (dub.) - 22h20 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h - 17h45 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h30 (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 (exceto qua.) - 18h (exceto qua.) - 20h30 (exceto qua.).

**MARIA - NINGUÉM SABE QUEM SOU EU** (Brasil. Dir. Carlos Jardim. Documentário. Livre). A cantora Maria Bethânia, que completou 55 anos de carreira em 2020, fala sobre a sua trajetória. CINÉPOLIS MANÁIRA 8: 21h30.

**PREDESTINADO** (Brasil. Dir. Gustavo Fernandez. Drama. 14 anos). A história do espírito Zé Arigó (Dalton Mello). CENTERPLEX MAG 4: 16h45 - 19h10 - 21h30; CINÉPOLIS MANÁIRA 2: 13h45 (sáb. e dom.) - 16h15 (exceto qua.) - 18h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANÁIRA 7: 15h45 - 18h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 15h45 - 18h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 5: 17h50 (exceto qua.) - 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1: 17h50 (exceto qua.) - 20h (exceto qua.).

**AFTER: DEPOIS DA PROMESSA** (After Ever Happy. EUA. Dir. Castille Landon. Romance. 14 anos). O casal Hessa está crescendo e pode nunca mais ser o mesmo. CENTERPLEX MAG

2 (leg.): 18h30; CINÉPOLIS MANÁIRA 1 (dub.): 19h20 (qua.) - 21h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h30 (exceto seg., ter. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h20 (exceto qua.) - 20h20 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h20 (exceto qua.) - 20h20 (exceto qua.).

**DC - A LIGA DOS SUPERPETS** (DC League Of Super-Pets. EUA. Dir. Jared Stern. Fantasia. Livre). Quando Superman e o resto da Liga da Justiça são sequestrados por Lex Luthor, Krypto, o Supercão, forma uma equipe de animais que receberam superpoderes. CINÉPOLIS MANÁIRA 7 (dub.): 13h30 (sáb., dom. e qua.).

**O DEBATE** (Brasil. Dir. Caio Blat. Drama. 14 anos). A realização de um debate entre candidatos à presidência coloca em rota de colisão dois jornalistas casados (Débora Bloch e Paulo Betti). CINÉPOLIS MANÁIRA 11 - VIP: 15h15 (exceto qua.).

**DRAGON BALL SUPER: SUPER-HERÓI** (Dragon Ball Super: Super Hero. Japão. Dir. Tetsurō Kodama. Animação. 12 anos). O exército Red Ribbon havia sido destruído por Goku, mas um novo foi criado. CINÉPOLIS MANÁIRA 8 (dub.): 16h45 - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 19h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h20 (exceto qua.) - 16h20 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h20 (exceto qua.) - 16h20 (exceto qua.).

**ELVIS** (EUA. Dir. Baz Luhrmann. Biografia. 12 anos). A vida de Elvis Presley (Austin Butler) e sua ascensão à fama. CINÉPOLIS MANÁIRA 11 - VIP (leg.): 20h (exceto qua.).

**O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO** (Paws Of Fury: The Legend Of Hank. EUA. Dir. Rob Minkoff e Mark Koetsier. Animação. Livre). Hank é um cachorro que sonha em ser um grande samurai. CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 17h30; CINÉPOLIS MANÁIRA 1 (dub.): 14h20 - 16h50 - 19h20 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.):

14h15 (exceto seg. e ter.) - 16h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h50 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h50 (exceto qua.).

**NÃO! NÃO OLHE!** (Nope. EUA. Dir. Jordan Peele. Terror. 14 anos). Residentes em uma ravina solitária testemunham uma descoberta assustadora. CINÉPOLIS MANÁIRA 9 - MacroXE: 15h (dub., exceto qua.) - 18h (dub., exceto qua.) - 21h (leg., exceto qua.); CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 20h30; CINÉPOLIS MANÁIRA 10 - VIP (leg.): 16h - 18h - 22; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 16h (exceto qua.) - 19h (exceto qua.) - 22h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h (qua.) - 19h (qua.) - 22h (qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h10 (exceto qua.) - 20h40 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3: 18h10 (leg., exceto qua.) - 20h40 (dub., exceto qua.).

**TOP GUN: MAVERICK** (EUA. Dir. Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha como piloto de caça, Pete “Maverick” Mitchell (Tom Cruise) continua na ativa. CENTERPLEX MAG 3 (leg.): 20h.

**MINIONS 2: A ORIGEM DE GRU** (Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir. Kyle Balda. Animação. Livre). Na década de 1970, com apoio dos Minions, o pequeno Gru traça um plano para se juntar a um grupo de supervilões. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 16h30; CINÉPOLIS MANÁIRA 8 (dub.): 14h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h30 (exceto qua.) - 16h20 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 (exceto qua.) - 16h20 (exceto qua.).

**TREM-BALA** (Bullet Train. EUA. Dir. David Leitch. Ação. 16 anos). Ladybug (Brad Pitt) é um assassino azarado, recrutado para coletar uma moleta em um trem-bala indo de Tóquio para Morioka. O destino, no entanto, pode ter outros planos. CINÉPOLIS MANÁIRA 11 - VIP (leg.): 17h15 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h (exceto qua.).

## Serviço

## CINEMA

## ‘A Viagem de Pedro’ se moderniza

Longa-metragem que está em cartaz no Cine Bangüê, em João Pessoa, abre espaço aos negros e às mulheres

Luiz Carlos Merten  
Agência Estado

Garoto, Cauã Reymond foi D. Pedro heroico numa encenação infantil sobre o 7 de Setembro. Agora adulto, ele volta ao personagem, mas para desconstruí-lo. O projeto sobre D. Pedro I começou a nascer há nove anos, em parceria com Mário Canivello, que coassina a produção. Já naquela época Cauã pensava em uma diretora para fazer a desconstrução. Há cinco anos, logo depois de dirigir *Como Nossos Pais*, Laís Bodanzky entrou na jogada. O roteiro teve algumas versões que foram abandonadas – Laís o assina. O recorte escolhido já escancara a intenção.

De comum acordo, a diretora e o astro-produtor – Cauã é um astro aos olhos do público e um verdadeiro ator para qualquer crítico que se disponha a avaliar suas interpretações – escolheram o que nos créditos do filme *A Viagem de Pedro* é definido como uma lacuna histórica. Não existem muitos registros da viagem da volta de Pedro a Portugal.

Escorraçado do Brasil, ele retornou à pátria para guerrear com o irmão, Miguel. Em Portugal, tornou-se D. Pedro IV. Tratou de assegurar o trono para a

## Humano

**Para Cauã Reymond, o personagem é um dos mais complexos que o ator já criou no cinema: contraditório, epilético e impotente sexualmente**

filha. O olhar feminino. Na embarcação, Laís colocou o Brasil que Pedro estava abandonando. Colocou negros, serviçais, escravos. “Por mais ficcional que seja a estrutura, o que dizem tem embasamento histórico. São depoimentos que encontramos em documentos. Esses negros haviam chegado ao Brasil a bordo de embarcações. No Rio, havia a Pequena África como estação de desembarque e venda de pretos, os escravizados. De volta ao navio, não retornavam à África, mas a outra estação do seu cativeiro”, diz Laís.

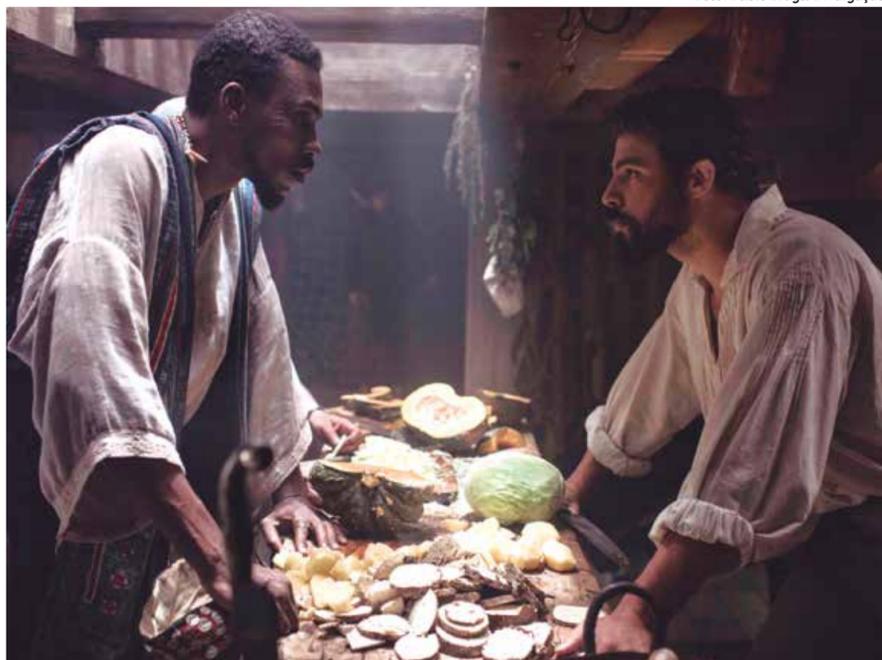
Ela tem feito muitos debates sobre o filme. “Os melhores têm sido com pretos na mesa e na plateia. Eles recebem o filme de forma diferente, com uma sensibilidade mais à flor da pele

para os problemas abordados”. E Cauã: “Esse Pedro é um dos personagens mais complexos que já criei. É contraditório, epilético. Passou à história como amante e estrategista, mas está impotente e lhe falta a mulher, Leopoldina, ela, sim, a estrategista da Independência, com José Bonifácio”. Para complicar, durante o processo, ele perdeu a mãe. Ficou mais fragilizado ainda. Na embarcação, Pedro pode ser generoso com seus serviçais – dá um presente valioso a uma preta. “A liberalidade, nele, é vaidade. Quando se sente acuado é um déspota, autoritário”.

O olhar sobre ele, além de feminino, é moderno, atando o filme à atualidade. “O filme fala de racismo estrutural, de masculinidade tóxica, e são temas que precisamos discutir, cada vez mais. A cultura tem sido criminalizada, marginalizada no Brasil. Sou pela cultura e pela democracia”, reflete Cauã.

### Conexão

Na obra de Laís, Pedro liga-se a Neto, personagem de outro longa seu, *Bicho de Sete Cabeças*, de 2001. “Existe conexão. Os filmes viajam na cabeça dos dois, mas agora compartilho mais com o espectador a doença, a loucura, de Pedro”, explica a



Sergio Laurentino (E) e Cauã Reymond (D) em cena do filme, que terá sessão amanhã, no Bangüê, às 20h30

diretora. “No *Bicho*, o sistema manicomial, a família é que eram doentes”. Não há como fugir à questão. É um filme árduo, claustrofóbico, quase todo dentro do navio. Desmistifica seu personagem – o episódio da estátua é sob medida para mostrar que o Pedro desse filme é o reverso daquele da historiografia oficial. Foi filmado numa fragata que é peça de museu da Marinha Brasileira. Saindo da Bahia, e margeando a costa, chegou a Niterói e a Santos. Mas nem

tudo foi filmado ali dentro. Uma réplica foi construída em estúdio. O cinéfilo deve se lembrar de *E la Nave Va*, quando Federico Fellini, no final, revelava o dispositivo que fazia o transatlântico oscilar. Uma mola no mar de celofane.

Como funcionava a traquitana de *A Viagem de Pedro*? “O cenário era suspenso por fios e sacudido manualmente, pelos lados”, conta a diretora. Nas férias da filha, Cauã foi com ela à Nicarágua para surfar. Na TV, na

Globo, acaba de lançar a segunda temporada de *Ilha de Ferro*. “Gostei muito de trabalhar com Afonso Poyart. Gosto da forma como ele usa a tecnologia, como filma a ação. Ficamos amigos”. Dois projetos em alto-mar. Cauã não ficou mareado? “Surfar não tem nada a ver com isso. Equilibrar-se na prancha ou numa embarcação são coisas diferentes. Mas não mareei, não. É coisa de constituição física, de DNA. De toda a equipe, só um câmera e eu não mareamos”.

# MUITO ALÉM DO GRITO DO IPIRANGA

UM MERGULHO NOS 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

TABAJARA  
CONTA A  
HISTÓRIA



MARKETING BPC

SEGUNDAS,  
8H ÀS 8H30  
NA TABAJARA FM 105.5

Tabajara

EMPRESA  
PARAIBANA DE  
COMUNICAÇÃO

## PARLATINO

# Evento cria possibilidade de parcerias

Parlamento Latino-Americano se reúne em João Pessoa a partir de amanhã, quatro anos após última sessão no Brasil

Pettronio Torres  
pettroniotorres@yahoo.com.br

A Paraíba terá várias possibilidades de firmar parcerias internacionais, em diversas áreas, com 23 países. É o que prevê a secretária de Relações Institucionais do Parlamento Latino-Americano, a senadora paraibana Daniella Ribeiro (PSD), a anfitriã do Parlatino, que volta a ser realizado no Brasil, após quatro anos. Neste ano, o evento será realizado em João Pessoa, no Centro de Convenções, a partir de amanhã. O encontro se estende até a terça-feira.

“Serão 23 países-membros neste evento de grande magnitude para nós brasileiros e paraibanos. E podemos e deveremos capitalizar várias parcerias internacionais através do Governo do Estado e os representantes destas nações, em vários setores importantes e estratégicos que estaremos discutindo nesta segunda e terça-feira aqui em João Pessoa”, ressaltou a senadora paraibana.

As reuniões do Parlatino não eram realizadas no Brasil desde 2018. Foi escolhido a pedido da secretária do Parlatino, a senadora paraibana Daniella Ribeiro, que pediu pessoalmente aos colegas para que a reunião de setembro ocorresse no Brasil, na Paraíba e em João Pessoa.

“Há muito tempo o Brasil não recebia as reuniões do Parlatino e por isso fiz esse pedido para que tivéssemos a realização aqui. Aproveitei e coloquei o nome da Paraíba para que fosse ser sede do encontro dos parlamentares. É uma honra receber na nossa casa um evento internacional com a importância do Parlatino”, explicou a parlamentar paraibana.

Uma das novidades este ano, segundo revelou Daniella Ribeiro será a presença de dois países fora do eixo América do Sul e Caribe, que são Marrocos e Emirados Árabes, que participam na condição de observadores. Os dois, que segundo a senadora paraibana, podem integrar o bloco do Parlatino futuramente.

“Eles vêm nos observar para futuramente participarem na condição de membros. Eles já colaboram conosco. O Parlamento de Marrocos, por exemplo, cedeu a sua biblioteca ao povo do Panamá, num gesto muito significativo. Eles querem interagir conosco. Isso é muito positivo”, disse Daniella.

O encontro começará às 9h da segunda e se estenderá até 17h; na terça, a reunião começará às 9h e se encerrará às 12h. O evento contará com a presença de autoridades locais, além dos parlamentares dos países-membros.

Os temas a serem discutidos no Parlatino deste ano são diversificados. Nesse encontro de João Pessoa, a partir de amanhã, as discussões contarão com integrantes das comissões de Meio Ambiente e Turismo; Segurança Cidadã, combate e prevenção ao narcotráfico, terrorismo e crime organizado.

“São temas em voga que permeiam e são motivos de preocupações em todos os países latino-americanos. Vamos debater bastante e buscar encontrarmos meios legais através de elaborações de leis para contribuímos com soluções para estas problemáticas, que afligem os nossos povos”, finalizou a secretária do Parlatino.



Foto: Divulgação

Daniella é a secretária de relações institucionais do Parlamento Latino Americano

## Oportunidade para destacar potencial da PB

A senadora Daniella Ribeiro explicou que a realização das reuniões no Brasil, especificamente na Paraíba, representa um momento importante para o país, enquanto membro do Parlatino, e uma oportunidade de destacar o potencial do Nordeste, sobretudo da Paraíba, que sediará o evento.

Ao encerramento do Parlatino, a secretária de Relações Institucionais confirmou que haverá encaminhamentos oriundos do travamento de debates e discussões dos temas abordados da pauta já pré-estabelecida e que serão os assuntos centrais do encontro em João Pessoa.

“As discussões contarão com integrantes das comissões de Meio Ambiente e Turismo; Segurança Cidadã, combate e prevenção ao narcotráfico, terrorismo e crime organizado. Mas os debates não serão restringidos a estes assuntos. Eu pessoalmente vou propor temas fora destes eixos do Parlatino”, disse Daniella.

A senadora paraibana adiantou que abordará temas como educação e tecnologia, por exemplo. Trazendo, de acordo com ela, a importância da cidade de Campina Grande, na área de tecnologia para a Paraíba,

“Será uma divulgação importante para João Pessoa, Campina Grande, o Nordeste e nosso país, claro

Daniella Ribeiro

Nordeste e Brasil, como um todo de forma ampla e geral. “Será uma divulgação importante para João Pessoa, Campina Grande, o Nordeste e nosso país, claro. O mundo tomará conhecimento do potencial que tem a nossa região e nosso Estado. É uma divulgação para o planeta”, completou.

## Nordeste terá mais evidência que as reuniões

■ Senadora destaca que decisões do colegiado vão beneficiar o Brasil e os 22 países da região

O Parlatino será um evento muito mais do que reuniões de dois dias. Segundo a senadora Daniella Ribeiro, a realização do Parlamento Latino-americano, em João Pessoa, vai colocar o potencial do Nordeste em evidência.

Ao agradecer a participação dos representantes dos países integrantes do Parlatino, Daniella Ribeiro disse que as decisões do co-

legiado vão beneficiar os 22 países da região, além do Brasil, obviamente.

“Podemos trazer para a Paraíba, especialmente neste momento, para João Pessoa, a capital, uma reunião onde vamos ter oportunidade de destacar também o potencial do Nordeste, sobretudo do nosso estado. E, nesse momento, nesse encontro, o Parlatino vai tratar de te-

mas que serão discutidos, como meio ambiente, turismo, segurança cidadã, combate e prevenção ao narcotráfico, terrorismo e crime organizado”, ressaltou a parlamentar.

Segundo ela, as decisões e, com elas, os benefícios oriundos destas discussões e debates serão absorvidos por todos os membros e o lucro de resultados será sentido pela po-

pulação dos nossos países.

“Com toda a certeza, com a participação de todos aqueles países que fazem parte do Parlatino, que estarão nesta discussão conosco, e os encaminhamentos que eu tenho certeza de que vão ser feitos, trazendo benefícios para esses países que integram o nosso Parlamento Latino-Americano”, finalizou a senadora.

## Parlatino é unicameral e existe desde 1964

O Parlamento Unido Latino-Americano, rotulado de Parlatino, foi fundado em 1964 como uma organização regional, permanente e unicameral, integrada pelos parlamentares nacionais da América Latina.

Integram o Parlamento Latino-Americano as Antilhas Holandesas, Argentina, Aruba, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Suriname, Uruguai e Venezuela.

No entanto, o Parlati-

no pode ficar maior. É que dois países podem ingressar futuramente o colegiado americano. Uma das novidades este ano será a presença de dois membros observatório fora do eixo América do Sul e Caribe, que são Marrocos e Emirados Árabes. Eles participam na condição de observadores.

Eles vêm observar o Parlatino para futuramente participarem na condição de membros efetivos. No entanto, porém, já colaboram com o Parlamento Latino-Americano. O do Marrocos, por exemplo, cedeu uma biblioteca completa ao povo do Panamá.



Foto: Parlatino.org

O Parlatino é uma organização regional permanente com representantes de toda a AL

COM VERBAS DO FUNDÃO

# Campanha deve ser a mais cara da história das eleições

Até outubro, os candidatos terão R\$ 6 bilhões em recursos públicos para gastar

Daniel Weterman  
Agência Estado

■ Na eleição de 2014, foram 90 dias para os candidatos pedirem voto. Neste ano, a campanha oficial vai durar apenas 45 dias

Mesmo sem dinheiro de empresas privadas, as eleições de 2022 devem igualar ou até ultrapassar o gasto de 2014, a disputa mais cara da história do país. Naquele ano, a maior parte das campanhas foi bancada por construtoras investigadas pela Operação Lava Jato. Agora, só haverá recursos públicos e de pessoas físicas. Mas as campanhas voltaram a ter arrecadações milionárias com o embate acirrado de grupos alinhados ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Até outubro, os candidatos terão aproximadamente R\$ 6 bilhões em recursos públicos para gastar nas campanhas, somando os fundos eleitoral e partidário. O dinheiro foi distribuído pelos partidos de acordo com critérios dos próprios dirigentes das siglas. A esse montante somam-se doações de pessoas físicas que, na estimativa de especialistas em campanhas, devem chegar a um valor recorde neste ano.

Para se ter uma ideia, nos primeiros 10 dias de campanha entraram R\$ 165 milhões em doações dessa forma. Somente o empresário José Salim Mattar repassou R\$ 2,8



O Congresso aprovou o fundo eleitoral após articulação de partidos políticos

Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

milhões - é o maior doador até agora. As campanhas podem receber também recursos de financiamentos coletivos, as chamadas "vaquinhas".

Assim, o custo da eleição deste ano poderá atingir o de 2014, que chegou a R\$ 5 bilhões - com a atualização monetária, o valor movimentado na disputa que elegeu Dilma Rousseff presidente foi de R\$ 8 bilhões.

Há outra diferença entre as disputas do período da Lava Jato e de agora que preocupam especialistas. Na eleição de 2014, foram 90 dias para os candidatos pedirem voto. Neste ano, a campanha oficial vai durar apenas 45. Ou seja, os candidatos terão menos tempo para gastar bilhões de reais despejados nas campanhas.

"A demanda real por gastos diminuiu, mas o dinheiro aumentou. O risco de corrupção se elevou demais", afirmou o consultor sênior da Transparência Internacional no Brasil, Michael Mohallem.

Para o consultor, a intenção das últimas mudanças na legislação eleitoral - como a que proibiu o financiamento por empresas - foi diminuir o custo das campanhas, o que deve ser revertido nesta eleição em que os dois protagonistas são, pela primeira vez, o presidente e um ex-presidente.

## Custo

O custo da eleição para presidente da República deste ano poderá atingir o de 2014, que chegou a R\$ 5 bilhões

## Valor do fundo eleitoral entra no Orçamento

O aumento do financiamento público foi articulado por partidos políticos, aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro. A estratégia foi permitir que as campanhas tivessem uma estrutura parecida com eleições anteriores, mesmo sem depender do financiamento de grandes empresas. O valor do fundo eleitoral entrou no Orçamento da União e é bancado com impostos federais e multas pagas à Justiça Eleitoral.

Além de um "fundão" à disposição dos candidatos, as eleições deste ano têm regras diferentes. É a primeira disputa nacional sem coligações proporcionais, grupos que partidos formavam para eleger deputados.

Agora, cada legenda terá que ter sozinha o número de votos necessários para eleger um candidato - que varia de acordo com o Estado e o número de vagas disponíveis. Na prática, o político precisará de mais votos - e, conse-

quentemente, mais dinheiro - para obter uma cadeira na Câmara.

### Aumento de poder

O cargo de deputado passou a ser ainda mais cobiçado com o aumento do poder do Congresso e o acesso ao orçamento secreto. Conforme o Estadão publicou, a disputa tem um número recorde de candidatos à reeleição na Câmara.

"O fundo eleitoral ficou maior sem aumentar a transparência e a fiscalização, que claramente não estão na mesma proporção", disse o diretor da Transparência Brasil, Manoel Galdino. A margem para candidaturas "laranjas", gastos fictícios e enriquecimento ilícito aumentou, de acordo com ele. "É mais do que desperdício, é crime mesmo", alertou.

### Teto de gastos

O gasto também deve aumentar nas campanhas presidenciais. Em 2018, o presidente Jair Bolsonaro declarou

ter gasto R\$ 2,5 milhões. O PT informou um total de R\$ 37,5 milhões para a campanha de Fernando Haddad. Agora, o limite para a campanha de Bolsonaro e de Lula será de R\$ 88,9 milhões. Em um eventual segundo turno, haverá um acréscimo de R\$ 44,5 milhões. As campanhas dizem que devem chegar perto do teto, mas o valor final só é conhecido depois da disputa.

Os partidos distribuíram R\$ 2,3 bilhões dos dois fundos para 6.044 candidatos. A metade do valor, R\$ 1,1 bilhão, entrou na conta de apenas 6% dos candidatos. Quem mais recebeu verba pública foi Lula, R\$ 66,7 milhões.

Dados do TSE mostram que os candidatos já receberam R\$ 2,4 bilhões, somando fundos eleitoral e partidário,

doações de pessoas físicas e "vaquinhas". Até agora, eles declararam ter contratado R\$ 224,1 milhões em despesas, das quais R\$ 93 milhões já foram pagas.

## Cobiçado

O cargo de deputado passou a ser ainda mais cobiçado com o aumento do poder do Congresso e o acesso ao orçamento secreto. ecorde de candidatos à reeleição na Câmara

EDITAL - NOTIFICAÇÃO DE CONFRONTANTE  
ROBSON ROGERIO ALEXANDRE MARTINS, Oficial do Cartório Registro de Imóveis de Cabedelo/PB, situado na Rua Aderbal Piragibe, 05, Centro, Cabedelo/PB, notifica os proprietários/ocupantes do lote 09(nove) da quadra B(bê) do Loteamento Leonor Viana, Poço, nesta cidade, que encontra-se em tramitação neste Ofício um procedimento de retificação de área do lote 01-A da quadra C(cê), Loteamento Leonor Viana, Poço, nesta cidade(matrícula 39.444), do qual o proprietário/ocupante possui imóvel confrontante. O notificado possui um prazo de 15 (quinze) dias para comparecer neste Cartório e oferecer oposição fundamentada caso se oponham à regularização da área mencionada. Tudo conforme determina o artigo 213, II, da Lei 6.015/73. Planta do imóvel e certidão da prefeitura local encontram-se depositadas neste Cartório.

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## O menino poeta de Mari

Não conheço pessoalmente o garoto de quinze anos que decorou meu folheto "História da Rádio Comunitária Araçá em versos" e - pelo que me contaram - declama em todo lugar. O nome da figurinha é Alysson Oliveira, estudante do ensino médio. O rapaz se diz "poeta lírico", produz uns versos românticos, na contramão da produção dos raros adolescentes que ainda escrevem poesia, geralmente com temas leves que remetem à infância, ao folclore ou à natureza. Ele se dedica à poesia dentro do protocolo dos trovadores impregnados de arrebatamento pelos respectivos xodós. Breve espiada sobre o trabalho de Alysson: "Teu olhar me inspira / Me faz suar, me tira o ar / Quando teu olhar tocou o meu / Foi como um tiro certo / Me tirou da brisa / Me botou no escanteio / O que sou, senão / Um sentimento alheio?"

Quando eu tinha quinze anos também já escrevia versinhos, mas sobre outro tipo de apego. Eu pensava contribuir efetivamente para a grande revolução mundial com poesias altamente engajadas e mal feitas. Era a tal arte em ação, poema transformador, míssil destruidor das estruturas viciadas na sociedade. Não deu muito certo, quase ninguém leu esse gênio incompreendido da geração mimeógrafo. Da minha poesia que queria ser marginal, sobrou um livreto devidamente mimeografado que atende pelo nome de "Lira desvaçada", inspirado em Chacal, Cacaso, Paulo Leminski e Torquato Neto. Contribuí em 1970, aos quinze anos, com a imprensa alternativa matuta, editando o primeiro número do meu Jornal Alvorada. Minha geração começava cedo a publicar dentro do espaço "marginálio", primo irmão da tropicália, jornais e livros clandestinos e iconoclastas com o propósito de rasgar os protocolos do jornalismo daquela época, avesso às informações e ideias contrárias ao status quo.

O poeinha de Mari tem as "minhas" como eixo claro de interesse. Nessa idade a criatura já se queima naquela brasa de que fala Luiz de Camões, porque "amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer". O que me comove, no entanto, é a curiosidade e o entusiasmo com que o garoto leu, decorou e recita publicamente o folheto "História da Rádio Comunitária Araçá em versos", talvez orgulhoso da memória de luta do seu povo em defesa da estaçãozinha de rádio que é a voz da comunidade ou, quem sabe, por ter um parente integrante daqueles episódios narrados no livreto. Não sei. A rádio foi ao ar pela primeira vez em 1998. Alysson nasceu em 2007. Entretanto, nada vem de graça para ele, nem para ninguém. Nossa história é sempre a continuidade das ações dos nossos antepassados. O livreto aparece para fundamentar com dados históricos seu saber a respeito daquela aventura coletiva de que trata meu cordel. O que sei é que o declamador deve perceber e assimilar os episódios da obra, e o trabalho fala de sua comunidade, de pessoas que vivem ao seu lado no dia a dia. A rádio tem apenas vinte e quatro anos. Os sucedidos ainda permanecem na memória coletiva. Dizem que o jovem Alysson Oliveira vai à bodega e o pinguço pede para ele declamar o trecho onde falo do meu programa "Seresta brasileira", que reunia os mais talentosos seresteiros e tomadores de "mel de tubiba" de Mari. Ou a senhora da Pastoral da Criança levando o jovem declamador para recitar meu livro na reunião da Igreja. Sim, porque a rádio comunitária ajudou muito aquela gente no fortalecimento de sua autoestima e a preencher um pouco o vazio espaçosos da falta de perspectiva nas vidinhas daquelas quebradas.

Em verdade, desde que cheguei naquela pequeníssima estação de trem a caminho do brejo paraibano, antigamente chamada Araçá, no distante ano de 1988, foram todos muito inaugurais os episódios ali vividos e concebidos por mim. Criei o primeiro grupo de teatro, a primeira liga de futebol, o primeiro time da categoria infantil, o primeiro jornal literário, a primeira diretoria do partido de esquerda e a primeira e única estação de rádio comunitária. Agradeço aos meus chefes por terem me transferido para essa cidade, como castigo por ter fundado o sindicato dos trabalhadores ferroviários da Paraíba. Não fosse esse assédio moral de caráter despótico, não estaria eu aqui hoje impactado pelo orgulho de ver um rapaz de quinze anos interessado em poesia e soberania popular, inspirado em um folheto de autoria do velho Leão.

Colunista colaborador

## PATRIARCA

# Ascensão e queda de José Bonifácio

Conselheiro que encorajou Dom Pedro I a declarar Independência despertou ciúmes e ganhou inimigos na corte

Ricardo Westin

Faz 184 anos que morreu José Bonifácio de Andrada e Silva. Conselheiro de Pedro I, foi ele quem encorajou o inexperiente príncipe de 23 anos a afrontar Portugal e declarar o Brasil independente.

Como reconhecimento, o governo acaba de conceder-lhe o título de Patrono da Independência. A lei se origina de um projeto que o Senado aprovou em dezembro. O título se soma ao célebre epíteto que já o consagrara em vida: Patriarca da Independência.

O arquivo do Senado guarda documentos que mostram uma carreira brilhante, porém breve. Bonifácio chegou rápido ao entorno da coroa e foi derrubado com igual velocidade. Sua ascendência sobre os dois imperadores do Brasil despertou ciúmes e inimigos.

Entre tornar-se ministro de Pedro I e ser banido do Brasil, passaram-se apenas dois anos. De volta ao país, foi nomeado tutor do menino Pedro II, mas dois anos depois já estava fora do palácio.

Em 1822, às vésperas da Independência, Bonifácio assumiu o Ministério dos Negócios do Reino e Estrangeiros, onde criou a Marinha, para o caso de uma reação portuguesa ao grito do Ipiranga, e negociou com o mundo o reconhecimento do país.

O ministro providenciou a reforma da Cadeia Velha para abrigar a Assembleia Geral, que se reuniu em 1823 para elaborar as primeiras leis do Brasil independente. Ele próprio se elegeu deputado.

Um dos projetos mais discutidos na Assembleia foi o da pena de morte para quem se insurgisse contra a Independência. Segundo papéis do Arquivo do Senado, Bonifácio defendeu o texto:

“Quem chamaria de bárbaro um projeto que busca destruir as maquinações de Portugal e sustentar os direitos do Brasil? A nação nos pediria contas de cada gota de sangue brasileiro derramado por não termos tomado as cautelas convenientes”.



Imagem: Oscar Pereira da Silva/Museu Paulista da USP

Bonifácio Andrada e Silva nasceu em Santos, São Paulo, no dia 13 de junho de 1763

## Desiludido, viveu recluso na Ilha de Paquetá até morrer

■ No final de 1833, sem consultar a Assembleia, a Regência baixou um decreto derrubando o Patriarca da Independência

Chegou-se a citar a idade como razão para a destituição. Bonifácio tinha 69 anos, um ancião para a época.

O Senado salvou Bonifácio, mas não pôs fim à conspiração. No final de 1833, sem consultar a Assembleia, a Regência

baixou um decreto derrubando o Patriarca da Independência. “Custou, mas demos com o colosso em terra”, comemorou, numa carta, o novo ministro da Justiça, Aureliano Coutinho.

Desiludido, Bonifácio viveu recluso na Ilha de Paquetá até morrer, em 6 de abril de 1838.

O Arquivo do Senado guarda inúmeras homenagens a Bonifácio, como a feita pelo senador Danton Jobim (MDB-Guanabara) em 1972:

“Ele desenhou com precisão e minúcia o roteiro do desenvolvimento nacional, levantando ou equacionando com clareza problemas que agora tentamos resolver. Mais que político, ele era homem de Estado”.

## Andrada fez fama na Europa

Antes de tornar-se o Patriarca da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva já era famoso na Europa, como cientista.

Por volta de 1800, após embrenhar-se em minas da Suécia e da Noruega, Bonifácio apresentou à comunidade científica nada menos do que 12 novos minerais. Pouco depois, um colega se aprofundaria nas descobertas e identificaria num daqueles minerais o lítio — elemento químico que hoje é matéria-prima de drogas psiquiátricas, propélicas de foguetes e baterias de celulares. A andradita, mineral descoberto em 1868, foi assim batizada para homenagear o brasileiro.

Bonifácio nasceu em Santos, em 1763. Como no Brasil não havia universidade, ele teve que mudar-se para Portugal, onde se diplomou em filosofia e direito. Do governo português, ganhou uma bolsa para estudar mineração nos países mais adiantados da Europa. A viagem durou dez anos, e Bonifácio se associou a academias científicas de diversos países. De volta a Portugal, o rei o incumbiu de cuidar de minas, florestas, rios, fundições e até obras públicas.

Em 1819, aos 56 anos, ele retornou para o Brasil. Bonifácio só queria aproveitar a aposentadoria em paz, no seu sítio em Santos. O destino, entretanto, reservava-lhe algo bem maior.

# Visionário do fim da escravidão e da reforma agrária

Ousado, o deputado apresentou dois projetos de lei que contrariaram a elite: um previa a extinção da escravidão negra e o outro incentivava a incorporação dos índios à sociedade. Bonifácio vivera 30 anos na Europa e se incomodava com o atraso do Brasil.

Defendeu a reforma agrária, a preservação de rios e florestas, a abertura de universidades e a transferência da capital para o centro do país.

Da tribuna, Bonifácio argumentou que a primeira Constituição do Brasil, em gestação na Assembleia, deveria preservar a Monarquia. A República seria um erro, pois provocaria uma disputa tão selvagem pelo poder que o Império acabaria pulverizado em vários países.

— Não concorrerei para a formação de uma Constituição demagógica. Há 14 anos que se dilaceram os povos da América espanhola, os quais

saíram de um governo monárquico para estabelecer uma liberdade sem limites.

Pedro I odiou o projeto de Constituição. Ele esperava ganhar muito mais poderes. Em novembro de 1823, em resposta, fechou a Assembleia e expulsou Bonifácio do país.

Envenenado pela intriga dos desafetos de Bonifácio, Pedro I já vinha se estranhando com o antigo mentor. Quando a Assembleia foi dissolvida, fazia meses que Bonifácio havia sido demitido do ministério.

O Patriarca da Independência se exilou na França. Anistiado, voltou para o Brasil em 1829. Não conseguiu ficar longe da política. Em 1831, passando por cima da mágoa, aceitou o convite de Pedro I para ser o tutor de Pedro II, de 5 anos. O imperador abdicava para voltar a Portugal, e a Regência governaria até Pedro II ter idade para subir ao trono.

*Tendo se mostrado o Doutor José Bonifácio de Andrada e Silva, incapaz de continuar no honroso Emprego de Tutor do nosso Juven, e Augusto de Moraes, não só pela sua intima desconfiança, como pela deslealdade, apóstatas, conhecida, que tem prestado ao partido Restaurador, segundo se viu em 17 de Abril do anno pps, e outras occasioens; como tambem pela completa infidelidade que mostrou ter para a direcção de humo e Monarchia; pois que havendo conseguido na época da Independencia, huma inteira ascendencia sobre o Duque de Bragança, em vez de emendar os primeiros erros da sua educação, esmerou-se por acabar de pervertel-o, imbuindo-lhe ideias aristocraticas, e despoticas: apamara athenis: palda Villa do Principe; sobre maneira apegou-se a males que ao Brasil previrão, se hum tal homem continua a Educar o Principe;*

Ofício de 1833 em que a Câmara Municipal de Vila do Príncipe (MG) pede destituição de Bonifácio, acusado de ser “incapaz”.

O tutor precisava ser aprovado pelo Senado e pela Câmara, onde tinham assento muitos de seus velhos adversários. Eles fizeram de tudo para barrar a nomeação. Para

o deputado Cunha Mattos (GO), o futuro monarca não precisava de tutor nenhum:

— Três regentes, seis ministros e os representantes da nação [deputados e senadores]

estarão com a vista atenta sobre a sua augusta pessoa.

Bonifácio venceu as resistências e, em agosto de 1831, prestou juramento no Senado, prometendo dedicar-se de corpo e alma à formação intelectual do futuro monarca.

É provável que a paixão de Pedro II pela ciência tenha sido plantada pelo tutor, que construiu uma notória carreira científica na Europa na virada do século.

Temendo que se repetisse com Pedro II a influência que Bonifácio tivera sobre Pedro I, os inimigos logo iniciaram uma campanha para derrubá-lo. O estopim, em abril de 1832, foi uma tentativa de invasão do Palácio Imperial para sequestrar Pedro II. O ministro da Justiça, padre Diogo Feijó, acusou Bonifácio de conivência e pediu à Câmara e ao Senado sua destituição.

— Aquela hora, a inocência do pupilo dormia e descansa-

sava sob a vigilância do tutor. Pode alguém não estremecer ao recordar-se de tão horrível traição? A existência do tutor é perigosa à segurança do monarca — atacou o senador José Inácio Borges (PE).

— Entre o governo e o tutor há profunda inimizade — disse o senador José de Alencar (CE). — Para o sossego da pátria, uma das partes precisa se retirar. A Regência não pode. Deve, pois, sair o tutor.

### Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão

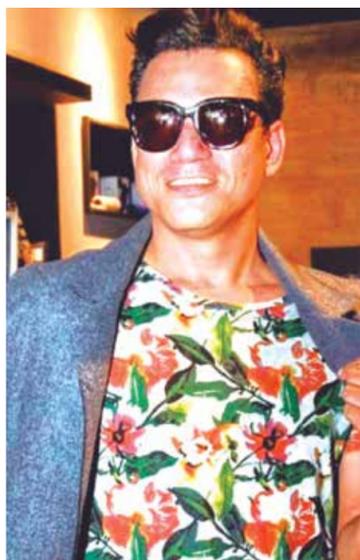
enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



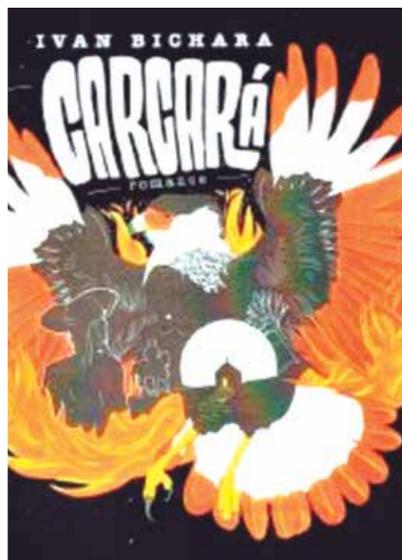
Editoração:  
Ulisses Demétrio



O escritor e ex-procurador-geral da UFPB, Dr. Francisco Gil Messias (na foto) lançou o livro "O Redator de Obituários", em evento ocorrido no Centro de Estudos Jurídicos José Fernandes de Andrade, na última quinta-feira. A obra, uma publicação da Editora Ideia, tem prefácio de Hildeberto Barbosa, orelha de Mirabeau Dias. A apresentação coube ao diretor de mídia impressa do Jornal A União, William Costa.



A Diva Divina, loja de roupa e acessórios femininos, dirigida pela empresária Adriana Mattioli, vai festejar, no próximo dia 15, dois anos de fundação, com evento para convidadas especiais. Na ocasião, a empresária vai oferecer elegante coquetel e lançar a grife by George Dellameida (foto).



Em conhecido evento, a cidade de Cajazeiras sofreu, no ano de 1926, uma tentativa de invasão por um grupo chefiado por Sabino Gomes, fatos romaneados pelo escritor Ivan Bichara. Já decorrido quase um século, o professor Francelino, com o decidido apoio da família do ex-governador, representada pelo neto Dr. Guilherme Sargentelli, e do poder público municipal, planejam instalar, no próximo ano, naquela comuna sertaneja, uma comemoração da rota vivenciada pelo bando, evento que marcará, com objetivos turísticos, o roteiro narrado no romance Carcará. A iniciativa já conta com o decidido apoio da recém-criada FEBTUR-PB.



Adriana Palmeira, Josemberg Lima, Mayra Barros, Pecilda Alves, Glicia Rangel Colares, Dandara Costa, Mirtes Medeiros, João Modesto e Kubitschek Pinheiro são os aniversariantes da semana.



Amanhã (5), a nossa querida amiga Maria Lúcia Padilha festeja seu aniversário, em ritmo de adesão, durante almoço no tradicional restaurante Gulliver, em Tambaú. Claro que marcarei presença.



A Abrajet, entidade jornalística fundada pelo saudoso Wills Leal, elegeu, numa chapa de consenso, o jornalista Abelardo Jurema (na foto com a esposa, Maria Lúcia) como novo presidente. A este nobre colega, desejamos excelente gestão.

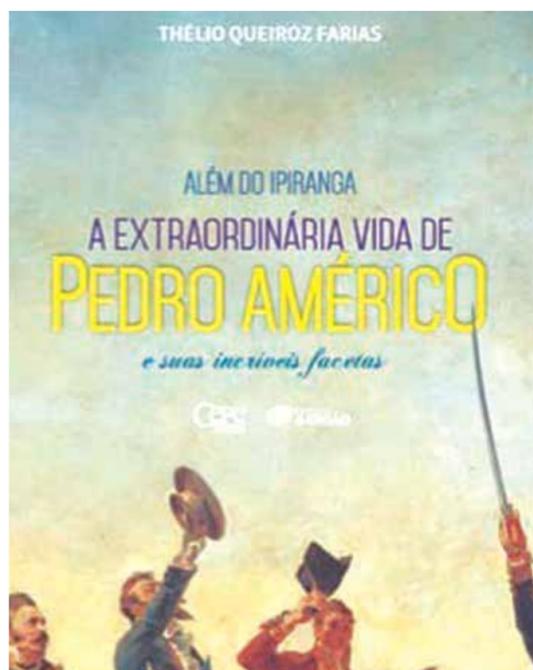


O emblemático Hotel Tambaú, um divisor de águas na história do turismo paraibano, já está sendo devidamente recuperado. O grupo Ampar, que tem como empreendedor, entre outros, o advogado Rui Galdino (foto) está no comando das obras que vão resgatar um dos símbolos turísticos da Paraíba.



A professora e ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Pereira, se preparando para uma nova temporada, nos EUA, terra onde residem seus filhos e netos.

Na próxima terça-feira (6), às 17h, no auditório do Procon, em João Pessoa, vai acontecer o lançamento do livro "Além do Ipiranga - a extraordinária vida de Pedro Américo", resgate histórico importante. A obra é de autoria do campinense Thélío Queiroz Farias.



Mirando no autoconsumo e no rejuvenescimento do público, a Copenhagen, marca referência em chocolates finos, lançou, recentemente, uma campanha apresentando as novas diretrizes de posicionamento e de linguagem da empresa. Para estrelar a campanha, a Copenhagen convidou a influencer Sílvia Braz, um exemplo muito forte de elegância e simpatia, para ser a principal embaixadora.

**IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY**  
www.paraibaproperty.com.br  
+55 83 99302-7071

**Contabilize**  
Consultoria e Assessoria Contábil

**LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA**  
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189  
**DOUTOR HERNIA**

## Selic

Fixado em 3 de agosto de 2022

13,75%

## Sálário mínimo

R\$ 1.212

## Dólar \$ Comercial

-1,02%

R\$ 5,185

## Euro € Comercial

-0,94%

R\$ 5,161

## Libra £ Esterlina

-1,30%

R\$ 5,971

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2022 -0,68

Junho/2022 0,67

Maior/2022 0,47

Abril/2022 1,06

Março/2022 1,62

## Ibovespa

110.864 pts

+0,42%



Fotos: Marcos Russo

Preços de alimentação, consultas, remédios e acessórios para os animais subiram mais que os mesmos itens voltados aos seres humanos

## BICHOS DE ESTIMAÇÃO

# Inflação no mercado pet supera demais segmentos

Despesas com alimentação e saúde dos animais têm pesado no bolso dos tutores

Thadeu Rodrigues  
thadeu.rodrigues@gmail.com

A inflação dos produtos para animais de estimação, os *pets*, supera a dos humanos. De acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), nos últimos 12 meses, o segmento de alimentação para animais ficou 15,35% mais caro. Já o setor de alimentação e bebidas para seres humanos aumentou 14,72%. Há quem gaste mais de R\$ 100 em uma embalagem de 1,5 quilo de ração, que pode ser feita à base de proteínas como salmão e carnes nobres. Sobre o aumento dos preços, os fabricantes informam que eles ocorrem pela alta nos insumos no mercado internacional.

O custo do tratamento de animais em clínicas aumentou 6,2%, enquanto que os serviços de saúde subiram 2,35%, nos últimos 12 meses. No que se refere aos serviços de higiene para animais, os gastos tiveram alta de 9,28%. Já para os humanos, o item cuidados pessoais do IPCA inflacionou 8,49%.

Branquinha é da raça maltês e vai toda semana ao *pet shop* para tomar banho, hidratar o pelo e escovar os dentes. Ela é "filha" do oficial de justiça Pedro Farias. De acordo com ele, os gastos mensais com a cachorrinha, de cinco anos, giram em torno de R\$ 300, ao mês, incluindo a alimentação. Mas, os gastos de Pedro eram bem maiores com a outra *pet* da família, uma yorkshire chamada Thiana.

"Thianinha faleceu em fevereiro, aos 14 anos e sete meses. Nos últimos anos, tive de

arcar com ração premium, remédios, consultas com veterinário, oftalmologista, exames e cirurgia. Geralmente, os *pets* demandam mais cuidados no início e no final da vida", comenta Pedro Farias.

Ele não mediu esforços para garantir os tratamentos. Arcou com cardiogramas (R\$ 600 a cada semestre), R\$ 200 mensais com medicamentos, R\$ 120 em consultas a cada dois meses e embelezamento no *pet shop*, ao custo mensal de R\$ 150. Por fim, a cremação de Thiana custou R\$ 600, feito em uma empresa especializada.

Conforme a representante comercial de uma empresa que vende produtos para animais, Camila Cordeiro, os *pet shops* estão distribuídos por toda João Pessoa, variando o porte e quantidade dos serviços, conforme as regiões da cidade. "Nós comercializamos com estabelecimentos de todos os perfis. Se nos bairros mais periféricos vendemos apenas rações, xampus e vermífugos, nas áreas tida como nobres, disponibilizamos um leque maior de opções".

O estabelecimento visitado pela reportagem mais parece uma loja de departamentos. Como há veterinário fixo no local, é possível vender medicamentos. No local, há rações e itens para todos os bolsos.

Segundo o vendedor Eduardo Almeida, os preços de rações subiram bastante nos últimos meses. "De um mês para outro, nossos fornecedores chegaram a aumentar 15% a 20% em determinadas rações. O problema é que na pandemia a produção caiu, mas a demanda subiu, então, os preços sobem".



**Nos últimos anos, tive de arcar com ração premium, remédios, consultas com veterinário, oftalmologista, exames e cirurgia. Geralmente, os pets demandam mais cuidados no início e no final da vida**

Pedro Farias

## Setor lucra com alta repassada ao consumidor

Os produtos para animais passam por muitas classificações. Não há simplesmente um xampu animal ou uma comida, por exemplo. A divisão varia conforme a raça. O dono de um cãozinho yorkshire pode arcar com R\$ 110, em uma embalagem de 1,5 kg de ração específica para a espécie.

Conforme Eduardo Almeida, há marca de ração que custa R\$ 35 com um quilo. Mas, há produtos de 800 gramas custando R\$ 89. "Temos clientes que gastam R\$ 800 por mês com ração e pagam à vista", enfatiza.

Uma infinidade de sabores está disponível, conforme o tipo e a quantidade de proteína utilizada. Há a ração com proteína de salmão (R\$ 54 o quilo), para hipoalergênicos (R\$ 105 com três quilos), feita com carnes nobres (R\$ 200 com 2,5 kg), e até para animais diabéticos (ao custo de R\$ 149 com 1,5 kg).

Eduardo Almeida afirma que alguns consumidores, principalmente os que utilizam as rações terapêuticas, administradas junto com medicamentos, mantêm o consumo, mesmo com o aumento de preços. Outros mudam para marcas mais em

conta, com menos concentração de proteína e mais de sódio, por exemplo.

O veterinário Otton Rodrigues atende em uma clínica instalada no *pet shop*, onde também há uma farmácia. Cada consulta custa R\$ 80 e, para a definição do diagnóstico, é necessária a realização de exames laboratoriais. "Nós fazemos a coleta de material e enviamos ao laboratório especializado em análises de animais".

### Aumento vem desde 2020

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet), a alta dos preços da ração animal vem ocorrendo desde 2020, com a valorização das *commodities* no mercado internacional, que são oneradas mais ainda com a cotação do dólar ante o real.

Conforme a entidade, em 2021, o custo da soja aumentou 40%, o do milho, 57%, e o do trigo processado, 21%. Todas as culturas são matéria-prima para as rações. Já a alimentação premium utiliza as proteínas de origem animal e chegou a ser subir 160%.

O faturamento do segmento de alimentos cresceu 33% em 2021, em relação a 2020. O segmento de cuidados cresceu 14% e o de veterinário, 11%. O setor inteiro faturou R\$ 35,8 bilhões no ano passado, colocando o Brasil na sexta posição do mundo.

### Gasto médio de R\$ 1.200 por mês

Conforme a Abinpet, em 2021, havia no Brasil 58,1 milhões de cachorros e 27,1 milhões de gatos. Mas, nem todos os animais têm donos ou pais. O protetor independente de animais de João Pessoa, Rodrigo Costa, gasta em média R\$ 1.200 por mês com ração para alimentar aproximadamente 40 gatos dispostos em três ruas do bairro onde mora.

"Se eu não alimentá-los, eles vão morrer de fome", frisa o ativista, que conta com o apoio de outros protetores. Rodrigo compra quatro ou cinco sacas de 25 quilos de ração por mês. "Eu lembro que antes da pandemia, a saca custava em torno de R\$ 70. Hoje, a média é R\$ 200, da ração mais barata", destaca. Para arcar com os gastos, ele tem que segurar o orçamento doméstico.

# Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

## Banco Central eleva juros para 13,75% ao ano, maior patamar desde dezembro de 2016

A Taxa Selic caminha para 14% ao ano. O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu, por unanimidade, elevar a taxa básica de juros (Selic) em 0,5 ponto percentual na última reunião (03/08) para 13,75% ao ano, maior valor desde dezembro de 2016.

Com esse aumento, a décima segunda alta consecutiva dos juros, o indicador se aproxima dos 14% ao ano, algo que não ocorria na economia brasileira há seis anos, desde 2016.

No comunicado, o Banco Central chamou atenção para alguns pontos que favoreceu essa decisão: a) O ambiente externo mantém-se adverso e volátil; b) Em relação à atividade econômica brasileira, uma retomada no mercado de trabalho mais forte do que era esperada pelo comitê; e c) A inflação ao consumidor continua elevada.

Diante disso o comitê exalta que permanece com fatores de risco em ambas as direções deixando claro que manterá sua política contracionista na próxima reunião no final de setembro.

A decisão de elevar em 0,5% a taxa de juros veio em linha com as expectativas do mercado, conforme sinalizado na Ata da reunião anterior no mês de junho, quando autoridade argumentou que continuaria com "novos ajustes".

Vale lembrar que antes desse movimento de alta, a Selic ficou estacionada no mínimo histórico de 2% ao ano, entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021.

### E o Copom prevê continuidade na alta dos juros

Em relação aos seus próximos passos, o Copom prevê uma continuidade no ritmo de ajuste da taxa básica de juros. Ele exalta que "a necessidade de um ajuste residual, de menor magnitude, em sua próxima reunião. O Copom enfatiza que seguirá vigilante e que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas".

Com esse comunicado, o Banco Central não sinalizou um possível encerramento no ciclo de alta dos juros, podendo haver novos ajustes no decorrer do ano dependendo da evolução da atividade econômica, bem como das projeções e expectativas de inflação em 2022 e 2023.

Para o leitor que não é muito afeito aos termos e conceitos do mundo econômico, é bom entender um pouco a importância da Selic e porque o mercado sempre está atento ao anúncio do Copom a cada 45 dias. Ela foi criada em 1979, período em que a economia brasileira enfrentava um cenário de hiperinflação. Seu objetivo sempre foi ser uma ferramenta de controle da inflação.

Assim, de forma direta podemos dizer que, mantendo a Taxa Selic em alta, os preços tendem a baixar ou ficar estáveis, como uma consequência do controle da inflação. Nesse cenário também encontraremos os juros de crédito, de parcelamento e cheque especial mais altos.

Com as eleições em curso e a disposição do Copom - Banco Central, dificilmente teremos um aceno de que encontraremos uma Selic menor até o final de 2022.

Enquanto isso o Governo vai fazendo dinheiro e enchendo o caixa pois, apesar da principal entrada de recursos se dar por meio de impostos, a outra forma de entrada de dinheiro é por meio da oferta de títulos do Tesouro Nacional, permitindo o Governo faça o pagamento de suas dívidas e faça investimentos também com esses recursos.

Claro que a Selic alta também faz com que a dívida pública cresça, inclusive com os títulos disponibilizados, mas dívida de governo se paga em prazo mais longo, e a entrada de recursos para investimentos se dá em curto prazo.

Aguardemos a próxima edição do Copom.

\* Texto do economista Werton Oliveira, **conselheiro do Corecon-PB, com a colaboração deste colunista.**

## PRODUÇÃO RURAL

# Palma: essencial à pecuária da PB

*Estado é o terceiro maior produtor da planta, que é resistente à seca e garante a alimentação do rebanho*

A Paraíba é o terceiro estado com maior produção de palma forrageira do país. O volume de 356.350 mil toneladas (Censo Agropecuário de 2017) representa 12,39% da produção nacional, sendo que a cidade de Monteiro, no Cariri, é o município paraibano que mais se destaca, ocupando o 8º lugar no país.

A planta é uma cactácea importante para as regiões áridas e semiáridas do Brasil e do mundo, por possuir uma maior resistência à seca graças a sua rusticidade e capacidade de armazenamento de água, sendo também um ótimo alimento energético para os animais. Por tudo isso, torna-se um recurso indispensável na região Nordeste durante os períodos de secas prolongadas quando há escassez de forragens.

Os índices do Censo Agropecuário mostram que a Paraíba ficou atrás apenas de Pernambuco (468.826) e Bahia (1.303.149) no volume produzido. Já comercialização dessa forrageira, representou R\$ 7,3 milhões, 11,67% do total do país. O levantamento foi compilado pelo Núcleo de Inteligência da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. Nele é possível perceber ainda que o cultivo da palma é quase que exclusiva da região Nordeste, responsável por 99,61% do total.

Para quem tem criação e enfrenta períodos de seca assim como o criador de gado Sindi, em Campina Grande, Álvaro Borba, a palma é um instrumento necessário para a pecuária, não deixando a curva de produção de leite, reprodução e crescimento dos animais cair. “No pico da seca, chegamos a colher 20 toneladas de palma por dia para alimentar cerca de 600 cabeças de gado, 500 cabeças de ovelha e garantir o suporte forrageiro para os animais”, destaca Álvaro.

Hoje o produtor conta com 20 hectares da planta em sua propriedade e realiza a colheita manualmente para o processo de produção de forragem e fornecimento aos animais.

## Falta de mecanização ainda é um obstáculo

Por fazer parte da base alimentar dos rebanhos, a palma é cultivada principalmente para produção de forragens. Contudo, existe a necessidade de mecanização da produção para que haja redução nos gastos com mão de obra, conforme destaca o produtor rural, Joaquim Pereira Dantas.

“A mecanização é um ponto a se resolver dentro da cultura da palma, a gente consegue potencializar o uso da mão de obra que é um item caríssimo e cada vez menos disponível na região. Porque ela é a principal fonte de energia e de alimentação para o segundo semestre. É o que nos

dá a garantia para atravessar as secas”, comenta.

No Brasil, a palma é utilizada principalmente como suporte alimentar para os rebanhos bovino, caprino e ovino. Contudo, em outros países ela também está presente na indústria cosmética e também na alimentação humana.

■ Além do uso para alimentação do rebanho, a palma também está presente na culinária e na indústria cosmética

## Evento em JP debate importância do cultivo

### Congresso

**Pesquisadores de vários países se reúnem neste mês para trocar experiências sobre o plantio da palma e suas diferentes utilizações**

Cientistas, técnicos e especialistas de todo mundo vão se reunir em João Pessoa, entre os dias 26 e 29 deste mês, para debater as potencialidades e uso da palma forrageira. O encontro acontecerá durante o X Congresso Internacional de Palma e Cochonilha, que é promovido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa) e Sociedade Internacional de Ciências Hortícolas (ISHS), na sigla em inglês.

Ao todo, representantes de 16

países já confirmaram presença no congresso, que será realizado no Centro de Convenções da capital paraibana. Além do Brasil, há participantes da África do Sul, Argentina, Chile, Estados Unidos, Etiópia, Índia, Israel, Itália, Japão, Jordânia, Marrocos, México, Quênia, Senegal e Tunísia.

Os cientistas desses países contribuirão com 134 trabalhos científicos, que serão apresentados e avaliados nos três primeiros dias do congresso. O tema geral do evento é “Cactus: A nova revolução verde em terras áridas”, mesmo título da palestra de abertura, que será feita pelo professor Dr. José Dubeux, da Universidade da Flórida, Estados Unidos.

As pesquisas estão distribuídas nas seguintes áreas: 1) Recursos genéticos e reprodução de cactos; 2) O uso do cacto como forragem e energia; 3) Ecofisiologia das cactáceas e seu papel nos agroecossistemas futuros; 4) Produção de frutas: pomar e manejo de frutas; 5) Usos agroindustriais de plantações de cactos e produtos de cochonilha; 6) Avanços na caracterização bioquímica e no uso farmacêutico de cultivos de cac-

tos e 7) Manejo de pragas e doenças do cultivo do cacto.

No último dia do evento, 29, haverá uma visita técnica à Fazenda Riacho do Navio, em Campina Grande, onde os participantes poderão conhecer boas práticas do cultivo nacional da planta. Também haverá a demonstração e lançamento da primeira máquina colheitadeira de palma. O equipamento está sendo desenvolvido pela empresa paraibana Laboremus, com financiamento da CNA.

### Culinária

Um dos países com tradição na culinária a base de palma é o México. Em reunião com a embaixadora Laura Esquivel, o presidente da Faepa, Mário Borba, confirmou a presença do país no congresso, inclusive com a participação da chef mexicana Abigail Mendoza. A palma é tão marcante da cultura desse país, que está presente até na bandeira nacional.

O X Congresso Internacional de Palma e Cochonilha conta com o patrocínio do Sebrae, Dry Grow, Banco do Nordeste, Sistema OCB/PB, Instituto Nacional do Semiárido e Governo da Pa-

raíba, através da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia. Além de receber o apoio da CactusNet (FAO), Icarda, UFPB, UFRPE e Associação Brasileira de Palma e Outras Cactáceas.

### 3º Agropec Semiárido

Paralelo ao evento científico, a CNA e a Faepa promovem ainda a 3ª edição do Agropec Semiárido, com expectativa de público em torno de dois mil produtores rurais e profissionais do agronegócio da região Nordeste. Nas edições anteriores, o seminário foi realizado na Bahia e no Rio Grande do Norte.

Os principais temas discutidos na versão paraibana do Agropec serão: produção animal, palma e outras cactáceas, sustentabilidade, tecnologia, empreendedorismo, agroindústria e comercialização, para os quais estão sendo convidados palestrantes de todo o país.

Além das palestras técnicas, o evento também contará com oficinas e vitrines gastronômicas com foco em palma, cachaça, queijos e cortes especiais de caprinos e ovinos.

*No mundo todo, pesquisadores estudam as potencialidades da palma na agricultura, na pecuária e na indústria*



## ESTÍMULO AO EMPREENDEDORISMO

# Ouse Criar está com inscrições abertas

Programa para alunos da Rede Estadual de Ensino agora também aceita a participação de jovens de 18 a 29 anos

Renato Félix e  
Márcia Dementshuk  
Assessoria SECT

O Ouse Criar, projeto que estimula o espírito empreendedor em estudantes do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino, está acompanhando seus primeiros “formandos” – as equipes que estão no último dos três anos do programa, oriundas do primeiro edital, de 2020. Ao mesmo tempo, está com um novo edital aberto, até 12 de setembro, para selecionar mais alunos e convidá-los a desenvolver projetos que propõem soluções para problemas apontados pelo mercado. E esta participação do mercado é uma das mudanças deste edital em relação aos anteriores.

As diferenças começam pelo alcance do público-alvo. Desta vez, o Ouse Criar não é só dirigido a estudantes, mas também a jovens entre 18 e 29 anos. “O Ouse Criar, este ano, lança uma categoria que abarca essa juventude”, explica Giovania Lira, coordenadora do programa. “Uma categoria específica para esse pessoal resolver problemáticas dentro do mercado e do seu ambiente. Nosso marco legal permite que a gente trabalhe também com egressos da rede estadual. Se o jovem terminou até 10 anos antes em uma escola pública ou universidade pública estadual, ele tem direito a montar um time e participar do programa”.

Neste ano, o edital (que pode ser acessado em [shorturl.at/emtGM](http://shorturl.at/emtGM)) elenca mais de 70 desafios espalhados em 12 categorias, como educação, economia solidária, mobilidade urbana, saúde, empregabilidade, saúde mental do jovem, cidade sustentáveis, habitação. “O estudante pode escolher uma temática e um desses 70 desafios para resolver durante a trilha do Ouse Criar”, diz a coordenadora. “A gente trabalhava com eixos de atuação e agora resolvemos expandir mais a quantidade e a possibilidade de o estudante escolher desafios. A gente conversou com o mercado, fez um mapeamento: o que mercado

tem como desafios?”.

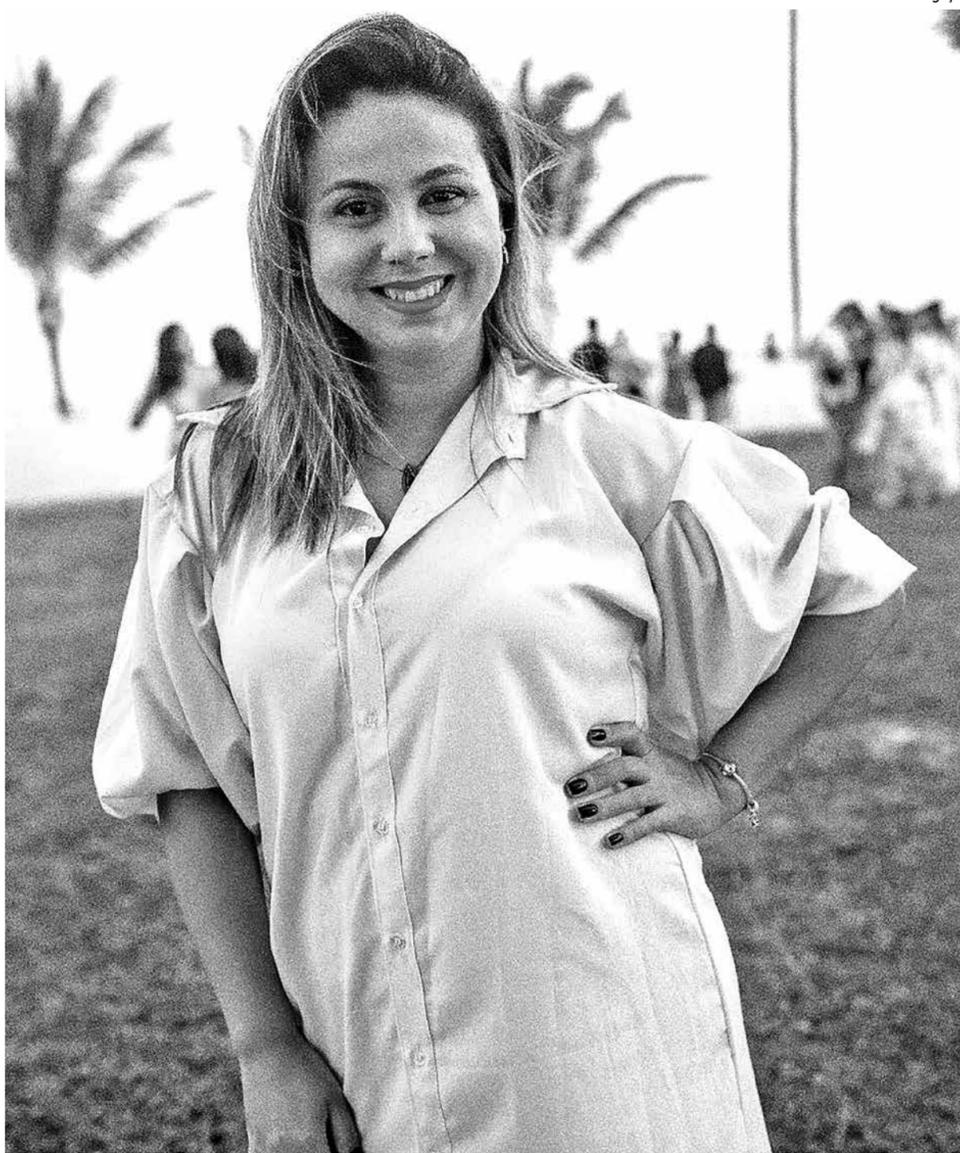
O participante agora terá um direcionamento mais preciso das áreas a atuar e para onde apontar seu talento. “Vai dar oportunidade para o jovem resolver essas problemáticas e de encaixá-los também nas demandas que o mercado precisa”, conta. A gente está dizendo: “Ó, é isso que o mercado quer que você resolva. Segue por aqui que possivelmente isso vai te dar uma oportunidade melhor de você ser captado por uma empresa ou sua startup ter um sucesso maior no final do ciclo”.

Isso porque, para a criação desse terceiro edital, o Ouse Criar foi ao mercado ouvir os empresários. “Antes, a gente trabalhou muito na linha de buscar soluções locais. A novidade este ano é que a gente foi ao mercado, foi às indústrias, foi aos empresários e perguntou para essa galera. As empresas abrem suas portas e apresentam seus problemas”, conta.

Uma equipe de experts de mercado marcou reuniões com as indústrias e pessoas do ecossistema de inovação. “A gente elencava e mapeava com eles de cinco a sete desafios naquela área”, explica Giovania Lira. “Depois a gente vai ter essas empresas conversando com os estudantes, validando essas soluções com eles. Vamos lançar 10 empresas madrinhas do Ouse Criar, com mentoria, visitas a seus espaços. Com gente do mercado conversando com os estudantes”.

“**A gente trabalhava com eixos de atuação e agora resolvemos expandir mais a quantidade e a possibilidade de o estudante escolher desafios**”

Giovania Lira



Segundo a coordenadora do programa, Giovania Lira, a meta desse ano é que se tenha uma equipe por escola

■ Neste ano, o edital elenca mais de 70 desafios espalhados em 12 categorias, como educação, economia solidária e mobilidade urbana

## Programa deve ter a participação de 100 equipes

O ciclo do Ouse Criar dura três anos. A fase 1 é a de seleção; a fase 2, a de desenvolvimento; e a fase 3, de startups. “A meta desse ano é que a gente tenha uma equipe por escola”, afirma Giovania. “A gente tem quase 600 escolas que tem 1º ano do Ensino Médio, então a gente pretende ter aproximadamente 600 equipes inscritas nesse primeiro momento”. O que somaria entre quatro e cinco mil participantes, entre estudantes e egressos.

Os alunos se inscrevem através de um vídeo de 3 minutos, dizendo os motivos

que o levaram ao desafio escolhido. A partir daí, há um afunilamento para se chegar a mais ou menos 100 equipes, que vão participar da etapa estadual. “Elas vão participar de uma maratona de prototipação, que vai acontecer na Expotec, em novembro”, adianta a coordenadora. “Vai ter pitches regionais, eles vão ter acesso a conteúdos específicos de empreendedorismo, com os quais eles vão poder se aprimorar e sua solução ser lapidada”.

Dessas 100 equipes, só 30 passam para o segundo ano. Nessa fase 2, cada equipe re-

cebe um fomento de R\$ 5 mil para iniciar os seus trabalhos. Para o terceiro ano, só passarão 20 equipes, que recebem, cada uma, R\$ 20 mil: aí é a hora de montar a startup para o mercado. Da turma que ingressou no programa em 2020, 12 equipes estão na incubadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação.

O Ouse Criar é um programa da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (Seect), executado pela Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia (SEC&T), em parceria com a Secretaria Exe-

cutiva da Juventude (Sejuv/Sejel), e financiada via Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB). E o programa também vem aprendendo nesses anos, como mostra o redirecionamento da proposição de desafios.

“Perguntam: ‘O objetivo desses meninos é formar uma startup?’. Sim e não”, responde Giovania Lira. “Se formarem, ótimo. Mas se eles conseguirem adquirir todas as habilidades e competências necessárias para o profissional do século 21, então o Ouse Criar atingiu o seu objetivo”.

## Equipes na terceira fase do Ouse Criar

### ■ AliGewinner

Escola: ECIT Pastor João Pereira Gomes Filho (João Pessoa) Professor Responsável: Renato Soares. Estudantes: Arielly Amorim de Lima, Guilherme Sales do Nascimento, Maria Eduarda Belmiro Fernandes, Rômulo Henrique Nascimento Duarte.

Proposta: Produção e desenvolvimento de um novo sistema de passagens para o transporte público de João Pessoa. Coopera Coremas Escola: Escola Cidadã Integral e Técnica Nobel Vita (Coremas)

Professor Responsável: Joscelino dos Santos. Estudantes: Aline Alves, Andreza Mendes, Maria Rita, Fabioli Martins e Wesley Emanuel.

Proposta: Plataforma de vendas para produtos agrícolas e pecuários oriundos dos produtores de médio e pequeno porte de Coremas.

### ■ Transeuntes

Escola: Escola Cidadã Integral Francisca Ascensão Cunha (João Pessoa)

Professor Responsável: Patrícia Cristina Braz. Estudantes: Maria Eduarda Costa, Giovanna Valadão, Giovanny Arthur, Guilherme Ferrari e Sarah Ferrari.

Proposta: Aplicativo para transeuntes, especialmente, aqueles com deficiência de locomoção, baixa visão ou cegos, idosos, entre outros.

### ■ Elite

Escola: Escola Cidadã Integral e Técnica Dr. Trajano Pires da Nóbrega (Condado) Professor Responsável: Everaldo Ismael. Estudantes: Caroline de Azevedo Santos, Darlene Alves Medeiros, Jefferson de Oliveira Silva e Milena Araújo Almeida

Proposta: Nova roupa para embalagens para venda do mel.

### ■ Missão Possível

Escola: Escola Cidadã Integral Técnica Seráfico Nóbrega (São Mamede) Professor Responsável: Aparecida Estudantes: Fabricia, Natan, Tiago e Victor Hugo

Proposta: Ações de turismo para um impacto sustentável

### ■ Sertão Azul

Escola: Escola Cidadã Integral Crispim Coelho (Cajazeiras) Professor Responsável: Renato Nunes Ramalho. Estudantes: Emily Gabriely, Ravick Ryan, Samille Helena, Nicole Pereira e Pedro Artur.

Proposta: Construção de um sistema hídrico sustentável, utilizando bambus como tubulação, e caixas de geladeiras velhas para reservatório da água, que será captada da chuva e das águas sujas dentro da escola.

### ■ Queuento

Escola: Escola Cidadã Integral Presidente Kennedy (Santa Ana de Mangueira)

Professor Responsável: Paulo César. Estudantes: Mercia Rodrigues, Ana Carolina, Dhiennily Tairiny, Maria Eduarda e Kauane Vicente.

Proposta: Aplicativo móvel para anúncio de produtores de pequeno e médio porte da região

NATUREZA AGRADECE

## Canudos plásticos próximos do fim

Comercialização e distribuição estarão proibidas a partir de quinta-feira, 8. Ambientalistas comemoram

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

A partir do dia 8 de setembro entrará em vigor a Lei 12.285/2022, que proíbe a comercialização e a distribuição de canudos de material plástico descartáveis em bares, restaurantes e demais estabelecimentos comerciais de consumo na Paraíba. A medida ajudará a reduzir parte do volume de um dos materiais que mais demoram a sumir do planeta, podendo durar mais de 400 anos para se decompor. Apesar de muitas embalagens plásticas serem passíveis de reciclagem, muita gente as descarta de forma aleatória, prejudicando a fauna, sobretudo a marinha, o ser humano e os recursos naturais de uma forma geral.

Segundo Cláudia Cunha, engenheira química, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e coordenadora do projeto Mares Sem Plástico, nos últimos 75 anos a produção do plástico aumentou dramaticamente, saindo de 1,5 milhão de toneladas para 322 milhões de toneladas por ano em todo o mundo. Estima-se que entre quatro e 12 milhões de toneladas de plástico tenham entrado no ambiente marinho a partir de fontes terrestres. Atualmente, dos resíduos descartados no mar, esse produto é o principal componente, repre-

sentando de 50 a 80% do lixo encontrado na costa.

“Os canudos plásticos são um dos resíduos mais encontrados nas ações de limpeza e educação ambiental do Projeto Mares sem Plástico. Por ser um item pequeno e muito leve, o canudinho não é um material de fácil manejo. Mesmo que seja acondicionado em lixeiras destinadas à coleta seletiva, há sempre uma probabilidade de ser carregado pelo vento e cair no chão. Além disso, dependendo do uso que lhe for dado, estará sujo e contaminado por dentro, o que inviabiliza sua reciclagem”, frisou a engenheira química.

Cláudia Cunha frisou que as políticas públicas ambientais assumiram papel primordial para proteger o meio ambiente, integrando sua proteção aos demais ob-

jetivos da vida em sociedade, como forma, inclusive, de proporcionar qualidade de vida. “E a Lei 12.285/2022 vem como uma iniciativa à proibição do plástico de uso único”.

Não apenas os canudos, mas pedaços de embalagens plásticas que chegam ao mar são confundidos com alimentos pela fauna marinha, e animais como tartarugas podem ingeri-los, podendo ter a saúde seriamente afetada ou morrer. Outro problema identificado por especialistas é que o material descartado nos oceanos, por exemplo, sofre ação de radiação ultravioleta, vento e ondas marinhas, e originam fragmentos menores.

“A literatura reporta que a biota desses ambientes ingere partículas plásticas e as partículas de plástico absorvem (quando o contaminante é aderido na superfície de um sólido) e concentram produtos químicos tóxicos”, declarou. Com isso, o impacto não é apenas um problema estético, já que os microplásticos (MPs), partículas de até cinco milímetros de diâmetro, também podem estar se acumulando no organismo do ser humano por meio da cadeia alimentar. “Em um estudo recente, fragmentos de MPs foram detectados em amostras de placenta humana e sangue humano”, frisou Cunha.

### Lixo

**Produtos demoram a sumir do planeta, podendo levar cerca de 400 anos para se decompor na natureza**

## Sudema fará fiscalização na Paraíba

Material utilizado terá que ser, agora, biodegradável, como papel, bambu ou comestível, ou ainda de inox

A partir da data de validade da lei – próximo dia 8, a comercialização e a distribuição de canudos de material plástico descartáveis em bares, restaurantes e demais estabelecimentos comerciais do Estado estará proibida e caberá à Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) fazer a fiscalização para que a legislação seja cumprida. O superintendente da autarquia, Marcelo Cavalcanti, afirmou que os infratores ficarão sujeitos à multa, que pode variar de 10 a 30 Unidades Fiscais de Referência do Estado da Paraíba (UFR/PB), o que equivale a algo em torno de R\$ 625 a R\$ 1.875,00 (valor referente ao mês de agosto de 2022).

De acordo com o texto da lei, só poderão ser utilizados canudos de material não descartável ou de material biodegradável, como os de papel, bambu ou comestível, além do inox. Também fica proibida a utilização de material plástico de uso único para embalar os canudos de qualquer natureza.

“O lixo plástico é altamente poluente ao meio ambiente, uma vez que os resíduos interferem na cadeia alimentar dos seres vivos, ocasionando a morte de várias espécies e chegando na alimentação dos humanos na forma de microplástico. A nova lei é um avanço na luta a favor da preservação do meio ambiente”, frisou Marcelo.

Segundo ele, a Sudema estará atenta ao descumprimento da lei e atuará com a fiscalização em bares, restaurantes e estabelecimentos similares de consumo. A equipe de reportagem procurou a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, seccional Paraíba (Abrasel-PB) para comentar o assunto, mas até o fechamento da edição não foi enviado retorno das perguntas encaminhadas.

### Saiba Mais

A Lei 12.285/2022, que abrange toda a Paraíba, foi sancionada no dia 11 de maio. Os responsáveis pelos estabelecimentos comerciais tiveram um prazo de 120 dias para adequação, a partir da publicação do documento. Segundo Marcelo Cavalcanti, o principal problema com esse produto é o tempo que o canudo plástico leva para se de-

compor. “Em decorrência disso, os microplásticos chegam aos organismos dos animais e acabam prejudicando toda a cadeia alimentar”, disse o superintendente da Sudema.

### Impacto

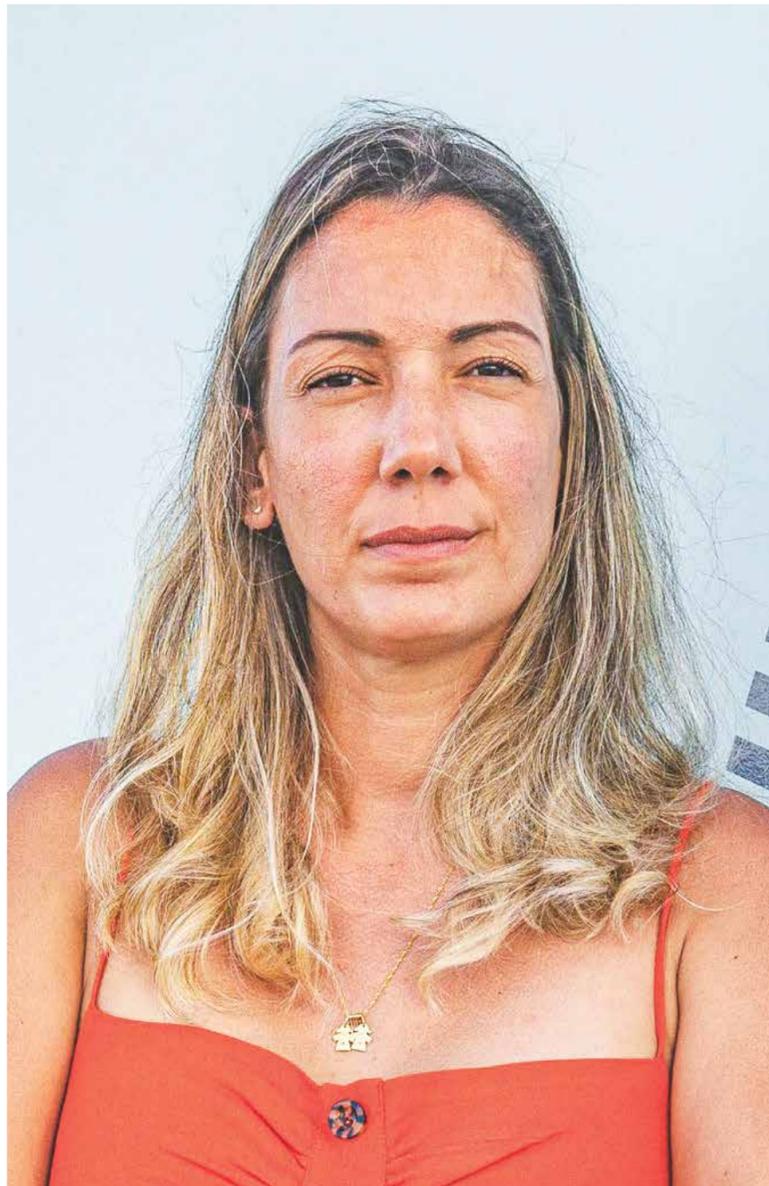
Veja o impacto do plástico no meio ambiente e os custos para reverter o problema segundo dados da ONU Meio Ambiente

– Dados de um estudo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, divulgado no ano passado, destacaram que a poluição plástica nos ecossistemas aquáticos cresceu consideravelmente nos últimos anos e deve dobrar até 2030, com consequências terríveis para a saúde, a economia, a biodiversidade e o clima.

– O plástico representa 85% dos resíduos que chegam aos oceanos. Especialistas advertem que até 2040, o volume do material que flui para o mar quase triplicará, com uma quantidade anual entre 23 e 37 milhões de toneladas. Isto significa cerca de 50 quilos de plástico por metro de costa em todo o mundo.

– O plástico também é um problema climático.

Usando uma análise de ciclo de vida, pesquisadores estimam que em 2050 o produto seja responsável pela produção de 6,5 gigatoneladas de CO2 no planeta, ou seja, 15% do volume global de carbono.



Cláudia Cunha: canudos representam de 50% a 80% do lixo recolhido na costa

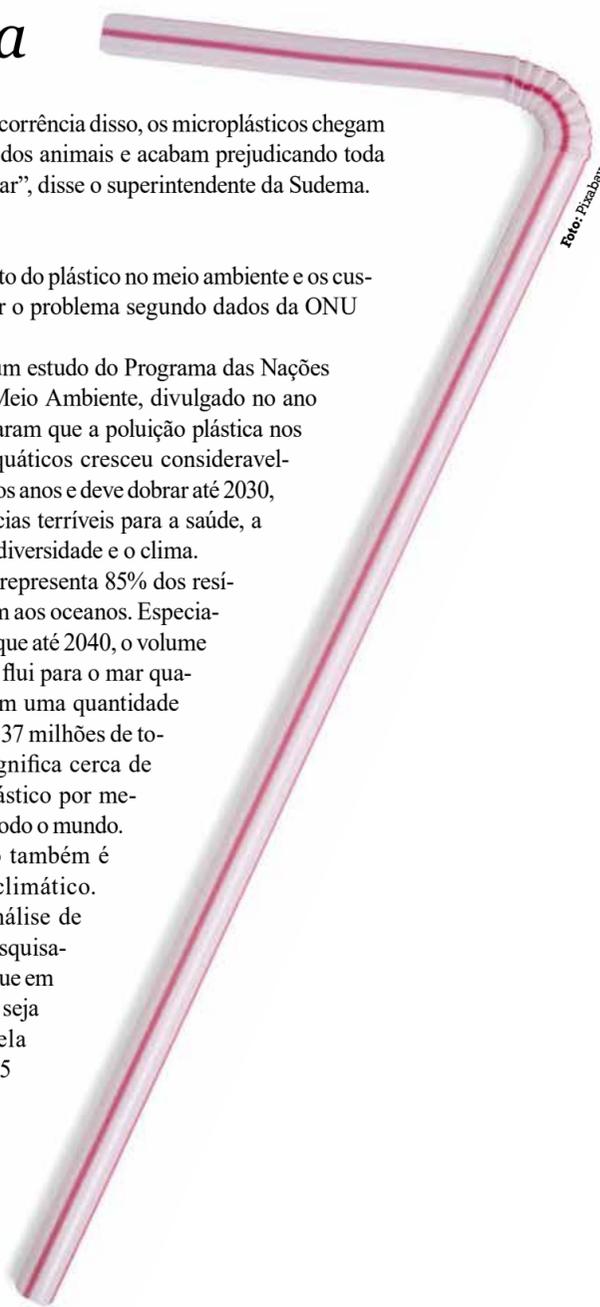


Foto: Pixabay

ANA VITÓRIA

# Atleta do Cariri no She Runs em Bruxelas

*Paraibana da cidade de Barra de Santana participa de competição com estudantes-atletas de 30 países entre os dias 12 e 17 deste mês*

Laura Luna  
lauraluna@epc.pb.gov.br

“Eu acho que faltam reforços em políticas públicas que insiram as mulheres no esporte. Infelizmente a exclusão de gênero ainda existe”. A reflexão vem de Ana Vitória Rocha Pereira, 17 anos, moradora do município de Barra de Santana, Cariri paraibano, e estudante da Escola Cidadã Integral Almirante Antônio Heráclito do Rêgo. A atleta irá representar a Paraíba no She Runs - Active Girls Leads “Elas Correm-Garotas Ativistas Lideram” (Tradução livre do jornal), corrida internacional que tem o objetivo de promover o bem-estar e a liderança feminina através do esporte. O evento, que acontece entre os dias 12 e 17 de setembro, em Bruxelas, na Bélgica, deve reunir estudantes-atletas de 30 países.

A escolha, em todo o Brasil, aconteceu através de seletiva e cada estado deve enviar uma representante. “É

minha primeira viagem internacional, onde busco representar a força da mulher paraibana e brasileira nesse evento”, afirmou a estudante que começou no atletismo ano passado por incentivo dos irmãos. Mesmo sem estrutura adequada para treinamento, Ana Vitória passou a correr nas proximidades do sítio onde mora e com muita força de vontade chegou a disputar algumas provas. “Em pouco tempo eu participei de campeonatos a nível nacional. Participei do sub-18 nos dois mil metros com obstáculos e fiquei entre as oito melhores do Brasil”, relembra.

A paraibana, filha de agricultores, sabe que o foco do She Runs não é a competição e sim a união, mas espera, claro, se sair bem na prova. “Apesar de não ser uma corrida competitiva pretendo sim dar o meu melhor e me destacar nas provas, além de conhecer novas culturas e vivenciar uma experiência diferente”. E não tem como ser diferente, afinal a es-

tudante vai cruzar o oceano saindo de um município tranquilo com cerca de 10 mil habitantes para conhecer uma das capitais mais visitadas da Europa, onde vivem um milhão de pessoas.

A corrida de rua é a primeira do estilo a ser realizada pela Federação Internacional do Desporto Escolar, que pretende através do evento, que envolve também atividades educativas, promover a igualdade de gênero além de criar e desenvolver uma rede de jovens mulheres líderes no segmento em todo o mundo.

E Ana Vitória já está de malas prontas. Na bagagem carrega a roupa e o tênis adequado para a prova de quatro quilômetros, mas não é só isso. A jovem paraibana, de família simples, irmã de cinco, carrega também expectativas e sonhos. “O meu objetivo no esporte é me tornar uma atleta de alto rendimento. Também espero contribuir com o crescimento das mulheres dentro do esporte”.

■ “Elas Correm- Garotas Ativistas Lideram” é a temática do evento que a paraibana vai participar nos próximos dias na Bélgica



Ana Vitória exibe com orgulho a bandeira da Paraíba, estado que ela vai representar na competição internacional, em Bruxelas

## CATAR

# Uma viagem pelo país da Copa de 2022

*Costumes bem diferentes do mundo ocidental estarão à prova dos torcedores, que precisam estar atentos aos deveres*

Luciana Dyniewicz  
Agência Estado

Pela janela do avião, tentei ver Doha de cima e ter uma primeira impressão da cidade que concentra quatro dos oito estádios da Copa do Mundo deste ano (os outros quatro ficam em municípios vizinhos). Imaginei que, conforme nos aproximássemos da aterrissagem, veria o azul claro do mar do Golfo Pérsico e prédios envidraçados modernos, mas não enxerguei nada. Uma espécie de nuvem de poeira e areia cobria totalmente a cidade, e logo o monitor que informava a velocidade e a altitude do avião se tornou mais

interessante que tentar ver algo do lado de fora pela janela.

Se a vista rapidamente se tornou desinteressante do alto, o Catar foi, aos poucos, ficando cada vez mais atraente. Viajei pensando se tratar apenas de um país muito rico, graças às abundantes reservas de petróleo, mas que viola os direitos humanos, seja da população LGBT+, das mulheres ou dos trabalhadores imigrantes.

Tinha também o preconceito de que era um país que tentava ser os Emirados Árabes Unidos, copiando as construções modernas de Dubai e tentando fazer com que o turista que vai do Ocidente para o Oriente

(ou o contrário) permaneça ali por um pouco mais de tempo do que algumas horas de conexão no aeroporto, motivado por atrações artificiais. Voltei, entretanto, com vontade de ter passado mais tempo lá, tirado uns dias de folga e ido até o deserto. Se você pretende viajar para assistir a Copa do Mundo em novembro e dezembro, portanto, a primeira dica é ficar mais tempo para conhecer melhor o país.

O Catar despertou minha curiosidade pela sua cultura, tão diferente para uma ocidental, e por misturar 183 nacionalidades em um território um pouco maior que metade de Sergipe, o menor Estado do

Brasil. São 2,7 milhões de habitantes. Cataris mesmo são 300 mil. Assim, apesar de o árabe ser o idioma oficial, o inglês é falado por quase todos nas ruas. Uma das vitrines dessa mistura de povos é o supermercado: em alguns, há bandeirinhas de diferentes países para indicar onde encontrar os alimentos típicos para cada nacionalidade.

Me contaram que, para os estrangeiros que vivem ali, é difícil fazer parte da vida social dos locais. Também disseram que seria improvável esbarrar em um deles. Conheci três mulheres cataris que foram muito amáveis. Duas delas, mais velhas, não pararam de con-

versar comigo e sugerir pratos típicos para eu provar.

Doha me chamou atenção por mesclar o antigo e o tradicional com o contemporâneo e o moderno. O centro da cidade, com o Souq Waqif - um grande labirinto onde se vende desde as roupas típicas até passarinhos e galinhas -, contrasta com a luxuosa ilha artificial The Pearl, com prédios modernos que você possivelmente já viu em fotografias. Em qualquer uma dessas regiões, porém, é certo que você vai ouvir, algumas vezes por dia, o bonito som das mesquitas convocando os fiéis para a reza, o chamado "azam".

## Islamismo está por toda a parte, assim como o Alcorão

O islamismo, como era de se esperar, está por toda a parte. Na gaveta do hotel, por exemplo, há uma edição guardada não só do Alcorão, mas também um tapete para o visitante se ajoelhar a fim de rezar. No teto, uma marcação indica o lado em que fica Meca, para onde o fiel deve se curvar. No café da manhã, a linguiça é de frango ou carne bovina, jamais de porco. E aonde você for, seja na estação de metrô, em um shopping ou em um estádio de futebol, você vai encontrar uma sala para orações.

Shoppings são um dos grandes atrativos do país, e passeios neles, atividades frequentes dos cataris, sobretudo quando a temperatura na rua se aproxima dos 50°C. Por isso também que a Copa foi mudada de data: por causa do calor do meio do ano. Praticamente todas as marcas europeias e americanas (de luxo ou não) estão nesses centros de compras. As francesas Galeries Lafayette (loja de departamentos) e Ladurée (que vende doces), por exemplo, estão lá.

Nos shoppings, você também verá um grande número de pessoas vestidas com trajes típicos de países árabes: mulheres com abaya (vestido preto longo) e niqab (espécie de lenço que só deixa os olhos de fora) e homens com kandura (veste branca e longa). Nos restaurantes, mulheres levantam o niqab para levar o talher à boca, causando estranhamento aos ocidentais.

O cumprimento entre homens, que encostam os narizes ou apertam as mãos com força, um olhando no olho do outro e as soltam de um jeito rápido e brusco, também chama a atenção. Homens andando de mãos dadas, aliás, é algo co-

mum e um sinal de respeito e amizade entre eles.

As vestes tradicionais também são vistas nas praias. Apesar de os homens usarem bermudas, as mulheres vestem burkinis, shorts até o joelho e camisetas sem decotes, cobrindo pelo menos os ombros, ou a própria abaya. Para nós, ocidentais, a impressão é de total repressão às mulheres. Mas tentei sempre me lembrar que parte delas usa as vestes tradicionais por opção própria, como me falaram as cataris com quem conversei.

As praias, aliás, mesmo as públicas, cobram ingresso (ao redor de R\$ 15 em Catara, por exemplo, um vilarejo de Doha). Nas privadas, que ficam em hotéis internacionais opulentos, a entrada se aproxima de R\$ 500 por dia. Ali, porém, é possível usar biquíni e sunga e, o mais importante, se refrescar nas piscinas. Isso porque, ao menos no verão, a água do mar é tão quente que chega a ser bastante desagradável. Não é de se estranhar que as piscinas recebam um número muito maior de pessoas.

Em novembro e dezembro, quando o país será sede do Mundial, é provável que o mar esteja mais refrescante, refletindo as temperaturas do inverno catari. No verão, no entanto, os termômetros marcam um número que eu não acreditava ser possível ver. Quando a reportagem esteve em Doha, em julho, houve um dia em que a máxima prevista era de 50°C - chegou a 48°C. Já no fim do ano, durante o dia, a temperatura deve ficar ao redor dos 25°C, podendo cair para 15°C à noite.

Foram as altas temperaturas do verão - 42°C podem ser registrados às 8h da manhã - que empurraram a Copa para o fim do



O presidente da Fifa, Gianni Infantino, e o ministro do trabalho do Catar, Ali bin Samikh, em Doha

ano (começa dia 20 de novembro). Apesar de quase todos os estádios terem sistema de refrigeração e poderem receber jogos mesmo no verão, a vida no Catar fica mais restrita nos meses quentes. As ruas se esvaziam de dia, quando todos estão em locais com ar condicionado. E sair do hotel depois das 10h significa ficar com a boca seca, sentir o calor do asfalto queimando o pé e a sandália tiver um solado mais fino e desistir de caminhar após percorrer duas quadras.

Em uma das noites mais quentes em que o Estádio esteve no país da Copa, até as ruas de um bairro repleto de restaurantes luxuosos estavam com baixo movimento. Um garçom disse que isso se devia ao calor extremo.

Além das altas temperaturas, nuvens de pó e areia, como a vista quando, no avião, ainda me aproximava de Doha, também marcam o verão no Catar. Assim, é sempre

difícil enxergar prédios no horizonte, por exemplo. É como se as vistas fossem cobertas por um filtro sépia usado em fotografias, aquele que as fazem parecer mais envelhecidas.

Se, com todos esses poréns do verão catari, ainda assim gostei de conhecer Doha, o torcedor que viajar no fim do ano provavelmente terá uma experiência melhor nesse país tão diferente para os ocidentais, sobretudo se for alguém que se interessa por culturas distantes da nossa.

Com certeza, ficará impressionado com a infraestrutura do país, boa parte dela montada exclusivamente para o Mundial. Os estádios, com uma exceção, foram todos construídos para o evento são luxuosos, confortáveis e bonitos. Os hotéis, os shoppings, o metrô e regiões como Msheireb, The Pearl, Catara e West Bay são suntuosos e refletem a riqueza do Catar, que, segundo dados do Fun-

do Monetário Internacional (FMI), tem o quinto maior PIB per capita do mundo. O campeonato deve ainda ser único, com todos os estádios uns próximos dos outros.

"Será um grande evento para os fãs de futebol. As pessoas não terão de viajar para ver os jogos. E o país está diante de uma oportunidade de se construir como nação. Muita gente não sabe onde o Catar fica e essa é a oportunidade de eles trazerem o foco para eles", me disse um ex-dirigente da Fifa.

De fato, o país não quer perder essa chance. Em dez anos, foram investidos ao redor de US\$ 200 bilhões em projetos de infraestrutura para o Catar realizar a Copa, segundo a consultoria Deloitte. O montante inclui aeroporto, metrô, bairros e cidades inteiras. Em 2014 no Brasil, foram R\$ 25,5 bilhões aplicados em obras de mobilidade, estádios e aeroportos, de acordo com o Tribunal de Contas da União.



No país da Copa, trajes tradicionais, com os homens usando kandura e as mulheres abaya; Estádio Internacional de Khalifa, em Al-Rayyam, o primeiro a ficar pronto para a Copa

INCENTIVO AO ESPORTE

# Captação recorde na última temporada

Financiamento a entidades esportivas chegou a R\$ 488,9 milhões; Flamengo aparece com destaque no futebol

Pedro Ramos  
 Agência Estado

Foto: Marcelo Cortes/Flamengo

A Lei de Incentivo ao Esporte registrou uma captação recorde em 2021 de financiamento a entidades esportivas: R\$ 488,9 milhões, com crescimento de quase 70% em relação a 2020, segundo relatório produzido pela agência Atitude Esportiva, ao qual o Estadão teve acesso com exclusividade. Além disso, no período, houve um maior número de entidades beneficiadas (62% a mais) e projetos executados (aumento de 80%).

"É um mar de boas notícias para o esporte", diz o publicitário Fernando Augusto Cury, responsável pelo levantamento e que cobrou maior transparência dos dados. "Infelizmente, esses números, que conseguimos através da Controladoria-Geral da União, deveriam estar disponíveis a dois cliques nos sites. Esse acesso deveria ser mais fácil".

A Lei de Incentivo ao Esporte permite que recursos provenientes de renúncia fiscal sejam aplicados em projetos das diversas manifestações desportivas e paradesportivas distribuídos por todo o território nacional. Para que um projeto receba receitas da lei, é preciso ser de uma pessoa jurídica de direito público ou privado sem fins lucrativos, tem de apresentar ao Ministério da Cidadania projetos desportivos ou paradesportivos, com toda a documentação exigida e um orçamento analítico.

A extensão da Lei de Incentivo ao Esporte até 2027 sancionada pelo Governo Federal, no último dia 25, foi comemorada pelo mundo esportivo. A lei permite que pessoas físicas e jurídicas apoiem projetos esportivos e paradesportivos por meio de doações e patrocínios.

Duas mudanças importantes foram estabelecidas no novo texto, que valerá a partir de 1º de janeiro de 2023. As alíquotas para as empresas e pessoas físicas deduzirem anualmente no Imposto de Renda aumentaram de 1% para 2% e 6% para 7%, respectivamente. Além disso, escolas de Ensino Fundamental, Médio e Superior passam a ser captadoras de recursos da lei. Também haverá a inclusão de projetos com foco em inclusão social no limite coletivo de 4%, preferencialmente em comunidades de vulnerabilidade social.

Os números também revelaram uma concentração de recursos em poucos Estados brasileiros. Apenas São Paulo abocanhou 41% do total. A região Sudeste assumiu praticamente 75% de todos os investimentos. Norte, Nordeste e Centro-Oeste, juntos, arrecadaram pouco mais de 10%.

"O objetivo não é que São Paulo capte menos, mas que outros Estados consigam melhorar seus números. É preciso oferecer o máximo de informação possível para



O Flamengo de Everton Ribeiro, Gabigol e Pedro é o único clube de futebol que aparece entre os 10 maiores captadores de recursos via Lei de Incentivo ao Esporte

melhorar a captação de recursos", explica Cury.

Dentre os maiores patrocinadores, a Vale S/A, que liderou o quesito no levantamento referente a 2020, volta a assumir o topo e concentra quase 20% do total aportado em 2021.

A empresa teve quase R\$ 100 milhões aportados em 57 iniciativas. A distorção entre o primeiro e o segundo nunca foi tão grande. "Vemos o Top 10 de maiores incentivadores do esporte brasileiro quase todo tomado por empresas do setor energético e mineração. Antes tinha uma diversidade maior, com bancos, seguradoras", analisa Cury.

Depois, aparecem na lista as contribuições de pessoas físicas, com 2,37%. Em 2021, mais de 3,4 mil pessoas contribuíram com R\$ 11 milhões a iniciativas do esporte.

"Nesse último ano, o conjunto de pessoas físicas foi o segundo maior patrocinador. E teve esse aumento da alíquota agora que pode dar ainda mais gasolina."

## Flamengo é destaque

O futebol liderou dentre as modalidades esportivas que mais receberam aportes financeiros, com pouco mais de R\$ 65 milhões, seguido pelo tênis, com R\$ 28 milhões, e automobilismo, com R\$ 23 milhões. O levantamento leva em consideração projetos com uma única modalidade.

O Flamengo é o único clube de futebol que aparece entre os 10 maiores captadores de recursos via Lei de Incentivo ao Esporte. O clube carioca garantiu pouco mais de R\$ 6,6 milhões. Mais de R\$ 3,8 milhões foram só através de pessoa física, um volume de receita relevante para o projeto olímpico.

## Clubes faturam menos com o marketing

Ricardo Magatti  
 Agência Estado

Os clubes brasileiros não acompanharam as tendências do marketing esportivo mundial e faturaram muito menos do que poderiam com esse setor em 2021. A conclusão é de um estudo realizado pela consultoria Sports Value a que o Estadão teve acesso e que avaliou o potencial mercadológico do futebol no país.

O relatório levantou as receitas de marketing - o que inclui patrocínios e licenciamento de marca - dos principais times do Brasil no ano passado a partir de dados dos balanços publicados pelas agremiações, demonstrações contábeis e estudos de empresas como Deloitte e Forbes.

Foram incluídas nas análises informações como Produto Interno Bruto (PIB) dos países e tamanho do mercado publicitário, além das receitas de marketing das principais ligas de futebol. Para os times, foram observados dados de desempenho em redes sociais.

O trabalho mostrou que o futebol brasileiro tem o sétimo maior PIB entre as ligas de futebol do mundo, o quinto mais importante mercado publicitário global, mas figura apenas em 14º em receitas de marketing das ligas.

A conclusão mais importante do relatório é que, embora o mercado brasileiro seja grande e relevante, os clubes do país ganham pouco dinheiro com marketing. O estudo faz a avaliação de que, dado o tamanho do mercado nacional, o faturamento dos times deveria ser de aproximadamente US\$ 625 milhões (R\$ 3,2 bilhões) por ano com marketing, 3,6 vezes mais que os US\$ 170 milhões (R\$ 871 milhões) que eles ganham.

"Está claro que os clubes são muito fracos e despreparados em marketing", diz Amir Somoggi, sócio-diretor da Sports Value. "Outros mercados muito menores e com menos importância superam o mercado brasileiro, casos de Portugal, México, Holanda",

exemplifica. Mas por que as equipes nacionais lucram menos do que podem com marketing?

Na avaliação de Somoggi, elas falham em investir muita energia para ampliar a sua visibilidade. Deveriam, na visão do especialista, focar em inovação tecnológica, criação de marketing de conteúdo e engajar os torcedores a partir de um "storytelling real e impactante", isto é, capaz de gerar experiência para o fã que o divirta e o emocione.

"O foco deveria ser vender, abrir conta e ampliar o faturamento dos patrocinadores, para que eles possam, inclusive, pagar mais, com um investimento não só de publicidade, mas um investimento que deveria ser chamado de marketing para os clubes crescerem em outras frentes", opina.

Time de maior torcida do país, o Flamengo, por exemplo, gerou mais de 867 milhões de interações em suas redes sociais no ano passado, mas registrou um ganho pequeno com marketing no mesmo período: US\$ 29 milhões (R\$ 148 milhões), segundo a pesquisa. O Palmeiras é o brasileiro com a maior renda proveniente do marketing: US\$ 31 milhões (R\$ 158 mi-

lhões), US\$ 8 milhões a mais que o arquirrival Corinthians. Globalmente, o que mais arrecada com marketing é o Bayern de Munique: US\$ 407 milhões (R\$ 2 bilhões).

O relatório levanta dados de outras ligas e de clubes do exterior e compara os números com os do Brasil. O trabalho mostra que o mercado brasileiro é grande em termos publicitários, valendo duas vezes o espanhol e quase três vezes maior que o mexicano. Entretanto, o faturamento é baixo, o que faz com que o país apareça em penúltimo lugar entre as 22 equipes analisadas no índice receitas de marketing/mercado publicitário.

As receitas de marketing dos clubes do Brasil representam apenas 1% do mercado publicitário nacional, porcentagem consideravelmente menor que Espanha e Portugal, que lideram o gráfico, com 16% e 14%, respectivamente.

O documento aponta que a criação de uma liga profissional de futebol forte e independente da CBF será fundamental para a evolução da receita com marketing no país e ressalta que a elaboração de conteúdo exclusivo e impactante e monetização concreta "são o futuro" do marketing esportivo.

Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense



As receitas dos clubes do Brasil representam apenas 1% do mercado publicitário

## PRIMEIRA VEZ

## Capital sediará Meeting Paralímpico

Evento do comitê nacional está programado para o próximo dia 11 e será realizado na Vila Olímpica Parahyba

Fortaleza abre as etapas da competição do CPB, que também vai passar por Natal, Recife e Aracaju nos próximos dias

Laura Luna  
lauraluna@cpb.gov.br

João Pessoa irá sediar, no dia 11 de setembro, uma etapa do Meeting Paralímpico. A competição, que contará com disputas no atletismo, será realizada na pista da Vila Olímpica Parahyba. O Meeting Paralímpico é idealizado e organizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro

(CPB) nas modalidades de atletismo, natação e halterofilismo com cada cidade-sede recebendo uma das provas.

Fortaleza, capital do Ceará, será a primeira cidade do Nordeste a receber o evento neste domingo. Em seguida o meeting segue para Natal, dia 8. Depois de João Pessoa, é a vez de Recife, dia 14, e Aracaju, dia 21. "Antes era

um evento por região. Com a pandemia passamos a fazer nas capitais, como forma de reunir um menor número de atletas e comissão", detalhou Fernando Partelli, gerente de eventos do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

É a primeira vez que o Meeting Paralímpico acontece em João Pessoa. A última competição que aconteceu na capital paraibana foi em

2019, quando houve o Nordeste-Nordeste. "Foi o regional que realizamos. Agora voltamos a João Pessoa com esse novo formato", acrescentou Fernando, que falou sobre a expectativa em relação ao número de competidores. "A média é de 200 participantes por evento, contando com atletas e equipes".

Os objetivos do Meeting são desenvolver a prá-

tica esportiva para pessoas com deficiência em todas as regiões do país, contribuir para o aprimoramento técnico dos competidores e propiciar oportunidades de competição aos atletas de elite e jovens promessas do paradesporto em todo o Brasil. "Estamos mais próximos dos atletas, reconhecendo os talentos e vendo de perto as necessidades de cada clube".

Foto: Alé Cabral/CPB



Além do atletismo o Meeting Paralímpico, do Comitê Olímpico, inclui as modalidades de natação e halterofilismo

## BRASILEIRÃO

## Flamengo enfrenta, hoje, o Ceará, tentando se aproximar do líder

Ivo Marques  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

Flamengo e Ceará abrem hoje os jogos do domingo da 25ª rodada do Brasileirão. A partida está programada para as 11h da manhã, no Maracanã. Com 43 pontos e na segunda colocação, o Mengão tenta se aproximar do líder Palmeiras, enquanto que o Ceará, em 15º lugar, com 27 pontos, tenta fugir da aproximação com a zona de rebaixamento. O rubro-negro carioca vem de uma vitória no clássico contra o Botafogo, por 1 a 0, e o Ceará empatou com o Athletico Paranaense em 0 a 0.

No Flamengo, o ambiente é de total otimismo. Apesar da grande distância para o líder Palmeiras, todos no clube ainda acreditam na conquista do título do Brasileirão. Para tanto, o clube terá de vencer todos os seus jogos e torcer por tropeços do Palmeiras. No meio de semana, o clube conseguiu uma grande vitória sobre o Vélez Sarsfield na Argentina, por 4 a 0, na Copa Libertadores.

Para esta partida de hoje, o técnico Dorival Junior deverá poupar o time que vem disputando a Libertadores e a Copa do Brasil e escalar o time B, como tem feito nos últimos jogos do Campeonato Brasileiro. A dupla de zaga David Luís e Léo Pereira, suspensos

pelo terceiro cartão amarelo em Buenos Aires, e portanto não jogam a partida de volta, programada para a próxima quarta-feira, no Rio de Janeiro, deverá começar jogando contra o Ceará. Outros que deverão participar da partida são o volante chileno Erick Pulgar e o lateral direito uruguaio, Guilherme Varela. Este último, ainda não estreou com a camisa do Fla. Nas demais posições, o time deverá ser o mesmo que venceu o Botafogo, na última rodada.

No Ceará, a principal novidade é a estreia do técnico argentino Lucho González. Ele chegou com a difícil missão de colocar o clube cearense entre os clubes classificados para a Libertadores. Para este jogo difícil contra o Flamengo, fora de casa, ele já modificou o esquema de jogo e vai escalar a equipe no 3-5-2. Os zagueiros serão Luiz Otávio, Messias e Marco Victor. A dupla de volantes será formada por Richard Coelho e Eric Richardson.

A partir das 16h, na Arena Neo Química, o Corinthians vai enfrentar o Internacional. O Timão é o quarto colocado no campeonato, com 42 pontos, e vem de uma vitória de 1 a 0 sobre o Red Bull Bragantino. Já o Inter está na cola, com o mesmo número de pontos, mas na quinta colocação. O Colorado vem de uma vitória

por 4 a 0 sobre o lanterna Juventude.

No mesmo horário, no Castelão, em Fortaleza, o Tricolor cearense vai encarar o Botafogo. O Leão do Pici, depois de uma péssima campanha no primeiro turno, vem fazendo a melhor campanha no segundo turno, inclusive melhor até do que os líderes da competição. No último jogo, o Fortaleza venceu o São Paulo por 1 a 0, em pleno Mo-

rumbi. Já o Botafogo, apesar de muitas contratações, não vem bem na competição e se aproxima perigosamente da zona de rebaixamento. O clube tem 27 pontos e está na 14ª posição. O Glorioso perdeu para o Flamengo por 1 a 0, na última rodada.

A partir das 18h, no Estádio Antônio Accioly, em Goiânia, o Atlético local vai encarar o xará de Minas Gerais. O Atlético Goiano está na zona

de rebaixamento, na 19ª colocação, com apenas 22 pontos. Já o Atlético Mineiro está na 8ª posição, com 36 pontos. O Galo vem de um empate em 1 a 1 contra o América-MG.

O Cuiabá vai receber o São Paulo, a partir das 19h, na Arena Pantanal, em Cuiabá. O clube local luta para sair da zona de rebaixamento, na 17ª colocação, com 25 pontos, e vem de um empate sem gols contra o Santos.

Já o tricolor paulista vem de uma derrota para o Fortaleza, em casa, e está na 13ª posição, com 29 pontos. A rodada será encerrada amanhã com Santos x Goiás, a partir das 20h, na Vila Belmiro, em Santos. O Peixe vem de um empate com o Cuiabá em 0 a 0 e está hoje na 8ª posição, com 34 pontos. Já o Goiás vem surpreendendo na 10ª colocação, com 32 pontos e vem de uma vitória sobre o Atlético Goianense por 2 a 1.

## Botafogo

**Time carioca joga no Castelão contra o Fortaleza - time de melhor campanha no 2º turno - bastante pressionado por estar próximo da zona de rebaixamento**



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Fortaleza e Internacional têm jogos importantes hoje pela 25ª rodada do Brasileirão

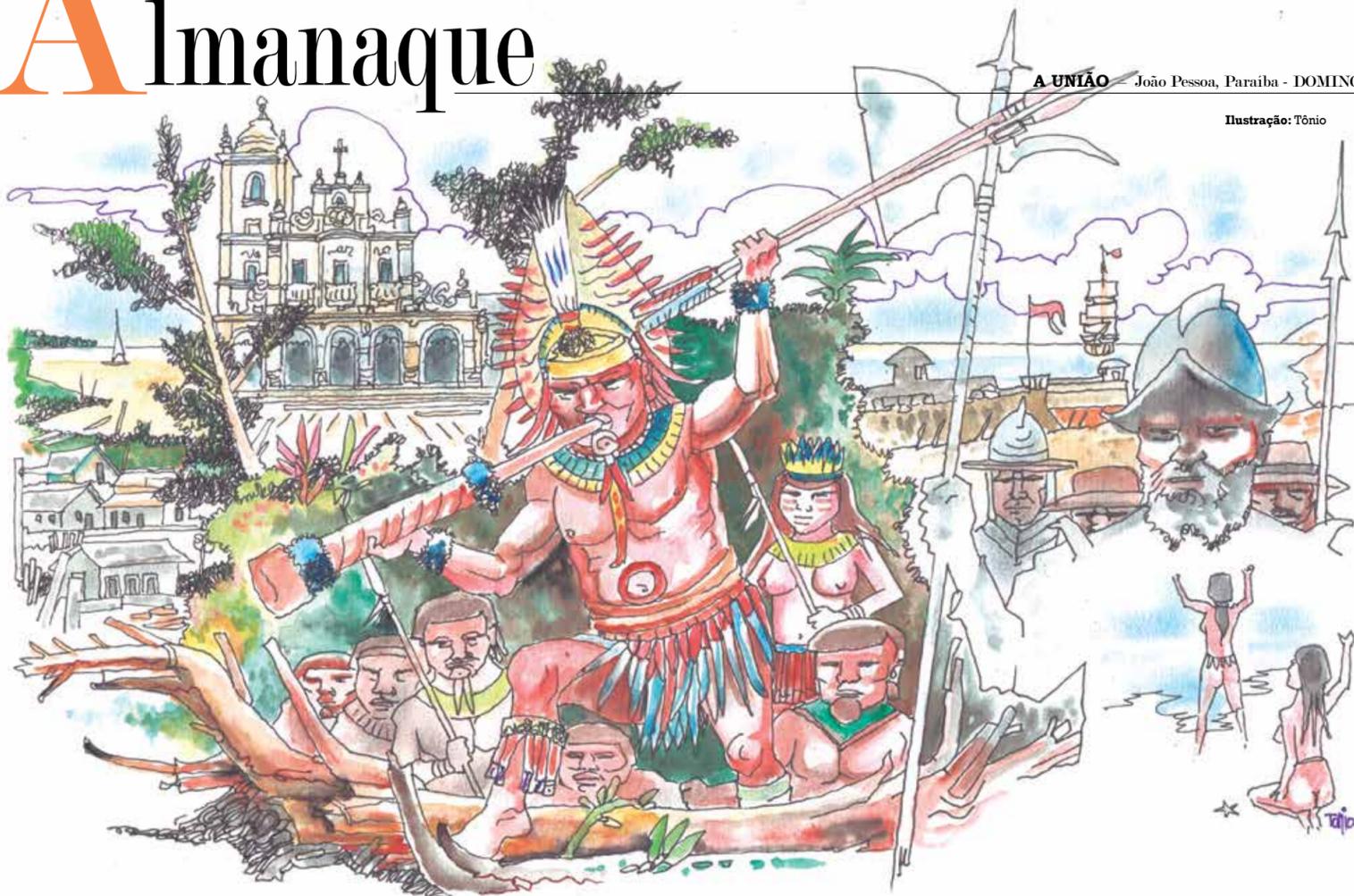


Ilustração: Tônio

■ Historiografia oficial, baseada em documentos e cronistas portugueses, ignorou a participação dos nativos nos registros

Ademilson José  
 Especial para A União

## Os indígenas esquecidos pela história tradicional

Registros oficiais omitem ou deturpam a participação de personagens importantes, oriundos dos povos locais, nas batalhas travadas durante o processo de colonização do Brasil, incluindo as ocorridas em solo paraibano

“**A historiografia brasileira é useira e vezeira em esquecer figuras com importância no processo histórico**”

Carlos Azevedo

É bem verdade que somente no Grito do Ipiranga, proclamado por Dom Pedro I em 7 de setembro de 1822, é que de fato consolidou-se a independência do Brasil, mas, considerando revoltas, levantes e movimentos de resistência ao controle de Portugal, as manifestações começaram bem antes, sendo uma das primeiras, exatamente na Paraíba, poucas décadas depois do descobrimento e protagonizada pelo índios potiguaras.

A historiografia oficial, baseada em documentos e cronistas portugueses, nunca reconheceu os nativos como personagens da história – tanto que, antes de Dom Pedro, o único “heroicizado” é Tiradentes, da chamada Inconfidência Mineira (1789). Com isso, estabeleceu e eternizou omissões e discriminações que fazem dos nossos relatos, não uma história da Paraíba e do Brasil, mas uma história portuguesa da Paraíba e do Brasil.

Uma coisa é muito diferente da outra e, antes tarde do que nunca, nesses 200 anos de independência, o Brasil precisaria contar ele mesmo sua história. E, fazendo isso, o primeiro “grito de independência” e de completa rejeição ao domínio português, seria mesmo o de algumas nações indígenas, começando com os tamoiós do Rio de Janeiro (entre 1534 e 1565) e os potiguaras do Nordeste, especialmente da Paraíba (entre 1534 e 1654).

Priorizando personagens e fatos de nossa região, vale dizer que, se é para citar heróis regionais que lideraram as primeiras resistências, o nosso pioneiro seria obrigatoriamente Iniguaçu, o cacique dos potiguaras na Aldeia da Serra da Copaoba, hoje município de Serra da Raiz, a 108 km da capital.

Foi ele quem, muito antes de Dom Pedro I e de Tiradentes, liderando sua tribo e coliderando potiguaras de Cabedelo, Ilha da Restinga, Costinha e Forte Velho, lutou entre 1570 e 1599 no sentido de expulsar os portugueses da Paraíba, a quem acusava

de impostores e de abusar nas tentativas de escravização e nos maus-tratos contra seu povo.

E mais detalhes dessa história – inclusive no que se refere à derrota que os potiguaras da Paraíba aplicaram nos portugueses em 1574 nos arredores de Goiana (PE) –, estão no cordel “Iniguaçu e o Massacre de Tracunhaém”, de autoria de Gustavo de Oliveira, fundador presidente do Museu Regional e também da Sociedade Amigos da Cultura Iniguaçu (SACI), ambas as entidades sediadas em Serra da Raiz. O episódio do massacre foi o que mais contrariou a Coroa portuguesa (Dom Sebastião) nas primeiras décadas da colonização e, no que pese o valor literário de cordel, mereceria transformação em livro, tão grande a importância de Iniguaçu. Que história da Paraíba é essa que omite e discrimina um líder do porte de Iniguaçu? E tem outros...

**A história de mãos brancas**  
 “O esquecimento histórico é uma forma simbólica de morte. A historiografia

tradicional brasileira é, ainda hoje, useira e vezeira em esquecer propositalmente certas figuras que tiveram importância no nosso processo histórico”, entende o antropólogo paraibano Carlos Azevedo, ao observar que exemplos disso é o que não faltam: “Zumbi (negro), Calabar (mulato) e Pedro Poti (índigena da Baía da Traição)”, relaciona ele.

Na lista do antropólogo, caberia muito mais gente, entre eles, o cacique já citado que hoje é monumento e dá nome à principal praça de Serra da Raiz. “Iniguaçu foi um silvícola que deu lição de civilidade a muitos homens civilizados de seu tempo”, observa Gustavo de Oliveira, ao alertar que isso não é apenas uma opinião sua, mas conceito firmado por vários documentos de credibilidade nacional, entre eles, o Sumário das Armadas e Frei Vicente de Salvador, autor do primeiro livro sobre história do Brasil. Mas há historiadores que, segundo Carlos Azevedo, assumem essas omissões e discriminações como propositais. Até porque não seria de se esperar que uma “historiografia de mãos brancas” viesse tomar a iniciativa de transformar índigenas em heróis.

As observações do antropólogo trazem para o campo do debate, no caso, uma concepção reveladora da forma desumana e discriminatória com que os portugueses realmente tratavam os indígenas. E justificam, paralelamente, também porque os indígenas, especialmente os potiguaras de Iniguaçu e Pedro Poti, preferiam os franceses e holandeses, quando o assunto era convivência e colonização.

### Interesses moldam registros sobre a participação de lideranças nativas

Mas quando a situação e o personagem era ou atuava em defesa dos interesses de Portugal, a historiografia sabia transformar indígenas em heróis. E dois casos emblemáticos são os de Piragibe, chefe tabajara que levou seu povo a se aliar aos portugueses, e o de Felipe Camarão.

Pago pela Coroa portuguesa, Camarão lutou o tempo todo do lado oposto aos seus irmãos potiguaras, e foi “heroicizado”, como se sabe, junto com o também paraibano não-indígena, André Vidal de Negreiros. Ele morreu na primeira Batalha dos Guararapes em 1648, no Recife.

Mas pior que omissões e discriminações históricas são os casos de deturpação. E estabelecer na história que os tabajaras eram índios da Paraíba talvez seja a mais aberrante delas. Apesar de consagrados com tal, os tabajaras eram indígenas seminômades que, quando os portugueses começaram a chegar pelo Nordeste do Brasil, viviam a oeste de Itamaracá, bem acima do Litoral.

Atritando-se com os portugueses que queriam escravizá-los, eles foram viver no Vale do São Francisco e, depois, por volta de 1560, se mudaram de novo e vieram se estabelecer às margens do Rio Paraíba (que se chamava Samaraguai), entre Pilar e Tibiri, na várzea de Santa Rita.

Como depois de várias investidas frustradas pelo mar, os portugueses haviam passado a tentar

■ **Pior que as omissões são os casos de deturpação. E estabelecer que tabajaras eram índios da Paraíba talvez seja a mais aberrante**

conquistar a Paraíba pelo interior, pelo rio, se reencontraram com os tabajaras e, com eles, iniciaram uma negociação de paz.

Como nunca se deram bem com os potiguaras, que os tratavam por sinimbus (camalesões) e não admitiam que ocupassem o Litoral, em 5 de agosto de 1585, numa reunião ocorrida nas imediações da hoje Ilha do Bispo, os tabajaras fizeram as pazes com os portugueses e passaram a lutar contra os potiguaras.

Como quem conta a his-

tória imediata são os vencedores (Ai dos vencidos!) e baseada nos cronistas e escritas portuguesas da época, a historiografia acabou deturpando a identificação e colocando os tabajaras como “os índios da Paraíba”, e o chefe deles, Piragibe, como herói.

Somente porque perderam, para essa historiografia, Iniguaçu e Pedro Poti foram completamente omitidos, assim como somente por terem ficado ao lado dos portugueses, os tabajaras tomaram a condição de nativos da Paraíba. A Paraíba e o Brasil bem que poderiam reformular sua historiografia e corrigir essas omissões e distorções que, no somatório nacional, chegam a ser incontáveis. Isso seria importante porque nos livrariamos de, com 200 anos de independência, ainda estarmos lendo uma história portuguesa da Paraíba e do Brasil e não a verdadeira história da Paraíba e do Brasil.

Para o antropólogo Carlos Azevedo, a omissão da literatura oficial quanto ao papel dos povos nativos é uma forma simbólica de morte

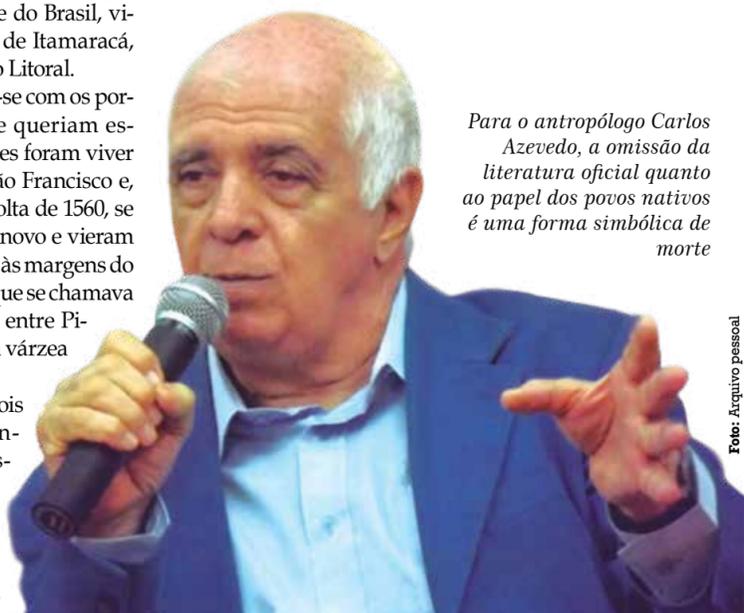


Foto: Arquivo pessoal

## Jonildo Cavalcanti O filho de Seu Severino era um ás da radiofonia

Hilton Gouvêa  
hiltongouvea@gmail.com

Quando a camionete Veraneio cheia de amplificadores de som parava na Feira de Oitizeiro, aos domingos, em João Pessoa, a voz dele soitava um bordão já conhecido dos necessitados: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”. Nesse dia, ele fazia cessar seus lucros pessoais com a propaganda para ajudar aos necessitados. Era uma cadeira de rodas para um, uma cesta básica para outro e ninguém saía de mãos abanando.

O comunicador Jonildo Cavalcanti foi uma figura radiofônica que extrapolou os limites de sua popularidade, quando pensou em transportar os microfones dos ambientes herméticos dos estúdios de rá-

dio para as ruas. Ele pode ser incluído entre os pioneiros da radiofonia matutina, já que, muito mal o galo anunciava o dia, ele estava lá, de microfone em punho, convidando o ouvinte para acordar.

De acordo com um de seus contemporâneos, o locutor Carlos Antônio, já falecido, “Jonildo inovou a radiofonia matinal imitando o sotaque interiorano dentro dos estúdios, sem falar que sua pronúncia caipira era tão perfeita que os que não o conheciam pensavam que ele falava daquele jeito”.

“Comecei a ouvir Jonildo ainda criança, em Nova Cruz, no Rio Grande do Norte, quando nas primeiras horas da manhã ele acordava os trabalhadores com seu programa ‘Bom Dia Trabalhador’ (na Tabajara, de João Pessoa). Nessa

época, final da década de 1960, existiam poucas rádios no Nordeste e, claro, todas eram AM. E a Rádio Tabajara tinha longo alcance, sendo ouvida, inclusive, em diversos municípios de estados vizinhos da Paraíba”, destaca o jornalista e radialista Iêdo Ferreira.

Jonildo Cavalcanti, “o filho de Seu Severino, o Rei do Sertão”, assim ele se apresentava ao balançar o chocalho acordando os ouvintes. Era um programa com músicas regionais e marcou época no rádio paraibano. “Conheci Jonildo pessoalmente quando ingressei na Tabajara, em 1989. Realmente, era um fenômeno inigualável”, aponta o jornalista Josélio Carneiro, autor de livros que contam a história da radiofonia na Paraíba.



Ilustração: Tonio

Jonildo Cavalcanti, “o filho de Seu Severino, o Rei do Sertão”, assim ele se apresentava ao balançar o chocalho acordando os ouvintes. Era um programa com músicas regionais e marcou época no rádio paraibano

## Do menino calmo ao homem solidário

Em certa oportunidade, Jonildo Cavalcanti recebeu das mãos de Josélio Carneiro uma plaquete. Foi homenagem especial da Associação dos Servidores da Rádio Tabajara (Assert). Josélio foi um dos fundadores da entidade e a dirigiu por

dois anos. Isso aconteceu no 58º aniversário da Rádio Tabajara, no ano de 1995. Um irmão famoso de Jonildo foi o também radialista e compositor Jacy Cavalcanti, que marcou época na radiofonia regional. Jacy também escreveu radionovelas.



Foto: Roberto Guedes

As doações de cadeiras de rodas às instituições de caridade ou a pessoas que o procuravam pessoalmente na Rádio Tabajara eram uma ação frequente na rotina de Jonildo Cavalcanti

Jonildo deixou um herdeiro no rádio: Jonildo Cavalcanti Filho, que há alguns anos é dirigente da Rádio Comunitária Cruz das Armas 104 FM. Ele e outros dois irmãos conduzem essa emissora prestando serviços a diversas comunidades em João Pessoa.

O comerciante Ilme Ferreira Marinho, que na década de 1970 representava os produtos Creme Dental Plá e as loções Napoleone e Marie Louise, do Laboratório Humboldt, era um homem que gostava de galhofa. Um dia Jonildo compareceu ao escritório de Ilme, na rua do Riachuelo, na capital paraibana, e propôs um contrato publicitário. Ilme aceitou. E a propaganda ia ao ar todos os dias, no horário matinal. Na hora de pagar, Ilme replicava: “Jonildo, eu não estou ouvindo o comer-

cial”. Bem sério, Jonildo respondia: “Então passe a representar, também, cera para limpar os ouvidos”.

Filho do servidor público Severino Nicássio da Silva e de Joana Cavalcanti da Silva, Jonildo começou cedo no rádio, segundo informa um de seus filhos, Antônio Cavalcanti, hoje com 46 anos. O berço natal de Jonildo foi o Bairro do Cordão Enchamado, que liga o Centro de João Pessoa à rua São Miguel, na cidade baixa. Era um menino calmo, que tinha medo de passar à noite perto do Cemitério Senhor da Boa Sentença.

Ele nasceu num dia de sol, em João Pessoa, onde fez seus estudos básicos, escolheu a radiofonia como profissão e casou com Rosa Varela Cavalcanti. Tinha dois apelidos: o “Filho de Seu Severino” e o “Homem das Cadeiras de Rodas”.

Calcula-se em mais de três centenas a quantidade desses equipamentos por ele doados às instituições de caridade ou a pessoas que o procuravam pessoalmente na Rádio Tabajara.

“Eu era criança e acompanhava meu pai em suas peregrinações. Nunca ouvi ele reclamar de nada, nem se atritar com as pessoas que vinham lhe pedir qualquer coisa. A paciência era sua principal característica. Posso afirmar que era bom amigo, pai de família e solidário até com quem não conhecia”, diz Antônio Cavalcanti. Veio ao mundo em João Pessoa, no dia 23 de maio de 1939. Morreu de parada cardíaca, após uma hemodiálise, em 11 de abril de 2000, na Casa de Saúde São Vicente de Paulo, em Jaguaribe.

Em que pese a retificação publicada por A União no ‘Quem Foi’ de 28 de agosto passado, o neto de Plínio Lemos, o senhor Eduardo Bonates, entende que somente com a publicação do seu texto, abaixo, a retificação estará completa.

## Em defesa da memória de Plínio Lemos

Eduardo Bonates

Mais que supreso, li em A União de 7/8/2022 matéria totalmente inverídica sobre o ex-Deputado Federal e ex-Prefeito de Campina Grande Plínio Lemos. O texto é de autoria de Sara Gomes, com base no livro *História de Campina Grande: De aldeia a metrópole*. Trata-se de algo tão fantasioso quanto a foto também publicada no mesmo espaço. Sim, a fotografia, ao contrário do que lá se diz, NÃO é de Plínio Lemos, mas do Dr. Elpídio de Almeida – o que, por si só, já demonstra total falta de conhecimento do que é relatado. Deduz-se desse erro grosseiro que, talvez, a única preocupação tenha sido a de publicar a matéria a qualquer custo, sem o mais mínimo compromisso com a verdade.

Embora Engenheiro de Minas por formação, com Mestrado e Doutorado no Canadá, sempre enveredei pelo acurado estudo da História, com a finalidade precipua de resgatar a autêntica saga política que foi a vida de meu avô, o Dr. Plínio Lemos, nascido na cidade de Areia (PB) em 03/04/1903 e bacharelado pela Faculdade de Direito de Minas Gerais no ano de 1928. Foi Advogado, Promotor de Justiça na Paraíba e em Minas Gerais, Oficial de Gabinete do Ministério da Viação e Obras Públicas, empresário, Deputado Federal por várias vezes e Prefeito de Campina Grande. Participou ativamente de todos os eventos políticos ocorridos no Brasil de 1922 a 1982.

A descrição de um fato histórico exige conhecimento e honestidade, simplesmente para evitarmos caminhos tortuosos que levem à deturpação dos fatos. Só existem três formas de descrever um fato histórico: 1) o mais fidedigno é ser ele relatado por quem dele participou; 2) menos precisamente, mas ainda com alguma veracidade, é ser contado por alguém que ouviu a história contada por quem de fato participou da ocorrência; e 3) descrever o fato com base no que se tem escrito em torno dele, pesquisando cuidadosamente as fontes disponíveis e trazendo à baila sua própria versão.

No “artigo” a que nos referimos, nada disso ocorre. O livro em que se baseou (a citada *História de Campina Grande*) traz apenas as opiniões pessoais dos autores, o que em nada contribui para a História com agê maiúsculo – para o que de fato ocorreu. Por exemplo, na seção 12.3 desse livro, lê-se que Plínio Lemos foi “um prefeito impopular”. Essa afirmação falaciosa em nada reflete a realidade histórica, tanto do ponto de vista administrativo, quanto do político. Vamos nos deter apenas no aspecto político, pois o administrativo será esclarecido

muito em breve com a publicação de um livro de nossa lavra, retratando justamente a vida de Plínio Lemos, com farta documentação indelmentível. Mas, logo aqui e agora, o leitor poderá facilmente avaliar essa suposta impopularidade...

Na eleição de 1951 para a Prefeitura de Campina Grande, Plínio se elegeu Prefeito com uma margem de 2 mil 785 votos (pouco mais de 10% do colégio eleitoral), contra a MAIOR liderança política de Campina Grande, Argemiro de Figueiredo – que já fora Secretário de Estado, Governador e Interventor Federal.

Depois disso, Plínio ainda se elegeu Deputado Federal por três legislaturas, afora o tempo que assumiu como suplente, na Câmara dos Deputados. Eis a comprovação de que de impopular ele NADA tinha! Bem ao contrário, era homem probo, de reputação ilibada e acima de qualquer suspeita. Quem diz que Plínio era “impopular”, desconhece *in totum* a História e apenas reflete antigas paixões politiquês não devidamente assimiladas...

O incorretíssimo texto também se refere ao mui lamentável assassinato do vereador Félix Araújo. Muito já se escreveu sobre este assunto, mas quem conhece a História da Paraíba sabe: os autores que melhor refletiram a realidade desse sangrento episódio foram, sem a menor sombra de dúvidas, 1) o escritor Alcides de Albuquerque do Ó, no livro *Campina Grande: História e Política – 1945 a 1955*; e 2) o escritor Josué Sylvestre, em sua obra denominada *Lutas de vida e morte*. Em ambos os volumes, a descrição das múltiplas circunstâncias daquele brutal assassinato é muito parecida uma com a outra, dando a entender que o crime aconteceu da forma descrita por esses dois autênticos historiadores – e não como o descrito por esses autores que não viveram a época nem a estudaram verdadeiramente.

É uma lástima que, ainda hoje, pessoas despreparadas tentem descrever esse assassinato de forma tão leviana e descaracterizada, em nada refletindo a realidade do sangrento e lamentabilíssimo episódio. Esses “autores”, que pouco ou quase nada conhecem da autêntica vida da sempre heroica cidade de Campina Grande, chegam a dizer que o assassino confesso de Félix Araújo, João Madeira, era funcionário de Plínio.

Não pode haver afirmação mais mentirosa. João Madeira chegara a Campina Grande por problemas com a Justiça de Pernambuco. Pedira ao vice-prefeito de então, Lafayette Cavalcanti, uma posição na Prefeitura, para dar início à sua nova vida na Rainha da Borborema. Satisfazendo a seu pedido, o então secretário municipal Raymundo

## Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

## Publicação gratuita traz as principais tendências do jornalismo digital

As principais tendências do jornalismo digital na atualidade estão disponíveis, de graça e aceito, na publicação “Acelerando a transformação digital”, lançada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e a Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner).

O playbook (disponível no site da ANJ e da Aner) integra o programa Acelerando a Transformação Digital, desenvolvido pelo International Center for Journalists (ICFJ) e o Meta Journalism Project em parceria com ANJ e ANER. A publicação resume o que foi o programa, detalha os temas abordados, traz dicas dos mentores e, ainda, apresenta um panorama amplo dos projetos de cada um dos 25 editores nacionais de jornais e revistas selecionados para a etapa de mentorias e financiamento.

Em “Acelerando a transformação digital”, o leitor vai encontrar informações importantes sobre: novas plataformas para a produção jornalística; vídeos de notícias digitais; novas narrativas; dicas para melhorar a experiência em mobile; como ge-

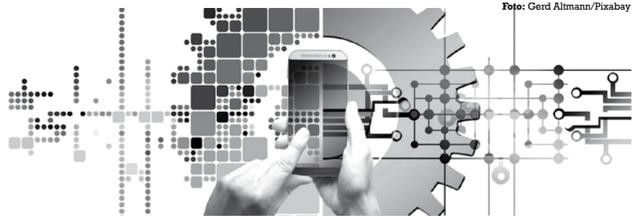


Foto: Gerald Altmann/Pixabay

rar, desenvolver e ter melhor desempenho em audiência; estratégias de monetização; como aumentar as receitas; novos modelos organizacionais nas redações; otimização da distribuição de conteúdo; jornalismo de dados; payroll; marca e conexão com público (jornais e revistas).

Idalmy Carrera, que é estrategista digital em Chicago, traz dicas interessantes que precisam ser levadas em consideração por todos nós na hora de produzir conteúdo. Duas delas: “Tenha um público específico em mente e concentre-se nas platafor-

mas que melhor atendem às prioridades/desafios do seu público”; “Pare de fazer coisas que atendam às suas necessidades e não às necessidades dos seus leitores”. Só isso rende muita reflexão e trabalho!

Imani M. Cheers, professora de graduação na The George Washington University, sugere algumas atitudes a se adotar para melhorar a experiência em mobile e elevar nível da produção jornalística. “Por exemplo, no processo de produção, algumas premissas precisam estar sempre em pauta: Sobre o que é o seu vídeo? Que história

você está tentando contar? Escreva suas cenas, esboce sua ação. Quanto mais você planejar antes de atirar, melhor!”.

Já Kengo Tsutsumi, editor adjunto de audiência na ProPublica, leva o leitor a questionar sobre a importância de ouvir a opinião da equipe. “Invista em pessoas e metas, reconheça e ouça a opinião das equipes sobre outras oportunidades e plataformas. Por exemplo, a percepção de você tem sobre uma rede social, pode ser muito diferente da percepção das pessoas que de fato utilizam essa plataforma”.

Por fim, encerro com uma orientação de Chris Stone, que é especialista em publicação digital e lidera a equipe audiovisual no New Statesman, uma reconhecida publicação sobre política e cultura, com sede no Reino Unido. Não basta mapear e conhecer a sua audiência, é fundamental que estabeleçamos a “voz” para nossa produção de conteúdo. E essa “voz” precisa dialogar, ou melhor, “dar match” com as necessidades e expectativas da audiência.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

## O Ufanismo na Música Popular Brasileira – Parte I

Qualquer leitor de inteligência mediana sabe que o termo ufanismo se refere à atitude daqueles que se orgulham, de forma exagerada e exacerbada, do país em que nasceu ou, até mesmo, em que vive ou viveu. Seria como se alguém fosse devotado a um patriotismo excessivo. Tirante a segunda parte desse conceito – o exagerado, o exacerbado, o excessivo –, muitas vezes esse sentimento é expresso nos conceitos ideológicos mundo afora. Estão aí os “ismos” que envolvem ideias e ideais de natureza filosófica, social e política, por exemplo.

Como tratamos, aqui, apenas de música, necessária se faz essa introdução, a fim de que fique bem claro que nos concentramos apenas em aspectos informativos, nunca ideológicos ou opinativos, quando abordamos um tema que tem gerado antagonismos em todo o mundo.

Apenas fazendo divagações, podemos citar a família Strauss, sobretudo o Strauss II (ou Júnior – 1825-1899), que dedicou as suas mais lindas valsas à sua querida Viena (Áustria): Danúbio Azul, Contos dos Bosques de Viena, Rosas do Sul, Sangue Vienense, As Damas de Viena, Valsa do Imperador, entre outras. E não seria necessário falarmos aqui sobre outros compositores da chamada música erudita, que sacramentaram as suas

origens em temas que beiravam, se assim podemos dizer, o lado bom do ufanismo: Schubert (Marcha Militar), Elgar (Pompa e Circunstância), Wagner (Lohengrin), Giuseppe Verdi (A Grande Marcha), Franz von Suppé (Cavalaria Ligeira), Meyerbeer (Marcha da Coroação), John Philip Sousa (American Patrol, Washington Post, Stars and Stripes Forever), Brahms e Franz Liszt (com suas respectivas Danças e Rapsódias Húngaras), sem citar as inúmeras composições de Bethoven, Mozart, Tchaikovsky, entre outros, sempre ovacionados, em épocas distintas, pelos seus imperadores, reis, governantes e - por que não? – ditadores de plantão.

Os compositores Agustín Lara (mexicano) e Ernesto Lecuona (cubano), que foram adotados pela Espanha e pelo México, respectivamente, a serviço de seus próprios enlevos, deixaram-nos hits que se espalharam pelo mundo: do primeiro, ainda hoje vibramos com Granada, Madrid, Veracruz; enquanto que, do segundo, nos deleitamos com Siboney (Puerto Siboney), Malaqueña (Málaga), Andalucía, Cubanacan (Cuba), entre outras. Não se há de esquecer o norte-americano Cole Porter (1891-1964), como sua canção/ devoção: I Love Paris / in the springtime, in the winter, in the fall, in the summer... every moment...

Por aqui (intra muros), os leitores já conhecem, de cor e salteada, a letra da universal “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso (1903-1964), gravação de 1939 em que se fala de Mulato inzoneiro, das nossas fontes murmurantes, para o mundo admirar...

Sem adentrar o mundo político, mas já entrando (perdoem a antítese), em gravação de 1951, a voz de Francisco Alves, enaltece o Brasil de Getúlio Vargas, quando da campanha do PTB, em 1950: Bota o retrato de velho/ bota no mesmo lugar. / O sorriso do velhinho / faz a gente se animar – (composição de Haroldo Lobo e Marino Pinto); já a campanha de Juscelino Kubistchek, trazia o retrato do Brasil, como Gigante pela própria natureza, na campanha do PSD, em 1955; a partir de Jânio Quadros, PTN, 1960, as composições musicais enveredaram para louvações mais pessoais. Foi o tempo do Varre, varre, vassourinha... E, por fim, chega-se à história bem mais recente quando se enaltece o homem e não o país, regressando ao tempo de Getúlio. O resto faz parte da história recente, que não nos compete comentar, mesmo porque esse terreno, nos dias de hoje, tem se tornado muito escorregadio. Preferimos, então, falar de música propriamente dita.

Difícil talvez nos seja abstrair os vibrantes hinos do nosso Brasil, mesmo por que, pelo

Asfora o colocou como fiscal da feira. Portanto, esse sujeito, o Madeira, vivia da feira central para a Prefeitura, logo fazendo amizade com pessoas que trabalhavam na Administração Municipal, inclusive secretários. A primeira vez que o então Prefeito campinense Plínio Lemos o viu, ele estava na entrada da sede da Prefeitura. E ficou muito surpreso com tal presença, pois o referido indivíduo agia com a maior desenvoltura. Assim, ao chegar a seu Gabinete, procurou saber com o secretário Asfora quem era aquela figura. Asfora relatou tudo o que sabia do sujeito e Plínio, sempre muito prudente, determinou de imediato: não mais o queria ver nas dependências da Prefeitura: “Que ele permaneça no local designado para seu trabalho, a feira”. Essa foi, como mostra o testemunho histórico, a primeira e última vez que Plínio viu o assassino de Félix, João Madeira.

Felizmente, ainda hoje estão vivas pessoas que viram pessoalmente toda a discussão e os tiros que se seguiram. E um fato nem sempre lembrado: *primeiramente* Félix atirou em Madeira, que revidou, dando-lhe o tiro que poucos dias depois se revelaria fatal, para supremo azar de Félix e consternação generalizada na Paraíba inteira, em particular Campina Grande, onde o luto se tornou bem mais acentuado, por motivos óbvios. São pessoas que nunca quiseram se envolver com os fatos daquele fatídico período – mas que, particularmente, conosco mantiveram longas e esclarecedoras conversas. Vocês não perdem por esperar um pouco mais pelo livro que estou concluindo sobre a vida de Plínio Lemos, incluindo esse importantíssimo capítulo da vida campinense!

Ao publicar tal ou qual foto, deveriam os autores de um artigo ter muito cuidado para se certificarem se o retrato representa verdadeiramente o personagem citado. Num erro mais que crasso, a foto que saiu com a matéria inexistente NÃO é, como já dissemos, do Dr. Plínio Lemos, mas do Dr. Elpídio de Almeida... Para corrigir isto, enviamos, em anexo, duas fotos autênticas de meu avô Plínio. Uma delas retrata o seu rosto, quando da campanha para sua eleição em 1951. A outra, de corpo inteiro, é de quando ele tomava posse como Prefeito de Campina Grande, foto bem reveladora, aliás, de sua alegada “impopularidade”...

E reitero: ainda no corrente ano, sairá nosso livro contendo a visão dele sobre todos os fatos políticos ocorridos de 1922 a 1982, período em que Plínio Lemos mostrou-se mais ativo na vida político-administrativa da Paraíba, do Nordeste e do Brasil. Sem erros crassos, porque com farta documentação, como exige a História com H maiúsculo.

Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

menos o Hino Nacional Brasileiro (Francisco Manuel da Silva e Osório Duque Estrada) ainda é ouvido, nem sempre com o devido respeito pelos que assim deviam fazê-lo. Seria querer muito que ainda se reverenciassem os demais símbolos musicais/marciais dos nossos hinos oficiais: Hino à Bandeira; Salve lido pendão da esperança (Francisco Braga e Olavo Bilac), Hino da Independência: Já podeis da Pátria, filhos (D. Pedro I – Evaristo Ferreira da Veiga).

Todas essas considerações nos vêm a propósito de incursões pela música popular brasileira de algumas criações que se tornaram hits em nosso cançãoário mais recente.

Vicente Celestino, por exemplo, nos legou a gravação de uma das mais retumbantes composições dentro dessa perspectiva dita ufanista: “Terra Virgem”, parceria dele com Mário Rossi (gravação de 1942), que assim diz: O meu Brasil, para aumentar a tua glória / dia virá no teu futuro ascensional / em que o mundo invejará a tua história / porque serás o paraíso universal!

Um pouco mais adiante, tivemos Jorge Ben(jor), em 1969, com seu País Tropical: Moro num país tropical, abençoado por Deus / e bonito por natureza (mas que beleza! (Continua)



## CALENDÁRIO TURÍSTICO

# Rota Cultural Raízes do Brejo é retomada

Na última quarta-feira (31), aconteceu o lançamento oficial da programação da Rota Cultural Raízes do Brejo, que está em sua quarta edição. A solenidade ocorreu na cidade de Serra da Raiz, no Engenho Boa Vista. Este ano, a Rota passará por 10 cidades: Belém, Alagoinha, Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz, Borborema, Dona Inês, Pirpirituba, Pilõezinhos e Guarabira, esta última, participando pela primeira vez do calendário do evento.

Assim como o Caminhos do Frio, a Rota Cultural Raízes do Brejo retoma em 2022 após dois anos de pausa devido às recomendações de distanciamento social trazidas pela pandemia do Covid-19.

O Fórum de Turismo Sustentável do Brejo paraibano, realizador das Rotas Culturais na região, mobiliza prefeituras e o setor privado para que, com estes eventos, se desenvolvam oportunidades de negócios para mais de 100 famílias até dezembro deste ano, traçando essa possibilidade como meta.

Jaime Souza, atual presidente do fórum, garante grandes expectativas para o Raízes do Brejo deste ano. “Esta edição promete ser uma das maiores que já tivemos, organizamos políticas públicas voltadas para o turismo, buscando colocar estas cidades e a região do Brejo no mapa do turismo brasileiro. A Rota vem se consolidando no calendário turístico e inúmeras agências já estão se preparando para levar os turistas para os roteiros que o Raízes do Brejo promoverá”, disse.

Apoiada por grandes instituições, a Rota Cultural apresenta roteiros e passeios, e tem por objetivo fomentar e divulgar a identidade das cidades por meio da arte, culinária e cultura, por exemplo. “Nós somos uma região acolhedora, uma região unida que trabalha o desenvolvimento da economia



Fotos: Divulgação

Programação foi apresentada ao público em evento no último dia 31



Lançamento reuniu convidados no município de Serra da Raiz

através do turismo. Temos essa meta e construímos isso juntamente com o Sebrae, a Fecomércio e a Rede Paraíba de Supermercados, esta última, que está patrocinando as duas Rotas Culturais do Brejo, além do Governo do Estado, acreditando e investindo no nosso turismo”, afirmou Jaime Souza.

O Raízes do Brejo tem início no dia 23 de setembro em Belém, a cidade a abrir a quarta edição da Rota. A seguir a sequência das cidades e suas respectivas datas de realização.

**Datas da Rota Cultural Raízes do Brejo**

- Belém – 23 a 25 de setembro
- Alagoinha – 7 a 9 de outubro
- Duas Estradas – 14 a 16 de outubro
- Lagoa de Dentro – 21 a 23 de outubro
- Serra da Raiz – 4 a 6 de novembro
- Borborema – 11 a 13 de novembro
- Dona Inês – 18 a 20 de novembro
- Guarabira – 25 a 27 de novembro
- Pirpirituba – 2 a 4 de dezembro
- Pilõezinhos – 9 a 11 de dezembro

(Blog Turismo em Foco, jornalista Fábio Cardoso)

## PRATO DO DIA

# Mocofava

**Ingredientes:**

- 1 unidade de mocotó fatiado
- 1 kg de feijão branco (fava)
- 50 ml de azeite extra virgem
- 2 litros de água
- 1 unidade de cebola grande picada
- 1 kg de linguiça calabresa
- 2 colheres (sopa) de alho picadinho
- 1 colher (sopa) de colorau
- 1 unidade de limão
- 1 colher (sopa) de salsinha picada
- Semente de coentro moída a gosto
- Pimenta vermelha a gosto
- Sal a gosto

**Modo de preparo:**

- Lave bem o mocotó bem cortado. Esfregue o limão e apenas passe por água fervente.
- Doure o alho e a cebola no azeite, acrescente o colorau, o mocotó, a água e o sal e cozinhe em panela de pressão por 45 minutos.
- Lave a fava e afervente por três minutos, por três vezes, trocando a água para que não fique amarga.

■ Quando o mocotó estiver cozido, abra a panela, acrescente a fava e cozinhe por 15 minutos, ou até que fique macia.

■ Acrescente salsinha, coentro, a calabresa e pimenta a gosto.

■ Sirva com farinha de mandioca, arroz branco e boa pimenta ou igual o da fotografia.

# Walter Ulysses

Walter Ulysses  
| Colaborador

## O cliente nunca mais volta!

Recentemente, estava vendo uma entrevista muito antiga de Sam Walton, fundador da maior loja de varejo do mundo, a Wal-Mart, e uma das coisas que ele falou me chamou muito a atenção: “Eu sou um homem que vai a um restaurante, senta-se e espera pacientemente, enquanto o garçom faz tudo e esquece o principal: de escrever os pedidos”.

Sabe o que eu faço? Sou o cliente que nunca mais volta!

Aqui as pessoas têm o costume de fazer tudo esperar, e acharem que o locais é que são especiais e não o cliente.

Mas só existe um chefe que manda na sua empresa: o cliente. E ele pode demitir todas as pessoas da empresa, do proprietário ao cozinheiro, ao faxineiro... simplesmente levando o seu dinheiro para gastar em outro lugar no qual ele seja bem atendido.

Vejo muitas empresas gastarem dinheiro com marketing, rede social, mídia de rádio e TV para levarem o cliente até seu estabelecimento, porém, deixarem faltar o essencial: um treinamento em gentileza e atendimento ao cliente. Ninguém vai a um restaurante, a um boteco, ou outro local, seja qual for o ramo, para ficar estressado ou irritado com o atendimento. É simples e barato um treinamento de cortesia com um profissional especializado em gestão e consultoria. O alimento o qual o cliente está indo comer é valioso, mas o atendimento é a essência local.

Às vezes o empresário está preocupado em transformar seu ambiente no melhor de todas as formas, e esquece que, além de todas as coisas, o atendimento é o mais importante para que seu cliente não esteja ali pela última vez!

Foto: Pixabay



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) com Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.